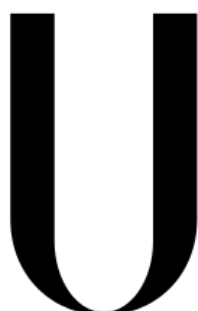


**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**LISBOA**

---

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

**EQUIDADE DE GÉNERO NO NAMORO – EU QUERO A SORTE  
DE UM AMOR TRANQUILO**

**Luiza Mazane Alencar Coelho**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

Área de Especialidade Desenvolvimento Social e Cultural

Dissertação orientada pelas Professoras Doutoradas Carmen Cavaco  
e Isabel Freire

2020

## **Todo o amor que houver nessa vida**

Eu quero a sorte de um amor tranquilo  
Com sabor de fruta mordida  
Nós na batida no embalo da rede  
Matando a sede na saliva

Ser teu pão  
Ser tua comida  
Todo o amor que houver nessa vida  
E algum trocado pra dar garantia

E ser artista no nosso convívio  
Pelo inferno e céu de todo dia  
Pra poesia que a gente nem vive  
Transformar o tédio em melodia

Ser teu pão  
Ser tua comida  
Todo o amor que houver nessa vida  
E algum veneno antimonotonia

E se eu achar a tua fonte escondida  
Te alcanço em cheio mel e a ferida  
E o corpo inteiro como um furacão  
Boca, nuca, mão e a tua mente não

Ser teu pão  
Ser tua comida  
Todo o amor que houver nessa vida  
E algum remédio que me dê alegria

Ser teu pão  
Ser tua comida  
Todo o amor que houver nessa vida  
E algum trocado pra dar garantia  
E algum veneno antimonotonia  
e algum....

Compositores: Cazuza e Frejat.

## **RESUMO**

Nesta investigação, realizada no quadro do Mestrado em Educação e Formação, tendo como especialidade Desenvolvimento Social e Cultural, buscamos apresentar um contributo quanto ao estudo das relações de género, mais especificamente a equidade de género no namoro. Para tal, tivemos como pontos balizadores as seguintes questões ao tentar apreender a perceção de jovens estudantes universitários sobre a equidade de género no namoro: 1) Qual a perceção dos estudantes do ensino superior sobre a equidade de género no namoro?; 2) A perceção dos estudantes do ensino superior sobre a equidade de género, no namoro, difere entre rapazes e raparigas? 3) Qual a perceção dos estudantes do ensino superior sobre direitos e deveres vivenciados pelo casal? 4) Qual a perceção dos estudantes do ensino superior sobre as relações de poder vivenciadas pelo casal? 5) No namoro, como são vividas e resolvidas as situações de conflitos e/ou de violência? Para tal, contámos com a participação voluntária de sete estudantes do Instituto de Educação e Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Com a análise de dados conseguimos um melhor entendimento da questão e a constatação de que os estudantes entrevistados têm a perceção de que homens e mulheres devem ter direitos iguais, sendo que tal perceção não diferiu entre os géneros feminino e masculino. Os direitos principais revelados pelos jovens foram: privacidade, respeito, diálogo, lealdade e liberdade. Quanto às relações de poder, também concordam quanto a equidade entre os pares.

**Palavras-chave:** equidade de género, namoro, juventude

## **ABSTRACT**

In this research, carried out at the core of master in Education and Training, focusing on Social and Cultural development, we sought to contribute to the study of gender relations, more specifically gender equity. Understand young college students' perceptions of gender equity in dating. 1)What is the perception of higher education students about gender equity in dating? 2) Does the perception of higher educations students about gender equity in dating differ between boys and girls? 3)What is the perception of higher education students about rights and duties experienced by the couple? 4) What is the perception of higher education students about the power relations experienced by the couple? In dating, how are conflict and/or violence situations experienced and resolved? To this end, we have the voluntary participation of seven students from the Institute of Education and Faculty of Psychology of the University of Lisbon. With data analysis we got a better understanding of the issue and the finding that students have the perception that men and women should have equal rights, such perception did not differ between female and male, the main rights revealed by young people were, privacy, respect, dialogue, loyalty and freedom. As for power relations, they also agree on equity between peers.

**Keywords:** gender equity, courtship, youth

## **Agradecimentos**

Nessa jornada tive muito apoio, antes e durante o caminho, e decidi nomear alguns aqui, aos quais faço questão de agradecer. Meu muito obrigada a todos.

Verônica, parafraseando o poeta Raul Seixas (Raulzito) “Sonho que se sonha só. É só um sonho que se sonha só. Mas sonho que se sonha junto é realidade”, planejamos e sonhamos isso juntas, e fizemos uma pensando e dedicando para a outra, minha irmã que com o tempo se tornou melhor amiga e quer adotar a todos que encontra, inclusive eu, muito amor aconteça o que acontecer.

Vovó Nega, minha amada avó paterna (fez o papel de mãe enquanto a minha trabalhava) – já se foi há algum tempo, mas permanece e permanecerá comigo, amor e saudade para sempre.

Vovó Bebê, minha amada avó materna, antes de vir para Lisboa, a deixei bem e com o sorriso tímido de sempre a me desejar boa viagem e dizendo para eu tomar cuidado, fiquei sabendo que ela nos deixou e nem pude dar o último adeus, não acredito que aconteceu ainda.

Maria José, minha mãe, que sempre me incentivou a estudar e foi a patrocinadora oficial, muita admiração pela força.

José Maria, meu pai, de quem herdei o lado sonhador e agradeço muito por isso.

Hallana Maria, riqueza da nossa vida, amor sem exigências, trouxe luz à nossa casa, minha sobrinha do coração.

Didita, minha madrinha, e meu querido padrinho João, ele hoje vive em nossos corações ambos exemplo de família, que me apoiaram desde que nasci.

Beth, quem escolheria como madrinha a professora de português? Eu escolhi e foi ótimo, além de me visitar durante essa saga, ainda me trouxe um bocado do Pará para eu poder matar a saudade.

Tia Arlete, tio Edvaldo, tio Airton, tia Cidinha, tio Quinca, tio Paulinho, tia Naza e tio Joãozinho, me acompanharam desde a infância. Cada um à sua maneira construiu uma parte da minha personalidade.

Vilciane, Felipe e Laura, primos e sobrinha, já passamos por muitas histórias juntos, me visitaram durante essa jornada, o que rendeu muitas risadas e atropelos.

Gilson, meu primo, conselheiro e cúmplice, uma pena vê-lo tão pouco, mas quando o vejo cada segundo vale a pena.

Cláudia, minha prima, fonte de inspiração e exemplo de força e dedicação, foi a precursora nas aventuras acadêmicas além-mar da família, muito admiração.

D. Ana, uma amiga que chegou a mim de forma um tanto quanto inusitada, mas chegou para ficar e agradeço por isso.

Denis e Wallison – amigos de outros carnavais, de círios e de visitas maravilhosas em casa, me apoiaram sempre nesse sonho.

Jesus, Roberto e Eramos cantam: “Você meu amigo de fé, meu irmão camarada, amigo de tantos caminhos, de tantas jornadas.” Minha amiga para todos os momentos, minha procuradora, muita vida compartilhada, paciência, muita paciência.

Michelle, Marco Antônio, Júnior Leão, posso falar de nossa amizade com a ajuda de Milton Nascimento: “Amigo é coisa pra se guardar, debaixo de sete chaves, dentro do coração. Assim falava a canção que na América ouvi.” Na alegria e na tristeza, amigos cúmplices de toda uma vida, quanta história para contar e muitas mais por vir. E os descendentes, Maria Fernanda (minha afilhada) e Ana Carolina, também fazem parte disso.

Socorro, amiga com a casa e o coração sempre abertos a nos receber nas ocasiões mais diversas, principalmente as festivas.

Neidinha, amiga que foi apoio nos sonhos que tive e dividiu muitas aflições nos preparativos e alegrias também.

Thila, uma conversa de uma noite pode mudar toda uma vida, com ela foi assim, coragem para fazer o que se quer.

Natália, minha amiga e conterrânea, ajudou muitíssimo na minha chegada a Lisboa. Sem ela, nem quero imaginar o que poderia ter acontecido. Me acolheu juntamente com sua família, lembrarei disso para sempre.

Tiago Rebelo – encontramos pessoas pelo caminho que fazem a diferença por meio dos detalhes, e são tais detalhes que continuam conosco na continuação da caminhada.

D. Elizabete – de senhoria passou a amiga. A sua ajuda foi fundamental para a estadia e também para conhecer lindos lugares de Portugal.

Vanessa, Daniella, Duarte e Rafael, de colega de apartamento a amiga, foi assim com a Vanessa e a Dani e o Duarte, de quem acompanhei quase dois anos de crescimento. vieram de brinde, dividir o mesmo lar com essa família foi algo muito especial, o Rafa veio depois, mas também fez parte dessa história.

Regina, amiga Rê, o abraço mais acolhedor que existe nesse mundo, alguns círios e muitas coisas para contar.

Nicole, minha “amiga alemã”, assim a chamávamos em Belém. Reencontrá-la do outro lado do oceano, em terras napolitanas, foi realmente muito especial.

Flávia, a mãe da Gaia, exemplo de luta pelos seus objetivos, conversas terapêuticas a caminho do trabalho, no BRT eternamente em construção. Aprendi um bocado.

Equipe Florestan, Iris, Adriana, Tatiane, Cris, Marcya, Dilermando, Sammya e Gideon –pessoas superespeciais que, para além de equipe de trabalho, se tornaram amigos. Muito aprendizado.

Equipe Madalena Raad, escola em que estive antes de vir para cá. Foram muitas situações adversas, mas com tudo se aprende alguma coisa.

Turma do Mestrado e professores 2017/2018 – dividiram comigo as aulas, muitas discussões frutíferas e vivências.

Janete, “a cegonha deve ter errado na entrega”, ela é minha irmã da Angola. Talvez tivesse voltado no primeiro mês para Belém se não fosse sua ajuda, muito amor, muitas distrações.

Vizinhos da Anchieta – vou nomear apenas a vizinha Socorro como representante-mor. São amigos para todas as horas, muitas festas, algumas tristezas, mas tudo dividido, para a vida se tornar mais leve.

Kleber Roberto – costume chamá-lo de anjo da guarda, e ele o foi várias vezes para mim, de uma bondade admirável.

Antônio Maria, Alexandre Araújo, Mauro Araújo – cuidaram de minhas dores e tentativas de melhorar, almas boas que aparecem pelo caminho e nos ajudam a seguir em frente.

Natália, Daniel e Vinícius, donos na “minha casa de campo”, nos recebem com um afeto tão genuíno que não dá vontade de sair de lá.

Daniele, Ester e Sophia primas queridas, e sobrinha amada, as vi nascer e hoje se transformaram em amigas e vizinhas.

Carmem Cavaco, minha orientadora no percurso desta dissertação – só tenho a agradecer a acolhida, foi a primeira pessoa que conheci do curso, teve muita paciência comigo e me esclareceu muitas coisas.

Isabel Freire, também minha orientadora – amor à primeira vista, ajudou-me em toda jornada. Um abraço acolhedor e conversas de incentivo foram fundamentais neste caminho tão cansativo.

## **Dedicatória**

Durante a realização da presente pesquisa, recebi uma ligação inesperada por volta das 6 da manhã do dia 27 de março de 2019. Era minha irmã que, justamente neste dia, estava em outra cidade próxima a Lisboa (resolvendo questões de documentação). Esperaria que ela me desse qualquer notícia menos a que ela me deu: nossa avó Maria Luiza (da qual herdei com muito orgulho o nome Luiza) havia nos deixado, saiu da emergência após um problema “simples” de estômago e, ao voltar para casa, se sentiu mal e parou de respirar dentro do carro, nos braços da minha tia. Se foi da mesma forma que estive nesse mundo, sem dar trabalho, sem maiores escândalos ou comoções. Ela sempre foi assim, de poucas palavras, quieta no seu canto, mas não foi por isso que deixou de ser uma mulher forte, que criou seus quatro filhos sozinha, depois de seu marido “sair para comprar cigarro e não mais voltar”. Eram quatro filhos, dos quais minha mãe era a mais velha e estava na época com 14 anos, e um dos filhos – o mais novo – por problemas de saúde era uma eterna criança e exigia cuidados especiais 24 horas por dia. Apesar de todos os problemas que sempre enfrentou, nunca a vi reclamar de nada. Como disse, ela falava pouco, mas era certa em suas poucas palavras. A sensação de saber que a havia perdido e não estava lá para uma última despedida é indescritível. Quando atravessei o oceano para a realização do sonho de fazer um mestrado, não imaginava metade das coisas que iria passar. Tem sido uma experiência, com coisas difíceis, descobertas e coisas boas também. Mas tenho a certeza de que o facto de perdê-la estando longe vou guardar para sempre. Muitas pessoas dizem que me pareço com ela quanto ao agir. Sei que não sou tão boa quanto ela, mas fico muito orgulhosa de ouvir esta comparação. Para mim é e sempre será um elogio sem tamanho. Senti necessidade de escrever esse desabafo/dedicatória para poder continuar com a escrita. Então, o que posso dizer é que dedico este trabalho a uma das mulheres mais fortes que conheci na vida, linda, admirável, de uma tranquilidade ímpar e da qual agradeço cada segundo em que estive próximo a ela. Minha eterna e amada Vovó Bebé.

## ÍNDICE

<b>RESUMO .....</b>	<b>3</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>4</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>5</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I - GÊNERO, JUVENTUDE E NAMORO.....</b>	<b>15</b>
1. QUESTÕES DE GÊNERO.....	15
2. CONSTRUÇÃO SOCIAL DA JUVENTUDE.....	28
3. NAMORO .....	37
Capítulo II - Metodologia de Investigação .....	44
1. OBJETIVOS DO ESTUDO E PROBLEMÁTICA .....	45
2. ABORDAGEM QUALITATIVA .....	46
3. ENTREVISTA SEMIDIRETIVA .....	48
4. ANÁLISE DE CONTEÚDO .....	50
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>51</b>
1. OS PARTICIPANTES .....	52
2. AS PERCEÇÕES DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR ACERCA DOS DIREITOS E DOS DEVERES NO NAMORO .....	54
3. AS PERCEÇÕES DOS RAPAZES E DAS RAPARIGAS QUANTO À EQUIDADE DE GÊNERO.....	55
4. AS RELAÇÕES DE PODER VIVENCIADAS PELO CASAL.....	58
5. VIVÊNCIAS E RESOLUÇÕES DE SITUAÇÕES DE CONFLITO E/OU DE VIOLÊNCIA NO NAMORO.....	61
6. PERCEÇÃO DOS ENTREVISTADOS QUANTO ÀS QUESTÕES APRESENTADAS .....	64
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>69</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>72</b>



## INTRODUÇÃO

A investigação visa compreender o modo como os jovens estudantes universitários entendem a equidade de género no namoro. Nesse sentido, a investigação centrou-se na seguinte questão orientadora: Qual a perceção dos estudantes do ensino superior sobre a equidade de género no namoro? Assim, os temas da igualdade de género, da juventude e do namoro revelaram-se estruturantes nesta investigação.

Na questão de género baseámo-nos no pressuposto apresentado por Louro (2007), que chama a atenção para um aspeto a ser considerado e valorizado nas investigações que seguem uma perspetiva de género – não há uma compreensão única e determinante para conceituar definitivamente género ou sexualidade, sendo por isso importante considerar a pluralidade existente. Ou seja, “essa diversidade, que pode, aos olhos de uns parecer catastrófica, também pode, aos olhos de muitos, ser saudada como indicadora da vitalidade e da contemporaneidade dos campos teóricos e políticos a que nos dedicamos” (Louro, 2007, p. 205). No decorrer da investigação percebemos que tal conceção é ratificada na bibliografia consultada e nas entrevistas realizadas. Parece-nos essencial assumir que, quando se trata da temática da igualdade/equidade entre os géneros, a visão dicotómica ainda persiste como um entrave (Louro, 2007).

Do ponto de vista teórico considerámos importante assumir a complexidade dos fenómenos sociais e educativos em estudo, por isso optámos por reconhecer a pluralidade e a diversidade de correntes teóricas que abordam as questões de género. Ressalta a complexidade do tema, o quanto é um campo fértil e em constante modificação (Louro, 2007).

Quanto à escolha do conceito de equidade de género ao invés de igualdade de género, detemos ciência de que ambas têm um significado semelhante, e para alguns até mesmo equivalente, contudo logramos ilustrar essa sutil distinção, com a qual elegemos um termo em detrimento do outro, com a benesse de Aristóteles (2019): o filósofo descreve equidade enquanto uma virtude, ao compará-la com a justiça, e salienta que tais termos não são inteiramente análogos nem abstratamente díspares, sendo portanto semelhantes ao assinalar enquanto justo, conquanto equidade seja mais adequada. Desta forma podemos entender que equidade serve para adequar o que é justo, quando a justiça estiver a ser utilizada de forma geral sem respeitar as necessidades específicas de cada indivíduo.

Com tais informações, nos arriscamos a acreditar ser o termo equidade o que mais se assemelha com a justiça a ser construída entre os gêneros. Logo, quando houver outro termo que não este, deve-se levar em consideração esta preocupação, a de haver justiça, porém não a justiça utilizada genericamente, e sim a justiça no tratamento de todos da forma que estes precisarem de ser tratados.

No que respeita à concepção de juventude, adotamos o pensamento de Dayrell (2003) quando considera a juventude do ponto de vista da “sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um ‘vir a ser’, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente” (p. 40). Neste contexto, tornou-se possível no decorrer da investigação um olhar, com uma nova percepção para esta etapa da vida humana, tantas vezes negligenciada pelo Estado, pela educação, pela psicologia e pelas ciências sociais, como um todo. No decurso da pesquisa foi possível, através da teorização de alguns autores, conhecer novos conceitos relacionados com a construção social da juventude, entre eles ressalta-se como o mais significativo o de *adulterz emergente*, defendido inicialmente por Arnett (2009).

Em relação à temática namoro, Alberoni (2002) apresenta-nos um relevante conceito, considerando que namoro é a “[...] fusão de duas pessoas diferentes. Para que haja namoro é necessário que haja diversidade que já existe e deve existir. Queremos ser amados como seres únicos, extraordinários, insubstituíveis. Isso não pode ser alcançado nas organizações onde todos somos substituíveis” (p. 4). Conforme Alberoni (2002) aponta, o namoro é entendido como o relacionamento entre duas pessoas, “fusão de duas pessoas diferentes” respeitando a diversidade, a diferença que há entre estas duas pessoas, ressaltando o desejo de serem tidas como únicas para a outra pessoa.

Na presente investigação, o pensamento das autoras Louro (2007) e Haraway (2004) foi balizador para discutir as questões teóricas sobre gênero. Louro (2007) salvaguarda que é sem dúvida mais frequente pensar em termos de binarismos, não trilhando outras possibilidades e caminhos de vivência do gênero. Neste trabalho optou-se por estudar casais de namorados heterossexuais. A autora considera que a temática de gênero está imersa em tabus e em diversidades, podendo ser entendida como um revés por alguns. Porém para outros, pode ser tida como um campo repleto de vivacidade e muito atual (Louro, 2007).

No decorrer do trabalho, filiámo-nos no pensamento de Haraway (2004) quando esta afirma que “género é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta” (p. 211). Porquanto, em conformidade com a ideia de género da autora apreendemos a necessidade deste embate que se opõe de maneira veemente à contraditória defesa da natureza sexual, enquanto justificativa para discriminações da parte de um dos géneros, em detrimento ao outro, como realça Haraway (2004). Ao longo do trabalho de investigação foi notório que o pensamento defendido pela autora é de grande significação, coerência e digno de um olhar humano, fazendo utilização constante da possibilidade de se colocar no lugar do outro, buscando uma compreensão empática e benevolente com o próximo.

O tema da investigação não foi escolhido ao acaso. Pelo contrário, resultou da experiência de vida e das preocupações da investigadora. A investigadora já havia trabalhado a temática com grupos de mulheres, o que despertou o interesse pela busca de um melhor e mais aprofundado conhecimento sobre o assunto. Por outro lado, também pelas vivências ocorridas no dia a dia enquanto mulher, e vítima de estereótipos quando se trata da “mulher brasileira”, e pela inquietação e utopia de que uma relação equitativa entre os géneros é possível, desenvolvida em contextos sociais mais saudáveis para todos, sem distinção de qualquer natureza.

Os temas estudados neste trabalho apresentam interesse por si só – igualdade de género, namoro e juventude. Quando estudados na sua relação e interação deparamo-nos com a complexidade do estudo, pois são temas que exigem um tratamento sensível e cuidadoso, assegurando-se importantes dimensões éticas e uma abordagem das controvérsias e dos enviesamentos que marcam este campo de estudo. A equidade de género é uma questão sensível e complexa, interligada com questões sociais e culturais, nomeadamente, com a perceção e vivência do poder. No decorrer da investigação, procurámos compreender algumas dimensões através de questões mais específicas: A perceção dos estudantes do ensino superior sobre a equidade de género no namoro difere entre rapazes e raparigas? Qual a perceção dos estudantes do ensino superior sobre direitos e deveres vivenciados pelo casal? Qual a perceção dos estudantes do ensino superior sobre as relações de poder vivenciadas pelo casal? No namoro, como são vividas e resolvidas as situações de conflitos e/ou de violência?

O nosso desejo seria realizar a pesquisa com casais de namorados tanto de

géneros iguais quanto de géneros diferentes, porém acreditamos que com o tempo que tínhamos disponível para a pesquisa não se conseguiria dar a ênfase à complexidade que o assunto merece. Portanto, a proposta do presente trabalho foi compreender a equidade no namoro, em casais heterossexuais, a partir das relações de género.

Sendo relativa ao entendimento dos estudantes do ensino superior sobre a equidade de género, a dissertação foi organizada da seguinte maneira: no I capítulo – O mundo anda tão complicado – buscamos conceituar a temática género, realizar um pequeno percurso histórico quanto ao feminismo e fazer um apanhado de estudos a respeito das questões de género para situar a sua possibilidade de equidade; também realizamos um estudo a respeito da construção social da juventude, já que os entrevistados foram jovens universitários, tendo surgido assim esta necessidade; a seguir discutimos sobre alguns conceitos de namoro e sobre a equidade existente nas relações entre pares.

No II capítulo – Metodologia de investigação – apresentamos os objetivos e a problemática do estudo, o ponto de vista metodológico, onde optámos pelo paradigma fenomenológico interpretativo, no sentido de captar o modo como os indivíduos vivenciam e interpretam a equidade nas relações de género no namoro; seguindo com o tópico do capítulo, tratamos o ponto de vista metodológico, onde elegemos a abordagem qualitativa; e apresentamos também a forma de recolha de dados empíricos, através da realização de entrevistas semidiretivas, por considerarmos ser o instrumento e a técnica mais adequados ao desenvolvimento desta investigação.

O III capítulo trata da análise dos dados, onde utilizamos a análise de conteúdo porque pretendemos entender através das entrevistas realizadas, juntamente com a bibliografia, o sentido que os jovens universitários, alunos da Faculdade de Psicologia e do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, dão ao namoro, aos direitos e deveres existentes neste tipo de relação e principalmente como é percebida a equidade de género.

## Capítulo I – Género, juventude e namoro

Devemos tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na medida de sua igualdade.

Aristóteles

### 1. Questões de género

É, naturalmente, importante propor uma conceituação de género antes de se começar a discussão relativamente à equidade de género. Acredita-se que os temas estão intimamente ligados, ao ponto de ser difícil falar somente a respeito de género sem mencionar uma certa, e meio que ‘natural’, complexidade.

Para tal avanço, um dos primeiros pontos a se aceitar e que pode ser tido como ponto de partida é a ideia de finalmente aceitar a complexidade e multiplicidade de possibilidades existentes ao se estudar género, pois para tal estudo é mister que se leve em consideração a diversidade de combinações a se entrelaçar ao estudo de género, que são sexualidade, etnia, classe, entre muitos outros (Louro, 2003).

Surgiu no início do trabalho aqui exposto, após leituras e discussões bastante proveitosas, a dúvida quanto ao título mais adequado: se seria igualdade de género, ou até mesmo relações de género, entre outros. Porém, decidiu-se por utilizar o termo Equidade de Género, pois, por mais que não seja um termo usual, acreditamos ser o mais apropriado para explicitar o que se pretendia com esta investigação, que era especialmente compreender melhor como estavam os relacionamentos entre os pares, no presente caso estudantes universitários, e não queríamos de forma alguma cair na tão escrita, lida, relida, debatida e questionada dicotomia. Para entendermos melhor isso podemos nos respaldar em Louro (2006): “Coerente com a crítica lógica dos binarismos, apostamos na possibilidade de questionar as oposições consagradas, entre elas homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual” (p. 11).

Santos Rêgo *et al.* (2019) acrescentam um ponto relevante quanto aos conceitos igualdade, desigualdade e equidade, quando referem que na educação, ao se fazer menção ao desigual, logra-se deparar com uma subtileza elucidativa e estimulante, pois

isto irá sugerir injustiças, discriminação, e até mesmo tratamento diferenciado tanto ao nível pessoal quanto social por conta da origem, do sexo, da etnia, entre outras diversidades presentes.

Estando esta investigação a abordar justamente a subtileza existente entre algumas temáticas, o exemplo cabe bem ao termo, para ser empregado quando se discute o estudo de gênero, pois o gênero também é um motivo de determinadas segregações, nos mais diversos espaços sociais e não é diferente no ambiente escolar.

Seguindo com o raciocínio de fugir às ideias dicotomizadas, Etxeberria *apud* Santos Rêgo *et al.* (2019) mostra que “recentemente, o termo equidade foi introduzido, tentando superar a dicotomia igualdade-desigualdade. A equidade na educação refere-se ao tratamento que permite a cada criança melhorar e progredir de acordo com suas possibilidades, em estreita relação com a igualdade de oportunidades” (p. 454). Assim, atentamos aqui a mais um motivo para a escolha de equidade em detrimento de igualdade. Sem dúvida, acreditamos que o primeiro termo é o mais adequado, tanto em estudos realizados no âmbito educacional quanto no social e cultural. Pois o importante e essencial é levar em consideração as capacidades de cada um para oferecer oportunidades diferenciadas em consonância com a necessidade apresentada individualmente.

Como o mestrado desenvolvido é em Educação e Formação torna-se necessário pensar em um contexto de gênero e educação, uma vez que a educação é um importante meio para auxiliar na criação de um novo modo de pensar a relação entre gêneros. Ao longo do presente trabalho foram mostrados conceitos e discursões que demonstram a importância de estudar a questão de gênero e fazer uma ligação através da educação é de grande valia para o desenvolver.

A escola deveria ser um espaço livre de qualquer tipo de exclusão, porém não é o que a história nos aponta, uma vez que a escola esteve ligada às ‘diferenças e desigualdades’, o que teve início nas reservas obrigatórias para a entrada no espaço escolar, visto que “A escola, enquanto instituição responsável pela formação dos sujeitos, foi concebida distinguindo os que podiam e não podiam ser ‘formados’, os que tinham ou não tinham direitos de adquirir conhecimentos “(Brito & Freitas, 2014, p. 157).

Tanto a educação quanto o sistema escolar comungam dos pilares sexistas que

têm como base a desigualdade entre os géneros (homem/mulher), que acaba por ser estendida aos demais sistemas que são partes de uma sociedade, como a questão de emprego, política, cultural, académica, etc. E ao relacionarmos género e educação com o ‘exercício da cidadania’ vemos que os seres humanos e seus grupos permanecem “protagonistas e/ou vítimas de discriminação velada e explícita, seja por razões ligadas a um pensamento essencialista e binário, que acentua dissemelhanças e fomenta hierarquias, seja porque a diferença é vista como ‘desvio’ do tradicional ou do normativo” (Vieira & Ostrouch-Kamińska, 2017, p. 9).

Freire (2018), ao escrever o livro *Pedagogia da autonomia* mostra que “a educação é uma forma de intervenção no mundo” (p. 96). E é dessa maneira que podemos pensar uma educação menos sexista, menos excludente e mais libertadora e voltada para a igualdade de facto e de direito.

A pesquisadora Scott (1989) afirma que o termo género (*gender*) passou a ser utilizado distinguido de sexo pelas feministas anglo-saxónicas, com o objetivo de contrapor-se à determinação biológica existente, ainda que de forma velada, nos termos sexo ou mesmo da diferença sexual. Com isso, as mesmas tinham o intuito de acentuar o carácter especificamente social de distinções antes baseadas unicamente no sexo.

Com a introdução do termo género, passou a existir uma forma de se enxergar as relações humanas, em especial as relações entre os sexos, não somente balizadas por princípios biológicos (Scott, 1989).

Com base nas leituras reificadas logramos proferir ser a perspectiva de género uma essencial configuração de se vislumbrar as relações socialmente. Para, a partir disso, serem possíveis novas construções e permitir o surgimento de um leque de alternativas, quanto ao estudo teórico entre os sexos, que hoje se pode nomear de estudos de género (Scott, 1989).

Foi no século XIX que se registrou o movimento feminista organizado e com extensão internacional, isso para dar resposta à revolução industrial e ao capitalismo que afetavam toda a sociedade de forma demasiado negativa, e às mulheres em especial por não usufruírem nem de direitos civis nem políticos, logo sem direito a independência alguma. Logramos, portanto, ser este século assinalado por grandes movimentos sociais, que sobretudo lutavam por justiça coletiva (Garcia, 2015).

Foi nessas circunstâncias que surgiu nos Estados Unidos da América do Norte o

movimento sufragista, originando assim o âmago do feminismo neste país, Garcia (2015) ressurte quanto à presença de representantes de tal movimento em um congresso de relevância internacional: “Durante o congresso antiescravista mundial que aconteceu em Londres em 1840, as quatro delegadas norte-americanas não foram bem recebidas. Os congressistas ficaram escandalizados com sua presença, [...]. As quatro mulheres só puderam assistir às sessões atrás das cortinas” (p. 58-59).

A estudiosa ilustra, inclusive, que alguns autores acreditam ser esse episódio o início do movimento feminista, nesse momento voltando suas determinações sobretudo para o reconhecimento dos direitos da mulher. Cabe nomear duas dessas delegadas: Lucretia Mott, que estabeleceu a Sociedade Feminina contra a Escravidão, e Elizabeth Stanton, a qual sagrou-se com justiça como uma pensadora evidente para o sufragismo, tendo escrito a ‘Declaração de sentimentos’ texto fundador do relevante movimento sufragista.

Ambas personagens de importância ímpar no movimento sufragista mas que infelizmente não presenciaram seu intento, sendo sabido que o direito ao voto feminino, entre outros direitos civis, só veio a acontecer de facto em 1920, oitenta anos após o episódio de Londres. Garcia (2015) reitera que o movimento sufragista, que lutava para que as mulheres votassem e tivessem direitos civis, “levou oitenta anos para conquistar ambos, o que supõe três gerações de militantes” (p. 64).

É cabal evidenciar que, para as sufragistas, o direito ao voto na verdade foi uma estratégia – sua luta era por igualdade de direitos, mas consideravam que a partir do direito ao voto teriam acesso à política e poderiam conseguir mudanças maiores em favor da democracia. “O voto era um meio de unir as mulheres de opiniões políticas diferentes, já que todas estavam excluídas por serem mulheres” (Garcia, 2015, p. 64).

Outra representante marcante para o feminismo foi Emma Goldman, russa radicada nos Estados Unidos da América do Norte, que protagonizou uma cena histórica para o feminismo no ano de 1915, ao explicar em público como se utilizava um anticoncetivo e que com a chegada da polícia, ao invés de pagar a multa de 100 dólares que lhe foi proposta, preferiu ir para a penitenciária. Diz-se sobre a vanguardista que ela já andava com um livro para ler na cadeia, dada a quantidade de vezes que foi privada da liberdade ao falar em público. No caso citado do contraceptivo, Garcia (2015) retrata o seguinte: “A imprensa publicou o facto dizendo: Goldman foi enviada à prisão por

defender que as mulheres nem sempre devem manter a boca fechada e o útero aberto” (p. 87).

Com o movimento sufragista, emergiu a chamada segunda onda feminista; a terceira onda ocorreu justamente no pós-guerra. No contexto do surgimento do termo gênero e na conjuntura dos movimentos feministas, no pós-guerra, Haraway (2004) ressalta uma famosa frase de Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher.” Para Haraway, “os significados modernos de gênero se enraízam na observação de Simone de Beauvoir na qual o nascer mulher é uma construção é um vir a ser, [...] possibilitaram a construção das mulheres como um coletivo histórico, sujeito-em-processo” (p. 211).

Existe um impasse quanto ao famoso livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, que também ilustrou o movimento feminista – se pertence ao final da primeira onda ou no início da segunda. Porém, não há dúvida de que ela, juntamente com inúmeras outras mulheres, deixou sua contribuição. Por este motivo, Haraway a considera criadora dos valores primordiais do feminismo moderno.

Louro (2003) levanta uma questão que é de uma relevância ímpar, quando defende que se deve considerar ‘visível’ “aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas [...]. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito, inclusive como sujeito da ciência” (p.17).

Retornando à temática da utilização do biológico como justificativa para determinados posicionamentos sociais, culturais e científicos, Louro (2003) salienta o facto de existir a argumentação da existência de uma distinção biológica entre o homem e a mulher, e que tal relação existente viria desta tal diferença. Evidência esta que complementaria tal crença “na qual cada um deve desempenhar um papel determinado socialmente” (p. 20).

Vê-se, com a defesa da autora, essa ideia de desempenho de papéis de acordo com o facto de se ser homem ou mulher, o que acaba por ser tratado como uma argumentação final, definitiva. Vindo assim a biologia a ser usada a serviço do senso comum ou mesmo da ciência como justificativa sem direito a questionamentos, da existência da desigualdade social ocorrida entre o sexo feminino e o masculino, como se o fator sexual/biológico fosse o único e definitivo determinante para todas as

posturas a serem desempenhadas pelo homem e pela mulher (Louro, 2003).

Porém, a partir do século XX, começaram-se a fazer estudos e a debater a divisão de papéis dita ‘natural’, as ciências sociais foram responsáveis por iniciar esta discussão merecida e necessária a tal assunto, que além de complexo também se apresenta como multidimensional e necessita de ser abordado. Relativamente a esta complexidade, Pereira (2012) discorre acerca de tal situação: “As ciências sociais assumiram o papel de problematizar tal situação, recorrendo ao conceito de género para desconstruir o determinismo biológico em que se assenta e as assimetrias de poder que legitima” (p. 19).

Seguindo com a conceituação do termo género, que se acredita ser um dos pontos principais para o desenvolvimento deste trabalho, Haraway (2004) nos apresenta uma ideia de género que é considerada clara e coerente com o que se acredita e defende e que foi discutida na presente investigação. Para a autora, “género é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta” (p. 211).

Segundo Haraway (2004), ao teorizar-se sobre género tem-se o objetivo de encontrar novas significações relativamente à posição de hierarquia defendida por muitos. Vejamos: “A teoria e a prática feminista em torno de género buscam explicar e transformar sistemas históricos de diferença sexual nos quais ‘homens’ e ‘mulheres’ são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo” (p. 211).

Vemos aqui a autora defendendo como tanto a teoria quanto a prática do feminismo vêm há bastante tempo lutando para que sucedam transformações sobretudo quanto ao modo de se chegar a motivos que modifiquem o que foi construído em relação ao género. Pois o que se buscou foi uma forma tanto de hierarquização e também submissão da mulher, tentando se utilizar das diferenças naturais existentes entre homens e mulheres (Haraway, 2004).

Ainda segundo Haraway (2004), existe uma relação próxima entre as distinções que prevalecem na cultura ocidental e a problematização surgida entre relações sociais e relações de género. Podemos perceber isso mesmo na afirmação seguinte: “O conceito de género está tão intimamente ligado à distinção ocidental entre natureza e sociedade ou natureza e história, via a distinção entre sexo e género” (p. 211- 212).

Pereira (2012) refere que “nas sociedades ocidentais contemporâneas, a masculinidade e a feminilidade são frequentemente separadas por certas diferenças biológicas que produzem desiguais capacidades e aptidões, que acabam servindo para justificar uma certa divisão sexual de papéis sociais” (p. 19).

Quanto ao surgimento dos estudos de género, é de grande valia citar a antropóloga Margareth Mead. Como as autoras Felipe e Oliveira-Macedo (2018) referem, Mead destinou suas pesquisas a trazer à tona novas e esclarecedoras informações sobre temas como, cultura, personalidade ou sexualidade, bem como estudos sobre os papéis de género. Com tais investigações, a estudiosa apresentou uma grande contribuição para os estudos sobre género.

Em um de seus livros, *Sexo e temperamento*, Mead (2000) revela uma pesquisa em que foi a campo para examinar uma problemática julgada de relevante importância: “o condicionamento das personalidades sociais ao sexo”. Com a pesquisa encontrou três tribos e os comportamentos por ela descobertos vieram mudar e respaldar o estudo de género na cultura ocidental, vejamos,

Aqui, procurando reconhecidamente alguma luz sobre a questão das diferenças sexuais, encontrei três tribos, todas convenientemente situadas dentro de uma área de cem milhas. Numa delas, homens e mulheres agiam como esperamos que as mulheres ajam: de um suave modo parental e sensível; na segunda, ambos agiam como esperamos que os homens ajam: com bravia iniciativa; e na terceira, os homens agem segundo o nosso estereótipo para as mulheres, são fingidos, usam cachos e vão às compras, enquanto as mulheres são enérgicas, administradoras, parceiros desadornados.  
(Mead, 2000, p. 10)

Acredita-se deste modo que vieram a ocorrer deturpações, má utilização de determinados conceitos e contextos, em favor do já tão conhecido e ainda existente patriarcado que, por motivos muito convenientes para alguns, acabaram ‘tolhendo’ a mulher a certos tipos de participação, sejam elas: familiares, sociais, culturais e políticas da sociedade de modo geral. O que demonstra alguns privilégios que muitas vezes parecem intrínsecos ao facto de se ser homem, no que diz respeito a determinadas atitudes e posicionamentos.

É mister ressaltar que os estudos de Mead (2000) clarificam ainda mais o facto de o género ser uma construção social, segundo a qual os homens devem agir de determinada forma e as mulheres de outra, e mostram o quanto tais papéis de género realmente

serviram para submeter a mulher a exclusões e a uma negação de direitos que estão longe de serem naturais.

Temos vários exemplos: o tardio voto feminino, profissões vetadas às mulheres, a responsabilidade quase que única e exclusiva na criação dos filhos e do cuidado com a casa, dentre outros. E apesar de já terem ocorrido diversas conquistas no que Haraway (2004) chama de “arena de lutas”, ainda existem muitas mais a serem desbravadas.

Temos na autora Louro (2003) outra defesa em relação à minimização dos estudos entre os sexos, defendendo-se que tais estudos necessitam de um aprofundamento maior do que relacionar apenas como sexo feminino e sexo masculino. Conforme debatido por vários autores em vários locais do mundo e nas mais diversas áreas de conhecimento, é facto que o sexo é definido, biologicamente, de acordo com a genitália, com as hormonas (estrógeno e progesterona) e de acordo com o ser homem/mulher, macho/fêmea. Portanto, é notório e importante reiterar que não é o sexo que vai definir/determinar a identidade de género de um indivíduo.

Podemos entender através das defesas apresentadas que o conceito de género não está resolvido, nem existe uma visão única e finalizada quanto a ele, devido à já mencionada complexidade do tema. Porém, é interessante entender mais a respeito da questão e dinamizar as suas múltiplas facetas, como faz Pereira (2012) quando defende que tem o interesse de “ilustrar o dinamismo e a complexidade do conceito de género e demonstrar que não é um termo ‘resolvido’ e ‘consensual’ de definição simples e operacionalização fácil (como é por vezes retratado)” (p. 35).

No entanto, Pereira (2012) nos fala a respeito de uma possibilidade de conceituação, fazendo questão de ressaltar que não é consenso geral, é somente a proposta da autora para o presente tema, com a intenção de uma tentativa de melhor esclarecimento. Para ela, género “designa o conjunto de significados e valorizações associados, num certo tempo e espaço social e geográfico, às categorias ‘feminino’ e ‘masculino’, e os processos, discursos e estruturas através dos quais se (re)produzem e negociam, de forma contínua mas variável” (p. 35).

A autora Louro (2007) chama a atenção para um aspeto a ser considerado e valorizado ao se tratar de género: a própria admite que estudiosos do tema não têm uma compreensão única e determinante para conceituar definitivamente género ou sexualidade e continua com a importante colocação quanto à pluralidade existente no

que vem a ser o estudo de género – “essa diversidade que pode, aos olhos de uns, parecer catastrófica, também pode, aos olhos de muitos, ser saudada como indicadora da vitalidade e da contemporaneidade dos campos teóricos e políticos a que dedicamos” (p. 205).

Com tal afirmação, surge uma questão instigante da temática aqui discutida: ela é plural e dificilmente se poderá chegar a uma única forma de a observar e entender. Alguns podem enxergar isso como uma espécie de desastre temático, mas por outra ótica pode-se ver nisso uma riqueza inesgotável de possibilidades. Louro (2007) acrescenta ainda que “disputas em torno de conceitos, de correntes, de métodos e de estratégias são sugestivas de teorias vigorosas, moventes, vivas” (p. 205).

Podemos desta forma entender a riqueza que se tem nas mãos quando se escolhe desenvolver um trabalho voltado às questões de género e em se tratando do objetivo aqui proposto de um melhor entendimento das relações de género, mas especificamente da equidade de género entre namorados.

Não obstante, Louro (2007) enfatiza um ponto vultoso que podemos entender como uma vantagem no estudo do tema, porém vale salientar que não se trata de uma vantagem fácil, apesar de ser interessante: “Não se disputa aquilo que já está consagrado, [...] aquilo que se tornou sagrado e que, em consequência, carece de animação, revelando-se, de algum modo, inanimado. Saudemos, pois, nossas diferenças! Elas podem ser a fonte de nossa contínua renovação” (p. 205).

Quanto aos privilégios e lutas, o educador maior, Paulo Freire (2018), nos demonstra sua instigante opinião, quando fala a respeito das transformações político-sociais: “Nenhuma teoria da transformação político-social do mundo me comove, sequer, se não parte de uma compreensão do homem e da mulher enquanto seres fazedores da história e por ela feitos, seres de decisão, da rutura, da opção” (p. 126).

Vemos, com tal perspetiva, uma portentosa defesa do relevante autor, que acredita no homem e na mulher enquanto ‘fazedores’ de sua própria história vivencial e também em grande parte influenciados por esta mesma história da qual são atores e atrizes principais, aptos a decidirem os caminhos a serem ou não traçados no percurso dessa história. Vejamos a seguir: “Tenho afirmado e reafirmado o quanto realmente me alegra saber-me um ser condicionado mas capaz de ultrapassar o próprio condicionamento” (Freire, 2018, p. 126). Com tal defesa, o autor propõe tanto o homem quanto a mulher

como protagonistas de suas histórias, sendo, portanto, não somente recebedores do que está a acontecer ao seu redor. E como já foi mencionado anteriormente, um dos motivos da desigualdade entre os géneros vem do poder do mercado que, por razões diversas e convenientes, julga interessante que a mulher continue subjugada a certos espaços em detrimento de outros que são direcionados apenas ao sexo masculino.

Freire (2018) finaliza seu pensamento a confirma o seguinte: “A grande força sobre que alicerça-se a nova rebeldia é a ética universal do ser humano e não a do mercado, insensível a todo reclamo das gentes e apenas aberta á gulodice do lucro” (p. 126). Esperamos, pois, que esta rebeldia alcance também os direitos e conquistas a serem adquiridos, pelas mulheres, no caminho a ser percorrido e feito que, por motivos diversos, ainda não foram alcançados.

Mas amparamos que existe a necessidade de debate em todos os espaços, sejam eles académicos, políticos, económicos e sociais, sempre e cada vez mais aprofundados quanto a tais argumentos. Infelizmente, em pleno século XXI, mesmo depois de inúmeros estudos e pesquisas relacionados a papéis sociais ou mesmo outras posturas a serem exercidas pelo género feminino e o masculino, ainda sobrevivem argumentos contaminados por crenças que cada vez mais são inconcebíveis de serem aceites, e que se um dia surgiram foi para subjugar um ser (a mulher) em detrimento do outro (o homem) (Louro, 2003).

A autora Louro (2003) ainda complementa tal assunto quando acrescenta que “é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas, que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino” (p. 21).

Com tais colocações pode-se observar que o principal a ser estudado quanto à relação entre feminino e masculino, e as posturas a serem observadas e compreendidas socialmente, não são definitivamente as diferenças sexuais. A discussão agora possui uma nova perspetiva que não pode nem deve ser ignorada. Na discussão conta-se com o termo género enquanto conceito que passou a ser fundamental para o entendimento do estudo entre homens e mulheres (Louro, 2003). A perspetiva referida pela autora é precisamente a investigação de género, na qual se abandonam as diferenças unicamente sexuais para se servir antes das conjunturas sociais vinculadas a tais

diferenças.

Continuando com o pensamento de Louro (2003), para se entender tais situações é mister buscar compreender quais as relações e como elas se dão na sociedade observada. É importante que nesse debate o conceito de género seja primordial para entender o máximo possível as relações entre homens e mulheres, nos diversos ambientes e culturas em que se encontram inseridos. De contrário, só haverá uma observação superficial e que dificilmente abarcará importantes *nuances*.

Segundo Brasil (2002), para vir a ser “homem ou mulher é preciso submeter-se a um processo que chamamos de *socialização de género*, baseado nas expectativas que a cultura tem em relação a cada sexo. Dessa forma, a identidade sexual é algo construído, que transcende o biológico” (p. 14). Com tal socialização vem também a forma como ocorre a organização social partindo das instituições, hierarquias e, em específico, as situações de poder. A posição de género neste decurso é que designa a distribuição dos papéis a serem instruídos por homens e mulheres, por exemplo em relação ao trabalho, bens e serviços disponíveis, entre outras questões. Tais relações de poder acabam por determinar em grande parte a equidade de direitos que serão direcionados para os diferentes géneros (Brasil, 2002).

Neste contexto, a estrutura de géneros acaba por demarcar o poder entre o sexo feminino e o masculino. Teoricamente, a ideia defendida é a de direitos iguais, porém, os resquícios do patriarcado ao qual a mulher foi submetida, e ainda o é de certo modo, contribuem para um sistema de oferecimento de direitos diferenciados, favorecendo o macho e por conseguinte desfavorecendo a fêmea. Esta divisão de privilégios “acabou por dar aos homens e mulheres uma carga simbólica de atributos, gerando uma correlação entre *sexo e personalidade* que foi interpretada como característica inerente aos sexos” (Brasil, 2002, p. 15).

Ao se pensar no estereótipo de uma mulher frágil e delicada e de um homem forte e responsável pelo sustento e organização social leva-se à errónea dedução de que o homem tem mais poder do que a mulher. Tal crença acabou por legitimar o despotismo masculino e a fragilidade feminina, interferindo no exercício equitativo do poder na sociedade (Brasil, 2002).

De forma interessante, Pereira (2012) faz-nos atentar no facto de que fazemos género todos os dias. Isto ocorre nos momentos que comentamos, observamos ou

mesmo fazemos uma piada relacionada ao sexo de alguém, e quando distinguimos o que são características específicas que diferenciam mulheres e homens.

No *Livro Branco do Diálogo Intercultural* (2008) encontra-se uma defesa em relação à igualdade de género, defendendo inclusive que se trata de um elemento crucial da democracia, sendo portanto um tema fundamental em nossa sociedade que se encontra em evolução: “A igualdade entre géneros constitui parte integrante dos direitos humanos; a discriminação sexual é um entrave ao usufruto dos direitos fundamentais da mulher, é uma base não negociável de todos os debates sobre a diversidade cultural” (p. 26).

Scott (1989) complementa que, apesar de existir a ideia implícita de divisões entre as tarefas a serem desenvolvidas pelo pai e a mãe no meio familiar, tais ideias não têm justificativa precisa, bem como não existe explicação para tais divisões ocorrerem relacionadas com a divisão sexual do trabalho exercido por ambos.

Pode-se perceber, com as colocações de Scott (1989), que, mesmo com tantas mudanças relacionadas ao trabalho exercido por homens e mulheres, ainda hoje na grande maioria das famílias as responsabilidades e principalmente a obrigação pelo cuidado em relação aos filhos e ao trabalho doméstico ainda é ou exclusivamente ou em grande parte realizado pela mulher, como se tais tarefas fossem naturalmente determinadas para o sexo feminino, mesmo que a mulher trabalhe tanto ou mais fora de casa.

Seguindo tal contexto, quando o homem desempenha papéis domésticos ou de cuidados com os filhos ainda surgem pessoas a defender que é um bom marido, um bom pai, pois ajuda a esposa, explicitando que o que se vê, ainda, nos tempos atuais é que o mesmo está prestando um favor ao colaborar com a verdadeira responsável por tais tarefas, que é a mulher (Scott, 1989).

Para compreender melhor a realidade mencionada acima, temos os dados da CIG (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género), nos quais são apresentados os indicadores-chave de 2017 sobre a igualdade de género em Portugal. Nestes mostra-se que, em média, as mulheres ainda desenvolvem as tarefas domésticas durante 1 hora e 45 minutos por dia a mais do que os homens. Sendo que, congregando o trabalho remunerado e não remunerado, as mulheres continuam a trabalhar 1 hora e 13 minutos a mais por dia. De acordo com tais dados podemos confirmar, por conseguinte, que a

responsabilidade maior com o cuidado de casa continua sendo realizado em grande parte pela mulher, mesmo que ela trabalhe também fora de casa.

Scott (1989) não somente defende como acredita ser uma necessidade a rejeição a tão permissiva posição histórica binária. A autora acredita que é preciso que se rejeite o caráter fixo e defendido como estável da oposição binária: “Precisamos de uma historização e de uma desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual [...]. Temos que encontrar meios (mesmo imperfeitos) de submeter, sem parar, as nossas categorias à crítica, nossas análises à autocrítica” (p. 18).

Entende-se que quando existem proposições impostas e exaustivamente repetidas, tanto pelo senso comum quanto por várias instâncias do conhecimento científico, o que tende a ocorrer é a tendência a uma crença cristalizada sobre determinado assunto (Scott, 1989).

No caso aqui estudado, as diferenciações sexuais ou, melhor dizendo, o estudo do gênero, é compreensível que a autora defenda tanto a rejeição do binarismo enquanto algo permanente e fixo nas relações sociais existentes.

É necessário, enquanto defesa da relevância, que se encontrem meios para estudos tanto críticos quanto autocríticos, para que consiga advir a um melhor esclarecimento das relações de gênero desenvolvidas, as crenças enraizadas de tais relações e o que de novo e importante logre surgir a partir da realização de novos estudos e análises (Scott, 1989).

Tanto Scott (1989) como Louro (2003) nos apresentam um debate que contesta a dicotomia tão comumente encontrada quando se estuda gênero, demonstrando inclusive que, em tal discussão, não cabem mais somente perguntas simplistas já conhecidas e repetidamente realizadas quanto às diferenças sexuais. “Os questionamentos em torno desses campos, no entanto, precisam ir além das perguntas ingênuas e dicotomizadas” (Louro, 2003, p. 64).

Tendo a presente investigação se proposto a buscar entender as relações de gênero entre pares de namorados, sendo os participantes da pesquisa estudantes da Universidade de Lisboa do IE – Instituto de Educação e Faculdade de Psicologia, tornou-se necessária a articulação entre o estudo da questão de gênero com a temática que diz respeito à construção social da juventude. É o que será desenvolvido no capítulo a seguir.

## 2. Construção social da juventude

Quero falar de uma coisa  
Adivinha onde ela anda  
Deve estar dentro do peito  
Ou caminha pelo ar  
Pode estar aqui do lado  
Bem mais perto que pensamos  
A folha da juventude  
É o nome certo desse amor.

Milton Nascimento e Wagner Tiso.

Pelo facto de termos jovens universitários como público-alvo da pesquisa, sendo estes alunos do Instituto de Educação e da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, veio à tona a importância de se ponderar como se dá a construção da juventude, como se relacionam com seus pares, considerando principalmente as mudanças ocorridas nas últimas décadas, em especial no ocidente. Calvo (2011) defende que “o conceito de juventude alude a uma categoria temporal, quer a percecionemos enquanto faixa etária, quer como geração ou etapa biográfica” (p. 39).

Calvo (2011) continua o raciocínio fazendo a distinção dos dois conceitos de trajetória e de transições: no primeiro trata-se do caminho que será feito pelo jovem ao sair da infância para a fase adulta; no segundo trata-se do que chama de nascimento do jovem: “Esta trajetória desenha um todo unitário cuja história natural começa com o nascimento do jovem, após o parto da sua adolescência, e culmina com a sua morte, da qual renasce como adulto” (p. 39).

Na citação de Calvo (2011), o autor fala no nascimento da fase adulta quase de forma poética, que é onde ocorrem as transições, por vezes marcantes para toda a vida do indivíduo, sendo o “rito de passagem” para a vida adulta. O autor demonstra que as transições são cada “um dos episódios consecutivos em que se decompõe essa trajetória, sucedendo-se como fases transitórias ao longo do ciclo de vida juvenil: escolaridade, procura de emprego, início da carreira profissional, namoro e casamento, constituição de família, conquista da posição adulta”. (p. 39)

Seguindo com a construção social da juventude, Pais (1990) defende que tal construção tem carecido de rompimentos e reconstruções, demonstrando que a teoria sociológica se tem deparado com “a necessidade de estabelecer ruturas com as representações correntes da juventude, isto é, de estabelecer ruturas com a *doxa* dominante, tentando, em contrapartida, desenvolver, em relação à realidade socialmente construída que é a juventude” (p. 139). Além de defender tal modificação, também complementa com a defesa de “outra *doxa* mais firme que a espontânea, sem que hesite — é mesmo uma necessidade — em tornar-se paradoxo” (p. 139). Conseguimos perceber aqui a forma de o autor demonstrar a necessidade existente de ruturas e mudanças constantes para que se possa cada vez mais chegar a um entendimento da edificação da juventude que, como em outras temáticas estudadas por várias ciências, deve ser sempre observada levando-se em consideração as mudanças que não param de ocorrer através dos períodos vividos (Pais, 1990).

É o que logramos perceber quando Pais (1990) expõe sua crença sobre o quanto o surgimento das hipóteses científicas acaba por se apresentar sempre de modo paradoxal: “E, como as teorias, também os conceitos são paradoxos, até no sentido em que se multiplicam para cobrirem aparentes unidades da realidade, como afinal acontece, como veremos, com o conceito de juventude” (p. 139). O autor propõe-se a chamar tais contradições em relação ao que se entende por juventude como ‘paradoxos da juventude’ – e o que seriam tais paradoxos? Temos a resposta do estudioso quando se refere aos inúmeros sentidos em que a conceituação de juventude tem sido denominada, sendo que tais conceituações nem sempre são iguais, sucedendo desta forma por vezes contraditória, visto que entre os jovens algo completamente passível de se deparar são contradições, sendo eles “nos seus comportamentos quotidianos, nos seus modos de pensar e de agir, nas suas perspetivas em relação ao futuro, nas suas representações e identidades sociais” (p. 140-141).

Com as proposições acima expostas, temos a possibilidade de entender um pouco mais a respeito da construção social da juventude e, ao passarmos a esse melhor entendimento, já se percebe o quanto – assim como em tantos outros temas em que se estuda o ser humano – não existem ideias fechadas, prontas e havidas como verdade absoluta. O que ocorre é uma jornada de pesquisas e estudos, estudos estes que vão se modificando e aperfeiçoando, dependendo do período que se está levando em

consideração, o género do jovem, a sua classe social, o local em que habita, entre outros aspetos a serem considerados e que, sem dúvida, podem e em geral fazem grande diferença. Portanto, não se pode ver a juventude como uma massa homogénea e de simples compreensão. É imprescindível percebê-la enquanto assunto complexo e diversificado que é (Pais, 1990).

Pais (2017), em entrevista à *Educar em Revista*, ao se referir à fase de transição para a idade adulta defende: “Eu diria que os processos de transição para a vida adulta, embora se tenham complexificado, continuam a ser marcados pela imprevisibilidade” (p. 304). Percebe-se que o autor acredita que a passagem para a vida adulta de facto passou a apresentar uma complexidade antes não existente. Porém, o autor salienta que a existência de tal transição não é assinaladamente previsível. O mesmo segue defendendo a ‘imprevisibilidade’ na passagem à vida adulta. “Em seu livro *Assim Falava Zaratustra*, Nietzsche sugeria que a vida se encontra balizada por dois únicos pontos fixos, o nascimento e a morte” (p. 304). Pais continua a elucidação do seu pensamento quando demonstra que “entre esses dois pontos há um meio, uma travessia, como diria Guimarães Rosa, um mistério, um mundo de constrangimentos e possibilidades. É no meio desse meio que temos um vasto campo de problematizações sociológicas” (p. 304-305).

Para esclarecer mais ainda, Pais (2017) mostra o quanto são indefinidas as curvas da vida: “Cá temos o misterioso meio, o desconhecido, a imprevisibilidade das curvas e contracurvas de vida que aparecem associadas a tropeços, a itinerários ziguezagueantes, a rumos indefinidos” (p. 305). Enquanto estudioso da temática juventude, Pais (2017) nos apresenta de modo leve e se utilizando de poesia a justificativa que dá aos múltiplos itinerários da vida, cujo caminhos são passíveis de estudo. Porém, deve-se ter noção da importância de cada percurso e sensibilidade para que essa temática não seja tratada de forma estática, o que pode fazer com que perca a relevância merecida.

Ainda de acordo com Pais (2017), sucede-se um olhar relevante às ‘escolhas biográficas’ juvenis, o que o autor complementa ter surgido em momento oportuno. E segue defendendo: “Por aí devemos continuar. No entanto, na análise dos processos de transição para a vida adulta não podemos deixar de entrecruzar escolhas biográficas e

estruturas sociais” (p. 305). Porém, ambas estão relacionadas, não podem ocorrer escolhas pessoais sem levar em consideração o contexto social.

O estudioso Pais (2017) compara a organização social com um tabuleiro no qual o que se joga são os caminhos percorridos durante a vida de cada um, porém, salienta que: “Embora a fuga aos destinos prováveis seja hoje em dia mais plausível do que há algumas décadas, a condição social dos jovens, sua pertença de classe, continuam a pesar na eleição e concretização das suas escolhas biográficas” (p. 305). O autor menciona que tal como numa equipa de futebol por exemplo, ao iniciar o jogo, ambas as equipas têm uma possibilidade de vitória, mas – como se verifica – as equipas com treino mais adequado acabam por ter mais possibilidades de ganhar. No entanto, tal pensador ressalta que a vida não é um jogo, seja de futebol ou de xadrez. Os jogos têm as suas regras e formas de jogar estabelecidas previamente, nos quais se vão criando estratégias a fim de ganhar a partida. “Isto é o que se passa num tabuleiro de xadrez ou num campo de futebol. O palco da vida é mais complicado, pois assemelha-se a uma estrutura labiríntica” (p. 305). Já que, diferentemente de jogos em que existem regras fixadas anteriormente, “mais complexas são as estruturas labirínticas de natureza social. Porquê? Porque elas são móveis. Mudam as estruturas e os caminhantes ajudam a mudá-las. É nesse cenário que decorrem as trajetórias juvenis” (p. 306). Mudou portanto, e de acordo com o autor, “a crescente capacidade que os jovens têm de atuar como protagonistas de novos rumos sociais e de novas correntes socioculturais” (p. 306).

Seguindo o raciocínio de Pais (2017), porque aconteceram tais modificações? A resposta surge a seguir: “Porque no confronto intergeracional os jovens de agora fazem parte de uma geração incomparavelmente mais escolarizada, isto apesar de ainda persistirem fortes desigualdades no acesso ao sistema de ensino” (p. 306). Com tais colocações, podemos perceber que ocorreram mudanças significativas na transição da juventude atual, mas infelizmente ainda existem questões sociais que acabam por privar uma parcela de tais jovens à possibilidade de se tornarem cada vez mais protagonistas das suas trajetórias de vida. Vemos, portanto, que ocorreram modificações relevantes e de suma importância, porém tais progressos ainda não são disponibilizados a todos os atores juvenis.

De acordo com Gauthier (2000), quando um estudioso pretende investigar sobre jovens ou juventude, a primeira pergunta a fazer é relativa à idade a que o mesmo

se está a referir. algo que já deve ter definido ao se aventurar “a fazer uma apresentação sobre os jovens ou, ainda mais, sobre a juventude, já que este último termo não é apenas uma questão de limites imposta arbitrariamente, mas representa uma categoria social cujos limites de idade são incertos” (p. 23). Percebe-se com isto que, entre outras temáticas acerca do estudo da juventude, a questão da idade surge de maneira quase que aleatória, não existindo – como pudemos verificar – um consenso sobre a partir de que idade se inicia e até quando vai a juventude, seguida finalmente da vida adulta.

Gauthier (2000) continua a defender que os autores que estudam ou estudaram tal assunto concordam com o facto de que “o jovem sempre apareceu com uma idade transitória, cujos limites variaram de acordo com a organização das empresas, mas também de acordo com as representações, em que eles tiveram menor influência” (p. 23). A autora segue fazendo algumas indagações pertinentes e dignas de atenção: “Quando a infância ou adolescência chegam ao fim e quando a idade adulta começa? Como esses limites são fixados? Como os limites são definidos, existem limites?” (p. 23). Arriscamo-nos a verificar que as *nuances* existentes ao se discutir e buscar entendimento a respeito dos jovens não são poucas, porém julgamos que o facto de isso ser levado em consideração para poder ser estudado já é de grande valia, pois trata-se de um assunto vital e que exige respeito e responsabilidade ao ser estudado, já que é uma fase da vida responsável por uma parcela ponderosa do desenvolvimento social em nossa sociedade (Gauthier, 2000).

Gauthier (2000), ao discutir juventude chama atenção para o ponto principal e sobre o qual existe concordância entre os que se voltam ao estudo mais aprofundado de tal tema: tal ponto seria o de o jovem pertencer a um grupo social de complexa conceituação, ou como menciona ‘um facto social instável’. Esta situação acabou provocando um interesse especial a esta parcela da sociedade nos últimos tempos, o que não teve a devida atenção e, por conseguinte, deixou de ser levado em consideração durante séculos anteriores, visto que a estrutura social – ao estar constituída de modo diferenciado – não apresentava espaço para a fase juvenil, que tanto tem chamado atenção a partir do século XX e no século XXI.

Arnett (2009) foi o autor que introduziu o que chamou oportunamente de *idade adulta emergente*, o que pode ser considerado como uma nova visão sobre o primeiro estágio da vida adulta. Passou, assim, a uma descrição do período que abarca a

adolescência até à chegada ao estágio de adulto jovem. Esse estágio ocorre em geral entre os 18 e os 25 anos e Arnett acentua que “central para a teoria é o princípio de que a idade adulta emergente é um período distinto de desenvolvimento, diferente do estágio da adolescência que a precede e do período do jovem adulto que se segue” (p. 39).

Seguindo com o desenvolvimento do pensamento de Arnett (2009), esse período entre a adolescência e a idade adulta merece um termo adequado, o qual seria *‘adulto emergente’*, e não a utilização de “termos que incluem os anos 18-25 como um estágio não distinto do desenvolvimento – adolescência tardia, pós-adolescência, juventude, idade adulta jovem, transição para a vida adulta – são descritores inadequados desse estágio único de desenvolvimento” (p. 39).

Com tal afirmação, o autor defende que essa etapa na vida do ser humano é única e solene, logo não deve ser ignorada ou tratada como se não existisse. É suposto que ignorando a *adulter emergente* se acaba deixando de lado um momento essencial para a compreensão da formação do indivíduo enquanto jovem adulto (Arnett, 2009).

Arnett (2009), ao dar uma base histórica para o surgimento desta nova fase no ser humano, o adulto emergente, defende que “a idade adulta emergente é historicamente incorporada e culturalmente construída” (p. 39) e para explicar o que vem a ser a tal fase o autor apresenta três factos fundamentais.

A primeira exemplificação é de origem económica e assenta “na mudança de uma economia industrial para uma economia baseada na informação e o correspondente aumento na necessidade de educação pós-secundária; consequentemente, as transições para carreiras, casamentos e paternidade ocorreram mais tarde do que nunca” (p. 39). Uma das condições para o surgimento desta nova etapa humana foi o aumento da importância de as pessoas avançarem cada vez mais na área educacional, para suprirem a necessidade de profissionais qualificados. Consequentemente, ao ficar mais tempo na academia, a constituição de uma família acaba sendo adiada, como nunca foi antes na história (Arnett, 2009).

A segunda justificativa trata das oportunidades de educação e trabalho dirigidos à mulher: “Aumentos dramáticos nas oportunidades educacionais e ocupacionais disponíveis para as mulheres, de modo que mais delas procuraram obter educação pós-secundária e desenvolver suas carreiras em vez de se casarem e terem filhos com vinte e poucos anos” (p. 39). Com a emancipação feminina veio também o

aumento das oportunidades de a mulher não somente trabalhar, mas de se qualificar para desenvolver profissões que exigissem da mesma estudar além do nível secundário. Com isso passaram, em geral, a construir uma carreira profissional e a postergar o casamento e nascimento dos filhos, isso quando escolhem casar e principalmente tendo a opção de ter ou não filhos (Arnett, 2009).

O terceiro e último estágio apresentado por Arnett (2009), que ocorreu em algumas sociedades, foi a revolução sexual, por via da qual cada vez mais os jovens iniciam a vida sexual sem estarem casados, o que também levou o jovem a protelar a constituição de uma família, e que antes seria algo não tolerável. Verifica-se, assim, uma “maior tolerância ao sexo antes do casamento, permitindo que os jovens em muitas sociedades iniciem uma vida sexual ativa muito antes de contemplarem o casamento” (p. 39).

Na mesma linha de Arnett (2009), Brandão *et al.* (2012) ao mencionarem a idade adulta referem: “Nas últimas décadas tem-se assistido a um prolongamento da transição para a vida adulta, fundado em mudanças no sistema educativo e laboral e transformações na esfera da vida privada, como a idade média ao primeiro casamento e à paternidade” (p. 310). Podemos perceber, através de tal afirmação que corrobora com o defendido por Arnett (2009), que de facto tem ocorrido uma mudança quanto à passagem para a idade adulta, a qual tem sido adiada por motivos diversos. Sendo, porém, os principais a questão de o jovem passar mais tempo na academia e a entrada no mercado de trabalho. Brandão *et al.* (2012) continuam mostrando que com a minoração “da regulação normativa das trajetórias de transição para a vida adulta, nas sociedades da modernidade tardia, favoreceu-se o prolongamento da condição juvenil até ao final da terceira década de vida e a progressiva privatização e flexibilização dos percursos biográficos” (p. 301).

Brandão *et al.* (2012) também se referem à *adulter emergente*, já mencionada anteriormente na presente investigação. Vejamos: “O aparecimento de teorias como a da *adulter emergente* reflete a necessidade de descrever e compreender as novas formas de atribuir sentido e significado ao conceito de adulto em diferentes contextos” (p. 310). As autoras defendem que devem existir ponderações quanto à significação do ser adulto, levando em conta as múltiplas circunstâncias que tal fase exige. Porém, as estudiosas ainda ressaltam o facto de que tais mudanças quanto ao indivíduo adulto

poderem ser diferentes de acordo com a sociedade em que ocorram, pois “se a globalização permitiu a difusão e partilha de valores entre jovens de diversos pontos do globo, as dinâmicas entre a agência individual e as estruturas políticas e económicas não se processam de igual modo em todas as sociedades” (p. 310).

Neste contexto da ‘nova fase do adulto’, Andrade (2010) assim como Brandão *et al.* (2012) e Arnett (2009) também discorrem quanto à mudança ocorrida com a chegada da idade adulta. Exemplificamos tal debate com Andrade (2010) demonstrando ser a juventude a “fase do ciclo vital que corresponde à passagem da adolescência para a idade adulta, [quando] ocorrem transições traduzidas no desenvolvimento, realização e consolidação da identidade pessoal e social do sujeito, que culminarão com a aquisição do estatuto social de adulto” (p. 255). Continuando mais especificamente quanto à caracterização do ‘sujeito social adulto’, Andrade (2010) destaca que “este último é sustentado pelo alcance de uma posição social decorrente do desempenho de papéis profissionais e familiares que simultaneamente assinalam o final da juventude e caracterizam a idade adulta” (p. 255).

Andrade (2010) salienta que o estatuto de passar a ser um adulto “era definido pelo exercício de uma atividade profissional e pela constituição de uma família, as mudanças sociais atuais dão novos contornos tanto à transição para a idade adulta como ao assumir dos papéis de adulto por parte dos jovens” (p. 255). Vemos com tal colocação que se mudou não somente o tempo para a chegada na fase adulta, percebendo-se que tal situação engloba diversas mudanças sociais importantes na vida da pessoa. No geral, são adiadas as questões profissionais assim como as questões pessoais. A autora continua a temática em pauta com a seguinte colocação: “De um modo geral, as mudanças sociais colocam novos desafios ao modo como os jovens vivem a transição para a idade adulta, fazendo surgir uma nova figura de adulto ‘em transição’, o chamado adulto emergente” (p. 255).

Além do adiamento na formação de uma família própria, já que o adulto emergente continua a morar com os pais, existe também a inconstância quanto à vida profissional, já que em determinados países os empregos encontram-se escassos, não havendo dessa maneira uma confiabilidade sobre a inserção no mercado de trabalho (Andrade, 2010).

Seguimos a discorrer a respeito tanto da vida adulta quanto da trajetória até ao mundo adulto de facto. Para Torres (2002), e em relação à vida anterior ao casamento, as raparigas além de estudarem mais também adiam a conjugalidade, e é cada vez mais próxima a quantidade de experiências sexuais antes de se casarem. “A tendência global, sobretudo em certos sectores sociais, vai no sentido da maior proximidade de experiências nas trajetórias anteriores ao casamento entre rapazes e raparigas” (p. 77). Isso serve como exemplificação da procrastinação na idade adulta. A autora reforça tal afirmação ao lembrar que “quando comparamos essa proximidade dos mais jovens com a distância que se verificava nas sociabilidades masculinas e femininas 20 anos ou mais atrás, confirmam-se, inequivocamente, os sinais da mudança” (p. 77).

Torres (2002) acrescenta a existência de uma transformação intergeracional, em se tratando das experiências pré conjugais das mulheres “O controlo sexual das raparigas foi conhecendo, ao longo do tempo, um certo abrandamento. Essa tendência para uma socialização mais liberal afeta particularmente, em todo o caso, as raparigas que frequentam a universidade. (p. 77) a autora também defende que este novo comportamento feminino não é a única causa a se levar em consideração, porém foi essencial para a ‘libertação feminina’ “As raparigas teriam ganho, com ela, maior espaço de circulação, maior autonomia, e até maior poder negocial no quadro familiar, para poder usar a sua liberdade no domínio sexual” (p. 77).

Acrescenta-se, portanto, de acordo com Torres (2002) que, mesmo com a existência da mudança ‘intergeracional’, o controlo sobre as jovens continua existindo, deixando explícito, nas entrevistas realizadas pela autora, que os pais continuam a querer controlar mais as ações das mulheres do que as dos homens. Porém, “a capacidade de fugir a tal controlo é que pode ser diferente, e neste sentido, além das idiossincrasias pessoais, o facto de se frequentar a universidade parece permitir maior margem de resistência e autonomia” (p. 77).

Seguidamente será introduzida a terceira temática, o namoro, igualmente necessária para o desenvolvimento da investigação realizada, visto que os três assuntos denotam uma valorosa interligação, já que a equidade de género entre jovens namorados é o mote principal para a chegada a uma compreensão do objetivo estabelecido na pesquisa em questão.

## 2. Namoro

Circunda-te de rosas,  
ama, bebe e cala.  
O mais é nada.  
Fernando Pessoa

Que pode uma criatura senão,  
Entre criaturas amar?  
Amar e esquecer, amar e malamar,  
Amar, desamar, amar?  
E até de olhos vidrados, amar?  
Que pode, pergunto, o ser amoroso,  
Sozinho em rotação universal, senão  
Rodar também e amar.  
Carlos Drummond de Andrade

É notório que se crie o interesse de falar a respeito do surgimento da palavra namoro, antes de adentrarmos diretamente ao tema. O termo em si surgiu do latim, o autor Neto (2002) menciona o que chama de interessante processo de formação da palavra namoro, nos apresentando tal surgimento com bom humor. Vejamos o que refere: o começo do que chama brincadeira “é a palavra ‘amor’, da qual se forma ‘enamorar’ (‘en’ + ‘amor’ + ‘ar’). De ‘enamorar’ se faz, por aférese, ‘namorar’ [...] Que é a eliminação de um fonema ou de um grupo de fonemas do início de uma palavra.”

Também temos a explicação da origem da palavra namoro retirada do dicionário etimológico *Origem da Palavra*, no qual se explica de forma parecida com a do autor mencionado acima que namoro surgiu da expressão espanhola ‘estar en amor’, tendo formado o verbo enamorar, originando assim o que temos hoje como namoro.

Tendo entendido a origem e formação da palavra namoro, nos voltamos ao passo seguinte, que é o seu significado.

Quanto ao namoro e ao namorar: segundo pesquisa realizada no *Dicionário da Língua Portuguesa* (1973) namorar “seria requestar, pretender o amor de alguém, fazer galanteios”, ou ainda “cativar; atrair. Desejar muito. Empregar esforços para obter. Desflorar (uma donzela). Fazer galanteios amorosos. Procurar inspirar amor. Deixar-se

dominar por uma afeição. Estar encantado; apaixonar-se” (p. 455).

Deste período referido até, digamos, aos nossos tempos e não se passaram tantos anos assim, as coisas mudaram bastante, mas crê-se que alguns termos continuam. Para namorar alguém ainda é necessário que ocorram galanteios, provavelmente os jovens hoje em dia não utilizariam tal termo; também é preciso desejar, atrair, algumas vezes se esforçar, entre outros artifícios que os enamorados empregam para chegarem a estar namorando. É relevante pontuar que nos dias atuais também se faz uso de meios virtuais para os “galanteios modernos”, pois existem diversas aplicações de relacionamento com tal finalidade.

Já que se partiu da formação da palavra, resolvemos também apresentar seus conceitos através dos tempos. No *Dicionário da Língua Portuguesa* temos um modo considerado interessante para início de conversa.

No dicionário *Michaelis*, datado de 2015, conceitua-se namoro de forma diferente do dicionário utilizado anteriormente. Para o mais atual, namorar seria “manter relacionamento amoroso estável, fundamentado na atração mútua e nos interesses comuns”.

O autor Giddens (1993), ao mencionar o amor romântico, nos diz o seguinte: “O amor romântico pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo-se como base as qualidades intrínsecas desse próprio vínculo” (p. 10). As palavras do autor fazem lembrar os conceitos mencionados anteriormente pelos dicionários citados, apesar de serem de épocas diferentes, porém se assemelhando em maior entendimento com o dicionário mais atual.

Giddens (2008), ao se referir aos relacionamentos humanos, neste caso mais especificamente o comportamento sexual, salienta que o que ocorre entre os indivíduos, um casal de namorados por exemplo, são relacionamentos que não se limitam a atos biológicos somente. Tem que ver com simbologias e sentimentos que são particulares e também, de certa forma, sociais. Quanto ao comportamento sexual, vejamos o que nos descreve o autor: para os humanos “a atividade sexual é muito mais do que um ato biológico. É um ato simbólico que deflete quem somos e as emoções que vivemos. [...] a sexualidade é demasiado complexa para ser atribuível unicamente a características biológicas” (p. 27).

Prosseguindo com a compreensão da sexualidade humana, Giddens (2008)

também salienta que para além das particularidades emocionais e biológicas, a conduta sexual humana abarca atributos do social, o que não pode ser deixado de lado, visto que complementa as demais. A sexualidade humana “deve ser entendida de acordo com os significados sociais que os seres humanos lhes atribuem” (p. 27).

Por estarmos falando de namoro, acreditamos ser proveitoso levar em conta um ponto de vista que consideramos fazer bastante sentido: Fromm (2002) defende que “o amor não é um sentimento a que qualquer um se possa entregar, independentemente do seu grau de maturidade” (p. 7).

Fromm (2002) argumenta que não basta se enamorar, ou seja, entrar em um relacionamento e pronto. Na verdade, se for desta forma provavelmente dará errado. Quem pretende amar precisa se esforçar para entender que não é suficiente a existência somente do amor individual, é necessário desenvolver a atividade do amor ao próximo e para isso é imprescindível buscar o desenvolvimento da personalidade individual. O autor também menciona algumas características importantes: alguém que deseje que seu relacionamento dê certo precisa de ser corajoso, humilde, disciplinado. Ou seja, para estar em um relacionamento a pessoa precisa de comprometimento e responsabilidade com o outro, já que “numa cultura em que estas qualidades escasseiam, a conquista da capacidade de amar será sempre um acontecimento raro. Para comprovar, qualquer um pode perguntar a si mesmo quantas pessoas já conheceu que amam verdadeiramente” (p. 7).

Porém, Fromm (2002) não desencoraja os casais, mostra-se inclusive otimista quando nos demonstra a seguinte afirmação: “Contudo, a dificuldade da tarefa não deve ser uma razão para nos abstermos de tentar conhecer as dificuldades, bem como as condições desta conquista. Para evitar complicações desnecessárias” (p. 7).

Partindo da premissa de ser o amor uma arte, como defende Fromm (2002), sendo uma arte exige que se estudem e se procurem maiores conhecimentos sobre o tema. Se não fosse desta forma, seria o amor “uma sensação agradável, que por acaso experimentamos, algo que ‘nos acontece’ se tivermos sorte?” (p. 11).

O autor, como percebemos, defende a primeira opção. Porém, está ciente de que “não haja dúvida de que a maioria das pessoas hoje em dia acredita nesta última” (p. 11). Somos capazes de deduzir com isso que a mais difundida e na qual os casais acreditam e esperam seja a ideia de que o amor é algo que surge em algum momento,

para alguns poucos que tenham a sorte de serem atingidos por essa espécie de ‘raio’ que transforma a vida, uma experiência quase que sobrenatural (Fromm, 2002).

Giddens (1992) usa uma novela de Julian Barnes para exemplificar o que tem ocorrido na contemporaneidade em relação aos relacionamentos (o que no presente trabalho servirá para elucidar um pouco mais as modificações que têm ocorrido entre os pares). Na novela, o autor conta uma história com final trágico na qual um casal resolve viver junto, porém o homem não consegue aceitar a possibilidade de a mulher já ter tido uma vida antes dele, principalmente uma vida sexual ativa. O mesmo fica obcecado pelo passado da companheira, passando a investigá-lo exaustivamente, a ponto de chegar a, depois da descoberta de um relacionamento da sua mulher com um amigo dele antes de ela “ser sua de posse”, matar o amigo, se suicidar e causar o suicídio da amada.

De acordo com Giddens (1992): “Os acontecimentos descritos na novela são definitivamente contemporâneos; como uma discussão das vidas das pessoas comuns, a novela não poderia ter sido situada, digamos assim, há um século atrás. Ela presume um grau significativo de igualdade sexual” (p. 17).

O autor argumenta que tal história só poderia acontecer em nossos dias pelo motivo de haver ocorrido uma modificação quanto aos costumes sexuais, principalmente em relação às mulheres. Isso porque “hoje é comum uma mulher ter muitos amantes antes de assumir (e mesmo durante, assim como depois de terminar) um envolvimento sexual sério” (p. 17). Porém, Giddens (1992) salienta, ainda, o facto de que “é claro que sempre houve uma minoria de mulheres para as quais foi possível a variedade sexual, e também uma certa proporção de igualdade” (p. 17).

Mas é de grande valia ressaltar que, segundo Giddens (1992), apesar de sempre terem existido mulheres que optavam por terem uma vida sexual ativa, as mesmas sempre estiveram ‘à margem da sociedade’ e não eram consideradas virtuosas por apresentarem um comportamento inadequado ao sexo feminino. Desta forma, eram tidas como ‘mulheres perdidas’. “Há muito tempo a ‘virtude’ tem sido definida em termos da recusa de uma mulher em sucumbir à tentação sexual, recusa esta amparada por várias proteções institucionais, como o namoro com acompanhante, casamentos forçados e assim por diante” (p. 17).

Giddens (1992) demonstra, em contrapartida, que para os homens, e isto com o apoio da sociedade, a multiplicidade sexual tratava-se de uma necessidade, da mesma

forma que eram admitidos relacionamentos extraconjugais como simplesmente aceitáveis e comuns socialmente.

Na novela *Before She Met Me*, de Julian Barnes, utilizada por Giddens (1992) como metáfora para as mudanças quanto aos relacionamentos amorosos, o que podemos ver é a “inquietação e a violência masculinas, em um mundo social que passa por profundas transformações. As mulheres não admitem mais a dominação sexual masculina, e ambos os sexos devem lidar com as implicações deste fenómeno” (p. 18).

Logo, podemos referir que para Giddens (1992) “nossa existência interpessoal está sendo completamente transfigurada, envolvendo todos nós naquilo que chamarei de experiências sociais do cotidiano, com as quais as mudanças sociais mais amplas nos obrigam a nos engajar” (p. 18). Com tal colocação, deduzimos que o autor defende de maneira atraente e interessante que estão ocorrendo mudanças consideráveis nas relações amorosas/sexuais e que é necessário que todos passem a aceitar tais modificações, e isso independentemente de acolherem ou não as mudanças, visto que tais transformações são inevitáveis.

Segundo Fromm (2002), o namoro, as relações amorosas, não existiam com o direito de escolha que é dado aos parceiros em nossas gerações mais atuais, “Na época vitoriana, como em muitas culturas tradicionais, o amor era raramente visto como uma experiência pessoal espontânea [...] o casamento era regulado pela convenção – quer pelas famílias de cada um, quer por um casamenteiro” (p. 12). O facto de existir o direito de escolha, assim como a opção de o namoro ser um relacionamento que leve ou não ao casamento de acordo com o desejo do casal, é algo recente em nossa sociedade.

Foucault, para além dos estudos a respeito de relações de poder – entre outras temáticas – em livros célebres como *Vigiar e punir* ou *Microfísica do poder*, percebeu a necessidade de escrever sobre a sexualidade. Ou seja, quando escreveu a trilogia da teoria da sexualidade já entendia as relações entre os pares como formadas socialmente. Temos a possibilidade de conhecer um pouco das ideias do importante pensador em Foucault (1999), quando este inicia seu livro *Teoria da Sexualidade – a vontade de saber*, o primeiro de três volumes, com a seguinte colocação: “Parece que, por muito tempo, teríamos suportado um regime vitoriano e a ele nos sujeitaríamos ainda hoje no braso de nossa sexualidade contida, muda, hipócrita” (p. 9). Percebemos nesse início do que trata o livro, de pesquisar e buscar melhores entendimentos e esclarecimentos

para essa fase ‘hipócrita’ – entre outros termos da sexualidade de nossos tempos – e os motivos que levaram à forma de se tratar o sexo de uma maneira escondida, cheia de tabus e tão calada quanto possível.

Progredindo com a explanação sobre os motivos de a sociedade tratar a sexualidade de forma tão contida, diferente do que já houve em épocas anteriores, Foucault (1999) continua desta forma: “Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e as coisas eram demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade” (p. 9). Desta colocação conseguimos tirar algumas informações que possam levar a entender o porquê de uma tão velada forma de tratar temas relacionados com o sexo. Foucault (1999) mostra este exemplo do século XVII em que vemos uma afirmação importante: “As palavras eram ditas sem reticências excessivas”. Conseguimos compreender neste pequeno enxerto que a situação da sexualidade não foi sempre tratada da mesma forma, houve épocas, e não tão distantes assim, em que as palavras não sofriam tanta censura como foi tendendo a ocorrer nos tempos seguintes, e é comum que algo antes tido como normal e aceito ao passar a ser reprimido cause alguns problemas, principalmente em se tratando da sexualidade – algo tão inerente e natural ao ser humano. O filósofo ainda complementa: “Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos ‘pavoneavam’” (p. 9). Pelo que se observa havia menos pudores e mais liberdade, sem a necessidade de escândalos ou discussões, inclusive em se tratando das crianças.

O filósofo Foucault (1999) discorre a respeito do que haveria ocorrido com a sexualidade, antes tida como natural e sem privação de discursos e ações: “Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até às noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é então cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca” (p. 9). A sexualidade passa por um momento de encarceramento e construção de muros, passa a pertencer somente ao interior do núcleo conjugal. “No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais” (p. 10). Encerra-se a liberdade de se conversar sobre, ou de querer saber mais informações a respeito. A

sexualidade deve existir, portanto, para a procriação e fechada a sete chaves no quarto dos únicos que podem exercer a sexualidade com legitimidade, o casal. Diante da séria e importante função de reprodução: “Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo” (p. 9).

Ainda segundo Foucault (1999), para os que não se enquadram nos padrões determinados ou que apresentam atitudes ‘indecorosas’, resta a marginalidade, são tidos como anormais e inapropriados: “O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio” (p. 10). Desta maneira, quem não segue a regra imposta é condenado à marginalidade social, o que vem a distinguir a repressão da lei penal, visto que na repressão o ‘réu’ é condenado a desaparecer e silenciado com o surgimento da “afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim marcharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas” (p. 10).

Foucault (1999) tem a sua opinião sobre as razões a que se deve essa repressão sexual aparentemente sem motivos, se não os morais: “Esse discurso sobre a repressão moderna do sexo se sustenta. Sem dúvida porque é fácil de ser dominado” (p. 11). Tal repressão liga-se, portanto, a uma garantia tanto histórica quanto política, “pondo a origem da Idade da Repressão no século XVII, após centenas de anos de arejamento e de expressão livre, faz-se com que coincida com o desenvolvimento do capitalismo: ela faria parte da ordem burguesa” (p. 11). E o facto de o tempo de silenciamento e dominações da temática sexual ter ocorrido justamente durante o nascimento do sistema capitalista, não ocorreu por acaso, “A crónica menor do sexo e de suas vexações se transpõe, imediatamente, na cerimoniosa história dos modos de produção: sua futilidade se dissipa” (p. 11). O autor continua seu raciocínio elucidando o motivo principal. “Um princípio de explicação se esboça por isso mesmo: se o sexo é reprimido com tanto rigor, é por ser incompatível com uma colocação no trabalho, geral e intensa; na época em que explora sistematicamente a força de trabalho...” (p. 11). Com a industrialização passou a se exigir cada vez mais mão de obra, e com tal necessidade não se poderia correr o risco de perda de produção ou de funcionários por motivos fúteis e que causam distrações nos trabalhadores. No presente caso, reprimir a sexualidade foi uma forma de

evitar perdas na produção: “Poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres, salvo naqueles, reduzidos ao mínimo, que lhe permitem reproduzir-se? O sexo e seus efeitos não são talvez fáceis de decifrar-se; em compensação, assim recolocada, sua repressão é facilmente analisada” (p. 11-12). Com as afirmações do autor conseguimos um melhor entendimento quanto aos motivos que levaram a repressão: “E a causa do sexo – de sua liberdade, do seu conhecimento e do direito de falar dele – encontra-se, com toda legitimidade, ligada às honras de uma causa política: também o sexo se inscreve no futuro” (p. 12).

## **Capítulo II - Metodologia de Investigação**

## **Objetivos do estudo e problemática**

O objeto de estudo da presente investigação é a equidade de género no namoro, temática caracterizada pela complexidade, o que se traduz, entre outros aspetos, numa grande multiplicidade de perspetivas teóricas. Ao longo da investigação apoiámo-nos na conceção de género defendida por Scott (1989), que considera o género enquanto organização social da diferença sexual. De acordo com a autora, género pode ser reputado como o conhecimento que estabelece a diferença entre os corpos, portanto género está além do cunho físico, da diferença entre os sexos, por exemplo.

Ressaltamos que foram levadas em consideração as orientações apresentadas pela Carta Ética para a investigação em Educação e Formação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa entre eles o respeito e a integridade aos participantes, a orientação pela verdade dos dados coletados na pesquisa e pela seriedade tanto na coleta quanto no tratamento dos dados. (Diário da República, 2016)

A investigação tinha como principal objetivo compreender a perceção de jovens estudantes universitários da Faculdade de Psicologia e do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa sobre a equidade de género no namoro. Deste modo, a questão orientadora foi a seguinte: Qual a perceção dos estudantes do ensino superior sobre a equidade de género no namoro? Na recolha de dados empíricos recorreremos a questões mais específicas, de modo a delimitar o objeto de estudo: A perceção dos estudantes do ensino superior sobre a equidade de género, no namoro, difere entre rapazes e raparigas? Qual a perceção dos estudantes do ensino superior sobre direitos e deveres vivenciados pelo casal? Qual a perceção dos estudantes do ensino superior sobre as relações de poder vivenciadas pelo casal? No namoro, como são vividas e resolvidas as situações de conflitos e/ou de violência?

### **1. Paradigma fenomenológico-interpretativo**

Atendendo à complexidade inerente à temática da investigação, parece-nos importante a filiação no paradigma fenomenológico, porquanto se tornou importante compreender a perceção que os jovens estudantes universitários apresentavam sobre a

equidade no namoro. As investigações com enfoque numa perspectiva de género, pela sua pertinência na atualidade, revelaram que de facto se trata de um domínio em constante mutação, o que justifica a importância da opção pela pesquisa qualitativa, com filiação fenomenológica. Ou seja, “as características deste campo de estudos, marcadamente político e contemporâneo, impedem-no de ser visto como um campo teórico estável e sólido” (Louro, 2003, p. 12). A investigação numa perspectiva de género é atravessada por dimensões sociais, políticas e culturais que diferem quanto ao entendimento das relações de poder e à sua evolução na sociedade contemporânea. Nas últimas décadas, o tema género tem vindo a ser cada vez mais estudado do ponto de vista das pesquisadoras (Louro, Haraway e Scott). Nesse sentido, os estudos de género estão em permanente evolução e complexificação, atendendo à natureza social e cultural do fenómeno. Nos últimos anos surgiram novos questionamentos e uma insubordinação a paradigmas científicos sobre género já instituídos, o que denota a evolução no domínio e a fertilidade do conhecimento científico produzido até ao momento, mas também o interesse no acompanhamento da complexificação do fenómeno de género ao nível social. Ou seja, a diversidade e evolução de perspectiva sobre o género são dimensões “reivindicadas como fundamentais para a produção de uma teorização fértil (e polémica) e para a elaboração de distintas formas de intervenção social” (Louro, 2003, p. 12-13).

O paradigma fenomenológico-interpretativo, também conhecido por alguns como sócio-construtivista, tem como ponto principal compreender e entender o sentido do que se está estudando (Amado, 2013).

No trabalho em questão, objetivou-se interpelar os sujeitos acerca da equidade de género no namoro, no sentido de compreender a importância que lhe atribuem nas relações com os seus parceiros.

Concordamos com Amado (2013), sobre o facto de que buscamos “nesta investigação a compreensão das intenções e significações – crenças, opiniões, perceções, representações, perspectivas, conceções, etc. – que os seres humanos colocam nas suas próprias ações em relação com os outros e com os contextos em que e com que interagem” (p. 40).

### **Abordagem qualitativa**

No presente trabalho, após leituras de outras metodologias, entendeu-se que a característica da metodologia qualitativa seria a mais adequada à pesquisa, por se tratar de uma metodologia na qual – segundo os autores Bogdan e Biklen (1994) – é exigido “que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (p. 49).

Em se tratando dos assuntos que foram abordados na investigação, que são equidade de género, juventude e namoro, todos temas merecedores de cuidado ao serem estudados, assim como delicadeza e respeito, tal como dizem os autores citados “nada é trivial”. O pesquisador tem o dever de ficar da forma mais atenta que consiga aos detalhes durante o contacto com as pessoas que se apresentaram disponíveis a responder à entrevista a realizar.

Não se pode esquecer que são pessoas com vivências e experiências diferenciadas e que vieram apresentar informações imprescindíveis para o caminhar da investigação que foi realizada.

Os autores Bogdan e Biklen (1994) defendem também que “os materiais registados mecanicamente são revistos na sua totalidade pelo investigador, sendo o entendimento que este tem deles o instrumento-chave da análise” (p. 48).

Deste modo, podemos verificar que para a abordagem qualitativa o que há de mais importante é o entendimento, ou seja, a interpretação, que deve ser realizada de forma compreensiva pelo investigador, já que isto será a parte mais importante e significativa para a investigação (Bogdan & Biklen, 1994).

Como o presente trabalho foi desenvolvido com estudantes do ensino superior, houve o contacto direto da investigadora com os estudantes, e se fez uso da entrevista semidiretiva. Acreditou-se ser mais adequada a utilização da metodologia qualitativa. Quanto a este assunto Bogdan e Biklen (1994) referem que na investigação qualitativa “a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador instrumento principal. Mesmo quando se utiliza o equipamento, os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contacto direto” (p. 47).

Não interessa o equipamento a ser utilizado, o mais importante na pesquisa qualitativa são os atores envolvidos no caso, lembrando sempre a importância do

respeito a ter pelos mesmos.

### **Entrevista semidiretiva**

Quanto à questão da forma de inquirição, foi escolhida a entrevista semidiretiva por se considerar que a mesma se adequava aos objetivos em vista. Ghiglione e Matalon (1993), referindo-se ao entrevistador, defendem que o mesmo tem conhecimento de “todos os temas sobre os quais tem de obter reações por parte do inquirido, mas a ordem e a forma como os irá introduzir são deixadas ao seu critério, sendo apenas fixada uma orientação para o início da entrevista” (p. 70).

Acreditando-se que sendo a temática género a principal a ser abordada no presente trabalho, assunto este importante e também que exige cuidado quanto à forma de inquirir o entrevistado, foi reconhecida a entrevista semidiretiva como a mais adequada a utilizar, visto oferecer um direcionamento inicial, e também por permitir a liberdade ao caminho que seja mais apropriado ao entrevistador no decorrer da entrevista (Ghiglione & Matalon, 1993).

Estrela (1986) discorre de forma a suscitar grande interesse a respeito da técnica da entrevista, mencionando um ponto importante que é o seu objetivo maior: “A finalidade das entrevistas a realizar consiste, em última instância, na recolha de dados de opinião que permitam não só fornecer pistas para a caracterização do processo em estudo, como também, sob alguns aspetos, os intervenientes do processo” (p. 354).

É curioso e interessante o ponto de vista do autor Estrela (1986) quando nos demonstra que simultaneamente estávamos procurando uma informação a respeito do real, porém também buscando conhecer os dados situacionais, que são obviamente elementos constituintes do processo. “Isto é, se, por um lado, se procura uma informação sobre o real, por outro, pretende-se conhecer algo dos quadros conceptuais dos dados dessa informação, enquanto elementos constituintes desse processo” (p. 354).

Com tal proposição verificamos a importância de realizar a investigação, em busca das informações reais e também das situações que podem ocorrer durante o processo, sempre obviamente respeitando os entrevistados, pois eles foram atores de grande relevância para que se chegasse a informações o mais reais possíveis,

enriquecendo assim a investigação.

Seguindo tal lógica, busca-se na vida real o que é significativo para as pessoas que fizeram parte da pesquisa: é importante o que verbalizaram, o que falaram e o modo como o falaram. Por este motivo, defende-se que de outro modo não se conseguiria chegar a tais sentidos e informações (Amado, 2013).

Amado (2013) defende “igualmente, a ideia de que a ação e a realidade humanas se constituem em fenómenos tão complexos que a sua simplificação em variáveis manipuláveis, como o pretende a investigação hipotético-dedutiva, não seria suficiente nem adequada para a sua abordagem” (p. 41).

Portanto, logramos afirmar que ao pesquisar a equidade de género no namoro e todas as complexidades que principalmente o tema género suscita, não seria possível utilizar outra forma de abordagem que fosse mais adequada e que melhor se adaptasse à pesquisa em questão, visto o tema não ser passível de ser desmembrado e muito menos tratado de forma mecânica ou lógico-matemática, por exemplo. Vejamos o que nos demonstra Amado (2013): “Em oposição a esse desmembramento da realidade em variáveis manipuláveis ‘laboratorialmente’, a investigação qualitativa assenta numa visão holística da realidade (ou problema) a investigar, sem isolar do contexto ‘natural’ (histórico, socioeconómico e cultural)” (p. 41).

Lançámos a investigação levando em consideração onde se incrementa a realidade da pesquisa, se utilizando de inferências e concebendo hipóteses tanto durante a análise de dados quanto no final de tais análises e tendo o propósito de chegar à assimilação do material granjeado (Amado, 2013).

Foram realizadas entrevistas com alunos do IE e FP (Instituto de Educação e Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa) de acordo com a disponibilidade apresentada pelos mesmos. O número de entrevistados foi decidido durante a pesquisa, de acordo com os direcionamentos deparados na bibliografia pesquisada sobre entrevista semidiretiva.

Realizámos 7 (sete) entrevistas, consistindo as pessoas entrevistadas em 3 (três) do género feminino e 4 (quatro) do género masculino. A eleição sobreveio aleatoriamente no ambiente da Universidade, interpelando os estudantes em sala ou mesmo pelos corredores. Para tal, empregámos um guião de entrevista, o qual se encontra no anexo A. As entrevistas sucederam em um clima de desenvoltura e

confiança, o que proporcionou bastante bem a recolha de informações. A duração de tais inquirições foi entre 12 e 25 minutos e fizemos a transcrição integral das entrevistas, que se colocámos no anexo C.

### **Análise de conteúdo**

Quanto aos dados, optámos pela análise de conteúdo. Bardin (1977) levanta a pergunta e em seguida responde: “O que é a análise de conteúdo atualmente? Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (p. 9). Partindo de tal conceituação, entendemos ser a técnica análise de conteúdo a mais adequada para alcançarmos o objetivo da investigação, principalmente por se levar em conta a sutileza existente na temática equidade de género.

Bardin (1977) demonstra que a análise de conteúdo se trata de uma ferramenta consagrada pelas ciências humanas; tal ferramenta implica um trabalho pormenorizado com suas peculiaridades, sempre procurando denegar a percepção surgida de forma espontânea e empenhando-se ao óbice da subjetividade em benefício do construído. E tal construção somente nasce através da utilização de técnicas que passam por um constante aperfeiçoamento e permanentemente em diligência para deixar de lado as evidências do conhecimento subjetivo do pesquisador, em detrimento dos resultados obtidos através da análise minuciosa do material recolhido na pesquisa.

Nesta investigação, o instrumento a ser analisado consistiu em entrevistas semidiretivas efetivadas com estudantes universitários, a empregar a inferência que se trata de uma interpretação controlada obsequiada pela análise de conteúdo e que credenciamos ser a mais conveniente para os objetivos nomeados nesta pesquisa.

Sendo a inferência a configuração de execução assinalada, e para tal Bardin (1977) defende que a análise “pode reenviar ou apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o recetor, enquanto polos de inferência propriamente ditos” (p. 133). Neste caso, beneficiámos enquanto emissores os entrevistados, e a inquiridora se situou como recetora da mensagem adquirida

transversalmente por via das entrevistas concretizadas.

## **1 - Os participantes**

O assunto apresentado nesta investigação foi escolhido para evidenciar o processo de vínculo, elo entre gêneros, o namoro e a equidade de gênero em tal relação. Lembrando que no contexto aqui discutido se trata de relacionamentos entre jovens estudantes universitários, exprimirei trechos das entrevistas e ponderações mediante as respostas dos entrevistados e isso respaldada nos autores que discorrem sobre a temática, os quais foram estudados e abundantemente utilizados nos capítulos anteriores.

Na presente investigação tivemos como objetivo compreender a percepção de jovens estudantes universitários sobre a equidade de gênero no namoro. Para tal percepção desenvolvemos algumas questões e as respostas a tais indagações apresentadas serviram de baliza para a análise, juntamente com o referencial teórico utilizado. Vejamos: Qual a percepção dos estudantes do ensino superior sobre a equidade de gênero no namoro? A percepção dos estudantes do ensino superior sobre a equidade de gênero, no namoro, difere entre rapazes e raparigas? Qual a percepção dos estudantes do ensino superior sobre direitos e deveres vivenciados pelo casal? Qual a percepção dos estudantes do ensino superior sobre as relações de poder vivenciadas pelo casal? No namoro, como são vividas e resolvidas as situações de conflitos e/ou de violência?

Procuramos através do material obtido na pesquisa responder a tais questionamentos, à luz das leituras realizadas, em busca de chegar a uma melhor compreensão do assunto abordado nesta pesquisa.

Foram realizadas 7 entrevistas, sendo 3 com estudantes do gênero feminino (1 da Faculdade de Psicologia e duas do Instituto de Educação) e 4 com estudantes do gênero masculino (sendo 1 da Faculdade de Psicologia e 3 do Instituto de Educação). Para garantia do respeito pela privacidade da informação prestada em cada entrevista, foram escolhidos nomes fictícios: Leticia, Leandra e Marília para as estudantes e, para os estudantes, Renato, Eduardo, Marcelo e Roberto.

### Quadro I – Caracterização dos entrevistados

Nome	Idade (anos)	Com quem vive	Instituição	Ano do Curso
Letícia	21	Mora com os pais	Instituto de Educação	Licenciatura
Leandra	21	Mora com o avô	Instituto de Educação	Licenciatura
Marília	24	Mora com familiares (estudante deslocada)	Faculdade de Psicologia	Mestrado
Renato	19	Mora sozinho em uma casa que pertence a seus pais (estudante deslocado)	Instituto de Educação	Licenciatura
Eduardo	24	Mora com a mãe	Faculdade de Psicologia	Mestrado
Marcelo	19	Mora com os pais e uma tia.	Instituto de Educação	Licenciatura
Roberto	19	Mora com os pais	Instituto de Educação	Licenciatura

As questões iniciais serviram para traçar um perfil preliminar dos alunos. Aí o conceito de adulto emergente vem a calhar com o desenho encontrado, *vide* Quadro dos entrevistados: 6 (seis) dos estudantes moram com pais ou familiares, a única exceção foi Renato, que mora sozinho. Porém, a casa pertence aos pais. Este mesmo estudante também é o único a trabalhar em detrimento dos demais, ressaltamos também que nenhum dos estudantes mora com o parceiro. Nenhum dos entrevistados tem filhos.

Arnett e Tanner (2009) cunharam o termo *adulthood emergente*, que para os autores se dá entre os 18 e os 25 anos de idade. Nossos entrevistados figuram nesta fase, trata-se de jovens entre os 19 e os 24 anos de idade. Segundo estes estudiosos, a necessidade de os jovens passarem mais tempo estudando para suprirem um mercado de trabalho que cada

vez exige mais especialização; o facto de se ter passado a estudar por mais tempo; de trabalhar fora; bem como um processo gradual de liberação sexual que permitiu, diferente de outras épocas, relações sexuais entre os jovens são fatores que, conseqüentemente, adiaram o matrimónio para uma idade mais tardia e constituem as situações que fizeram com que surgisse o reconhecimento do adulto emergente.

## **2 - As percepções dos estudantes do ensino superior acerca dos direitos e dos deveres no namoro**

As colocações dos entrevistados evidenciam tanto a percepção madura quanto a crença de que os direitos são os mesmos independentemente do género. Leticia comprova as colocações do autor quando relata *“não é só por ter um namorado que não possa sair com as amigas, ou estar com outra pessoa, há muita gente que faz isso, vive só naquela relação sem olhar para o que está à sua volta, mesmo tendo namorado, uma relação, também temos privacidade”*. Relata ser importante *“ter o seu espaço também, termos nosso espaço com nós e nosso espaço com os outros”*. Percebemos na descrição que Leticia defende a existência de privacidade e espaço. Roberto acrescenta o que deve existir no relacionamento: *“Acho que tudo é permitido, cada um tem o dever (direito) de ter sua vida na totalidade, a sua vida pessoal.”*

O autor Fromm (2002), em se tratando de individualidade, defende que *“as diferenças entre os indivíduos deviam ser respeitadas, e que embora seja verdade que todos somos um só, também é verdade que cada um de nós é uma entidade única, um mundo em si”* (p. 24). Em alusão à individualidade referida pelo autor, Leticia comenta: *“Mesmo tendo namorado, uma relação, também temos privacidade, não é estar a esconder coisas, mas há coisas também só nossas e não temos que estar a partilhar se não estivermos confortáveis com isso.”*

Alberoni (2002) refere que ao haver namoro é necessário que continue a existir a diversidade, esta não deve deixar de existir entre o par. Ao conceituar namoro, o autor defende a continuação da existência da individualidade. O jovem Eduardo demonstra seu posicionamento quanto ao que deve existir numa relação a dois: *“Liberdade, privacidade... Talvez o direito de ser ouvido também, mas acho que é acima de tudo liberdade e privacidade.”* Podemos demonstrar a ideia do que é um namoro. Leticia responde da seguinte forma: *“Pá, pergunta difícil, duas pessoas gostarem uma da*

*outra, estarem juntos, partilharem momentos uma com a outra... Explicar por palavras é complicado, crescerem juntas, partilharem suas vidas, é um pouco isso.”* Reiterando que tal espaço não difere entre os géneros, enquanto mulher a entrevistada não vê diferença quanto ao que acredita ser o relacionamento ideal para o casal. Complementando a ideia de relacionamento, salientamos que também não acresce nenhuma diferença entre os géneros.

### **3 - As perceções dos rapazes e das raparigas quanto à equidade de género**

Em resposta à existência de diferença entre os géneros quanto ao que entendem como equidade na relação, as falas dos entrevistados em questões diversas da entrevista foram unânimes. Resolvemos fazer uso da personagem Mafalda para melhor demonstrar isto: na banda desenhada temos as figuras 1 e 2, as quais levantam questões diversas, aludem à questão dos papéis de género e também se voltam a situações machistas. Por este motivo, apesar de não estarem diretamente falando das relações de namoro, estão intimamente ligadas às opiniões e expectativas dos jovens quanto à equidade de género nas relações pessoais como um todo.

Em se tratando dos papéis sociais incutidos em nossa sociedade, a autora Louro (2003) observou que deve existir a disposição para demolir a ideia de papéis fixos e delimitados para o homem e para a mulher. É necessário uma perceção mais ampla dos estereótipos tidos como ‘normais’, em geral homens héteros, com características tradicionais voltadas para este que deve ser forte, viril, trabalhar para sustentar a família, não demonstrar sentimentos, ‘menino não chora’. Em contrapartida, a mulher deve assumir o papel de cuidadora da casa e dos filhos, isso mesmo se trabalhando fora. Ela tem o dever de ser dócil, sensível e de preferência submissa ao parceiro. A estudiosa supracitada salienta que, para perceber a pluralidade de identidades às quais as pessoas se podem identificar, esses clichês devem ser abandonados.

A resposta dada pelos jovens quanto a esses papéis foi de uma riqueza demasiado relevante. Pelo que se pôde assimilar, eles concordam com a autora quanto a vislumbrar-se um olhar abrangente para com as condutas ainda tidas por muitos como obrigatórias.

A banda desenhada Mafalda foi bastante ilustrativa para a discussão da equidade de género. Os depoimentos relatam isso, acreditamos que os entrevistados concordam que

infelizmente ainda existe o estereótipo de gênero, porém acreditam que este pode ser ressignificado.

As figuras número 1 (um) e 2 (dois) tratam de uma temática semelhante quanto à responsabilidade de os serviços domésticos serem designadas para as mulheres. Conforme consta no capítulo I dessa dissertação, “em média as mulheres ainda desenvolvem as tarefas domésticas durante 1 hora e 45 minutos por dia a mais que os homens”. Isso segundo a CIG (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Gênero, 2017). As colocações apresentadas na entrevista foram de uma riqueza ímpar.

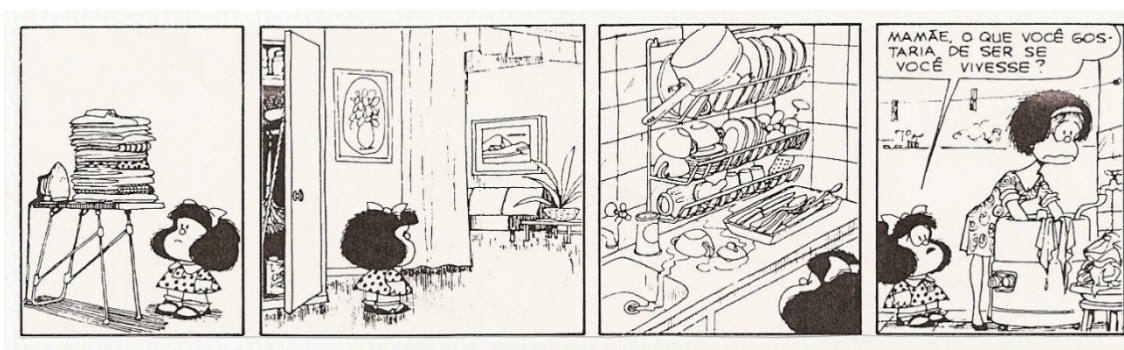


figura 1



figura 2

Fizemos questão de separar enxertos das falas de todos os jovens universitários entrevistados, para demonstrar como veem a equidade de gênero nas relações, tendo em consideração que este é o mote capital desta pesquisa. A jovem Letícia refere: “*Aqui na primeira questão é como se a mulher só servisse para aquilo e mais nada.*” E referindo-se à figura 1 continua com a explanação: “*Essas são muito semelhantes [referindo-se às figuras 1 e 2], no sentido de que a mulher não vive, só na casa e não faz mais nada.*” Indagada sobre a sua opinião quanto a essas situações, a jovem complementa: “*Acho que isso é uma ideia muito antiga.*” E ainda completa: “*Só para te dar um exemplo, lá*

*em casa acontece ao contrário. Meu pai em casa faz o almoço, faz o jantar e minha mãe é que vai para fora trabalhar.”*

Vejamos a opinião de mais uma entrevistada, Leandra: *“As duas primeiras eu acabo por vivenciar um bocado disso, porque eu vivo com meu avô. Digamos que ele acaba por ser de uma geração mais antiga, então na cabeça dele é a mulher que deve fazer tudo.”* Porém, complementa com suas ações para com isso: *“... Só que eu... também tenho que bater o pé, para as vezes as coisas serem equilibradas, isso é que tem que andar na agulha com ele, para ver se ele consegue fazer alguma coisa.”*

No tocante à jovem Marília, temos um depoimento aliciante: *“As pessoas têm a tendência a ver extremos, a mulher deve fazer tudo em casa e o homem é que deve trabalhar fora de casa e não sei quê. E eu acho que... o equilíbrio, o meio termo é mesmo o ideal e isso é muito difícil de conseguir.”*

Renato, também similarmente, menciona as relações de gênero: *“... Quando os pais recebem a radiografia e sabem que vão ter um rapaz ou vão ter uma rapariga... vão logo pintar o quarto seja de azul ou seja de cor de rosa.”* Ao continuar pergunta-se a si próprio, talvez: *“Qual seria meu papel de pai, se realmente eu devia fazer isso, e pronto... acho que isso é... tentar desconstruir o indesejável...”* Por fim, completando o raciocínio, o rapaz dialoga: *“A única coisa que nós podemos tentar compreender é que realmente estão definidos papéis de gênero logo à nascença e que esses papéis duram a nossa vida inteira, os comportamentos, as nossas roupas.”*

O rapaz seguinte, Eduardo, faz colocações esclarecedoras para a temática: *“... Aqui está a retratar muito a imagem dos papéis de gênero, é muito trabalho caseiro, muito trabalho da cozinha... E os rapazes não referem a qualquer tipo desse trabalho.”* Em seguida, especifica a colocação da Mafalda na tirinha: *“Aqui, a rapariga, a Mafalda, está a questionar-se que certamente não quererá talvez fazer esse tipo de trabalho... Sim, apresenta a divisão dos géneros, os papéis fixos.”*

O próximo jovem, Marcelo, por sua vez especifica: *“Na primeira figura, a figura retrata o papel da nossa sociedade hoje em dia, e isto tem que mudar rapidamente... Isso tudo... Porque na medida em que a mulher foi tendo a possibilidade de votar, tendo esses direitos todos, o papel da mulher em si tem que mudar.”* O entrevistado em questão finaliza com sua relevante opinião: *“Uma casa não pode, não pode ser responsabilidade só da mulher, então tem que partilhar com ambas as partes, se houver*

*mais, partilhar com todos.”*

Roberto tem suas colocações quanto ao tema em questão: *“A primeira tirinha conta muito o estereótipo que agora felizmente está sendo muito mais debatido do que era nos anos anteriores.”* Remata com um depoimento sensível e esclarecedor: *“A segunda tirinha chocou-me por causa da frase – o que a menina pergunta à mãe muito honestamente, e de certa forma, reflito sobre esta banda desenhada, porque, não desta forma, mas de certeza que já dei esse mesmo diálogo a entender à minha mãe, certeza, eu lembro-me disso.”*

Fromm (2002) menciona, no que diz respeito aos direitos e deveres na relação, que quando se ama alguém existem componentes principais que inclusive são semelhantes em todo o tipo de relação em que haja amor, seja ele de que configuração for: *“Estamos a falar de cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento”* (p. 34). Tais constituintes de todas as formas de amor surgem no discurso dos interlocutores relacionados com os direitos e deveres nas relações.

Quanto ao respeito, uma característica importante mencionada no namoro, este só existirá se a pessoa já chegou a uma fase de emancipação. Desta forma, ele só existe se vier atrelado à liberdade; alguém que não amadureceu emocionalmente não tem segurança para dar liberdade ao mesmo tempo que é livre, como sustenta Fromm (2002). O jovem Marcelo narra: *“Eu penso que para uma boa relação funcionar deve haver respeito, deve haver lealdade, deve haver uma boa comunicação, deve haver muita confiança ahm, e é basicamente isso.”* Leandra complementa: *“Sim, eu sinto que não há, não é não existir deveres, mas existe sim uma responsabilidade, mas no sentido ok, se calhar se eu sair vou, se calhar avisá-lo para também não ficar preocupado comigo é mais nesse sentido. Não é avisar porque tenho que o fazer, é mais no sentido ok, se acontece alguma coisa se calhar ele pode-me ajudar de alguma forma.”* Renato pode reiterar a defesa dos jovens anteriores: *“Um dever, ó pá, um dever de todos é respeitar o outro.”*

#### **4 - As relações de poder vivenciadas pelo casal**

No tocante à gestão financeira ou a decisões de saída entre os casais, surgiram duas questões: a questão de ser uma forma de partilhar a sua vida e o aspeto dos papéis

de género representados pelos pares, em que o homem – por ser o detentor do poder – deve ser o responsável pela conta, ou quem decide o que o casal vai fazer, uma forma de controlar aquela situação. Na obra referente ao género (Brasil, 2002), alude ao facto que na questão dos estereótipos de género tanto o homem quanto a mulher são levados a se subordinarem ao papel de género existente, e o que pode ocorrer com isso é uma divisão baseada em ideias antigas de o homem ser quem tem mais poder na relação.

Há a ainda menção do outro aspeto relativo às finanças: segundo Fromm (2002), nas relações amorosas a pessoa faz questão de doar-se a si mesma, oferece assim o que tem de mais precioso que é a vida, suas emoções, seu companheirismo, suas vivências.

Em referência à situação financeira entre os pares – pagar a conta em um restaurante por exemplo, ou decisões de programas a serem feitos por ambos os namorados –, Leandra especifica: *“Ele pagava, ele tinha mania de pagar tudo e depois ele fazia isso, que não era bem cobrar, era e não era, mas ele pagava e, as vezes depois para a frente, começava a mandar bocas – eu pago tudo, – eu fiz tudo – eu faço tudo e tu és assim.”*

No caso supracitado a jovem relata, além de uma situação de violência psicológica a questão do poder, mais especificamente do exercício do poder que o namorado tinha, ao acreditar que ela deveria agir da forma que ele gostava para ‘agradecer/estar grata’ a ação dele de pagar no restaurante. Outra situação, agora de Marília, denota como podem ocorrer as relações de poder entre o par, indagada quanto às decisões de saída do casal: *“Ele, mais ele, ele era muito de ‘eu quero, posso e mando, eu quero fazer isto vamos fazer isto, eu posso porque eu é que tenho dinheiro para fazermos isso e eu mando no que é que vamos fazer’ ... ele estava a me anular completamente, isso não é bom.”* Na

fala de outro jovem temos uma opinião e um posicionamento diferente, conta Roberto: *“E minha namorada se ela tomar a atitude dizer pronto ok, para a próxima pago eu, porque eu não vejo essa divisão e o estereótipo de ser o homem a pagar como algo realmente importante, isso assim, isso também tem a ver com o bem, com um pequeno mimo que cada um quer dar para o outro.”* No exemplo de Roberto, ele cita tanto a questão do estereótipo como o facto de pagar ser um “mimo”, uma forma de agradar ao outro, aludindo ao pensamento de Fromm (2002) quando refere que o parceiro se dá ao outro, se oferece a si, oferece o que tem, o que considera importante. Os demais jovens concordaram quanto à divisão no pagamento, reforçando que se por algum motivo um dos dois não estiver em condições de o fazer, no momento o outro paga. Eduardo

comenta: “Normalmente seria cada um paga o seu, mas se por algum motivo um dos parceiros não conseguir fazer, não há qualquer problema, um paga desta vez, depois retribui ou então fica só assim.” Enquanto Leticia acrescenta: “Depende das situações, acho que há momentos em que pode ser um a pagar, depois o outro, ou dividirem...”

Dando prosseguimento à questão das relações de poder, decidimos utilizar a figura número três para ajudar na apresentação de alguns esclarecimentos, mas vale ressaltar que a figura também tem correlação com outras temáticas e indagações referidas na entrevista realizada com os jovens, através dela também podemos debater os papéis de gênero, os estereótipos feminino e masculino. Em tal papel determinado socialmente e seguido por muitos, podemos perceber o exercício do poder que é claramente designado ao homem e que se este não o aceitar vai sofrer pressão por se estar a portar de forma inadequada. Vejamos a vinheta:



Figura 3

Para exemplificar a figura número 3 (três) da banda desenhada, que por sinal chamou bastante a atenção dos entrevistados. recorremos novamente ao pensamento de Louro (2003): como já observamos, ao explanarmos no que concerne a dicotomia entre os géneros, defendida como algo a ser combatido por todas as pessoas – o que infelizmente ainda é necessário em muitas situações justificar, assim como faz o personagem Felipe, amigo da Mafalda. Homens que têm ações que não estão de acordo com a norma, ‘absurdamente retrógrada’, estabelecida socialmente correm o risco de serem vistos como diferentes, podendo sofrer inclusive discriminação por tal comportamento. É mister sugerir que isso também acontece com a mulher que se porte de forma diferenciada do designado para esta desde muito cedo. Portanto, na figura acima temos uma ilustração de um dos formatos sociais mais conhecidos, na qual se podem

reconhecer alguns exemplos constatados pelos estudantes. É interessante mencionar que a vivência dos estudantes apresenta algumas diferenças, como podemos verificar.

Leandra, ao se referir ao assunto, apresenta: *“Pois, eu acho que é a ideia que se deve ter; não é por ajudarmos em casa que somos mariquinhas. Eu acho que isso faz até melhores homens, na realidade.”* Podemos verificar que a jovem concorda com a ideia posta pela autora Louro (2003) quanto a desmistificar os papéis impostos aos homens. Renato cita a situação já mencionada dos papéis de gênero: *“A terceira, a terceira é muito interessante porque tem que ver com aqueles papéis de gênero, postos nos miúdos logo quando ainda são pequenos.”* Continuando a se referir aos papéis impostos pela sociedade no dia a dia, o jovem complementa: *“É exatamente isso que acontece um pouco na terceira banda desenhada, o rapaz estava a sentir esse peso, o peso que é dado a ser-se homem, ao ser-se rapaz e qual é o papel dele enquanto rapaz.”*

Com as colocações dos jovens Leandra e Renato, mencionadas acima, podemos entender um pouco melhor o porquê de mesmo já existindo muitos estudos, pesquisas, lutas por equidade, ainda se pode presenciar a imposição de formatos específicos tanto ao menino quanto à menina. Para tal raciocínio, Eduardo sugere: *“Penso que hoje em dia... é óbvio que ainda existem casos assim, que as pessoas podem ser gozadas por estar a fazer algo que seja, digamos, mas característico de um gênero ou do outro, mas penso que está a desaparecer um bocado.”* Complementando os pensamentos do jovem universitário, sim, ainda existem casos em que pessoas são discriminadas, motivos para serem ridicularizadas por ‘subverter’ os rótulos que recebem desde muito cedo, mas os entrevistados aludem ao facto de que isso tende a desaparecer com o tempo, talvez em passos lentos, mas são passos possíveis de serem dados.

## **5 - Vivências e resoluções de situações de conflito e/ou de violência no namoro**

Um dos motivos dos conflitos apresentados pelos interlocutores durante a inquirição foi o ciúme. O autor Bauman (2004), ao mencionar o ciúme, sinaliza que essa ambição de ter o próximo como sua propriedade é a imagem tida em nossa sociedade, com isso vive-se a insegurança de pretender controlar outrem para um contentamento próprio, o

que engendra dor por não ser possível. Leandra, ao ser indagada sobre os diferentes motivos de conflito, refere: *“Só uma situação específica neste relacionamento que é ciúmes, eu sou uma pessoa um bocado ciumenta.”* Roberto, similarmente, menciona o seguinte: *“Falando um bocado específico, as relações de amizade que ela tinha com os ex-namorados”*, e prossegue: *“Muitos ciúmes na altura também ao facto de as atividades dela serem uma coisa um pouco mais para a frente, ir para festas com muitas pessoas.”* A compreensão tida foi que os jovens, apesar de terem determinado problema com certas desconfianças, têm a noção de que isso não é saudável para o relacionamento. Leandra também referencia sobre o ciúme: *“Ele não é uma pessoa que goste de ciúmes, de todo, mas há uma coisa que salva... ele sabe sempre como me acalmar, então passa em frente {risos}.”*

Outro motivo de discórdia foi a falta de conversa, falta de informações claras, entre os casais. Bem como a forma alegada para resolver tais problemáticas, e que foi referida de formas diversas pelos entrevistados, trata-se do diálogo.

Quanto à importância do diálogo nas relações, Fromm (2002) refere que só é possível o desenvolvimento de uma relação a dois se existir comunicação, e essa comunicação deve surgir do que o estudioso chama de ‘centro da sua existência’. Dessa forma, com informações genuínas sobre si, conseguirá chegar ao outro e permitirá que o outro também chegue a si, já que o diálogo sincero tem de ser um trabalho em conjunto. Tal trabalho não é fácil de ser constituído, por ser assim deve ser ‘treinado’ constantemente, os conflitos tendem a ser resolvidos a contento com o desenvolvimento da habilidade de comunicar a sua essência, a sua verdade ao outro, a conversa franca se torna uma aliada do casal. Podemos exemplificar isso com a afirmação do jovem Eduardo ao ser indagado quanto aos motivos de conflito: *“Acho que não comunicar também os problemas”*, e segue comentando como resolviam o impasse: *“Era tentar comunicar mais, quando percebíamos que existia algum problema.”* Marcelo alude: *“Havia falta de comunicação, muita falta de comunicação e isso gerava muita confusão.”* Ambos demonstram uma problemática que foi mencionada pelos jovens, a falta de comunicação enquanto conflito na relação e, em contrapartida, o diálogo como melhor forma de resolução de desacordos.

No que diz respeito às situações de violência, ocorreram alguns relatos relativos a violência psicológica por parte dos jovens: em alguns casos estes sofreram e em outros

causaram, inclusive houve situações de dúvida quanto ao que pode ou não ser considerado violência psicológica.

Em relação à violência psicológica, Brasil (2001) especifica que se trata de qualquer ato ou omissão que cause ou vise causar malefício à identificação pessoal ou que impeça a evolução do indivíduo. Isto abrange o facto de humilhar, causar danos à autoestima, chantagear, ameaçar, ridicularizar, desvalorizar, entre outras atitudes que possam vir a lesar o parceiro e/ou a diminuir a sua importância. As experiências expostas a seguir ilustram tais situações de violência. Marília: *“Por exemplo, num grupo de amigos... o rapaz em causa criticava-me na frente das pessoas e isto é uma componente muito chata que é a componente social e verem que ele estava a me coagir na frente das pessoas, e isso é mal, e aí foi quando o respeito estava a ser perdido e sim, foi isso.”* A entrevistada complementa ainda: *“Perdeu qualquer respeito, não era uma coisa saudável.”* A seguir, Roberto cita: *“Física nunca, nunca mesmo, psicológica... uma vez com um namoro meu por minha parte eu considero, espero mesmo que a minha imaturidade na altura não tenha tido grandes estragos, que eu não tenho muito bem a noção do que fiz...”*; e complementa explicando como ocorria: *“A situação normalmente resumia-se em... fazer toda uma chantagem, o que eu fazia era tomar todas aquelas pequenas atitudes de a fazer achar que o lado errado era ela, pela forma que eu estava a agir sem dizer – olha não gosto disto que tu estás a fazer, eu não levava a entender, levava o psicológico dela a achar que ela estava a fazer alguma coisa errada, dependendo de como eu agia...”* O rapaz seguinte, Renato, cita uma violência: *“Nessa ida para a universidade, eu talvez senti um pouco de violência psicológica, eu estava a sentir-me já tão mal com tudo aquilo, de não poder corresponder às expectativas da outra pessoa, que a outra pessoa queria que eu fosse para o Porto e eu que acabo vindo para Lisboa e ah, enfim, acho que comecei a sentir um pouco de violência, pronto, e foi isso.”* O jovem segue a especificar: *“Aí acho que foi, acho que aí sim, acho que esse direito de escolha, estava um pouco posto em causa, estava, era a impressão que eu estava a sentir.”* Nos exemplos expostos acima, através de excertos das entrevistas, Marília especifica uma situação na qual sofreu violência psicológica. Nesta alusão à ocorrência sofrida, menciona um ponto básico do namoro para os jovens que é o respeito, explicando que tal direito já estava perdido na relação. Já Roberto, refere uma situação em que ele foi o autor da violência, mas vale salientar que, com

certo pesar, o jovem declara que à época era inexperiente em relações a dois e espera não ter causado algo muito sério à namorada em questão. Renato declara ter passado por uma situação de violência e que na situação específica se sentiu pressionado e com a sensação de ter seu direito de escolha posto em causa.

## **6 - Percepção dos entrevistados quanto às questões apresentadas**

Ao discorrer sobre as considerações gerais das entrevistas realizadas, percebemos haver uma estreita ligação com o que foi discutido no decorrer desta investigação: as principais autoras referidas podem corroborar na medida em que tanto Scott (1989) quanto Louro (2003) defendem a necessidade de uma nova forma de se estudar e perceber os estudos de gênero, concordando principalmente que o modo simplista de se desenvolver tais estudos não cabe mais ao que a nossa sociedade apresenta e, principalmente, não responde às perguntas há muito realizadas e para as quais as respostas existentes já não se mostram suficientes. Refere Marcelo: *“A sociedade está muito..., quase como um cavalo sempre a olhar em frente com palas e tem de expandir a vista porque está muito centrada nesta ideia de que a mulher é que tem que cuidar da casa e o homem tem que fazer todo o resto; e isso tem que mudar rapidamente e eu penso que se uma pessoa começar por fazer a diferença eventualmente todas as outras vão seguir.”* No excerto apresentado pelo jovem, há a menção de que a sociedade precisa de expandir a visão, e acredita que isso também se trata de uma questão de atitudes pessoais. Já Renato explana o seguinte quanto à sua posição em relação à temática: *“Um tema extremamente interessante, ainda por cima para jovens adultos, onde há uma grande variedade deles que já experienciaram, e outra variedade deles que esteja a presenciar. Eu acho mesmo uma conversa que cativa o interesse das pessoas, cativou a minha.”*

## **Conclusão**

Esta investigação foi realizada com a participação voluntária de jovens estudantes universitários da Faculdade Psicologia e do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, os quais foram submetidos a uma entrevista sobre a temática Equidade de Género no Namoro. Os dados apresentados foram recolhidos de alunas e alunos com experiências de relacionamentos heterossexuais. Sendo, portanto, os resultados apurados da presente análise orientados sempre através dos objetivos específicos, o que já foi narrado no decorrer da pesquisa, e nesse sentido almejamos elucidar as indagações da investigação surgidas a partir das inquirições iniciais.

A compreensão obtida através do material adquirido nas entrevistas foi examinada por via de uma leitura fluida e minuciosa, e produção de uma grelha de análise para facilitar o foco nos pontos principais das respostas. Posteriormente, buscámos relacionar o material produzido com a bibliografia estudada, para encontrarmos caminhos que permitissem responder às contendas que serviram de baliza para a investigação, a buscar não direccionar de modo a manipular os dados, mas antes utilizá-los da forma mais clara possível.

Em se tratando da percepção da equidade de género pelos entrevistados, observamos que tal equidade é entendida pelos jovens entrevistados como uma necessidade e um direito. Apesar de relatos de algumas situações referentes a experiências anteriores de namoro, todos apresentaram a consciência de que não deve existir diferença de tratamento entre os homens e as mulheres. Os interlocutores ressaltam que em diversos espaços da sociedade em que convivem, em diversos casos, eles mesmos ainda veem ou experienciam casos de estereótipos de género, porém é importante que todos concordam com o facto de que isso é uma coisa que tende a desaparecer com o tempo, e em geral acreditam que a equidade entre os géneros provavelmente acontecerá na sociedade em que vivemos, mas isso levará algum tempo ainda. No que se refere à equidade de género, a autora Louro (2003) refere que há a necessidade de “implodir a ideia de um binarismo rígido nas relações de género, teremos de ser capazes de um olhar mais aberto, de uma problematização mais ampla” (p. 64-65). Logramos perceber o facto de os jovens entrevistados não fazerem distinção entre os direitos entre as mulheres e os homens, um vislumbre de concordância com a autora quanto à necessidade de uma percepção mais abrangente quanto às relações entre os géneros.

Um dos motivos de conflito referido entre os jovens era a questão do ciúme: em algumas situações, o facto de o outro manter contacto com exemplo-namorados/as e também a falta de comunicação entre os pares.

Características importantes para o relacionamento são expostas pelos jovens, demonstrando grau de amadurecimento e aprendizado conquistados no decorrer das experiências de namoro. Serão, para tal, apresentadas palavras citadas pelos jovens estudantes universitários que gentilmente participaram da pesquisa quanto ao namoro: autonomia, respeito, confiança, liberdade, privacidade, afetividade, compromisso, lealdade. Com tais palavras temos a oportunidade de ter um melhor entendimento do que é importante e imprescindível numa relação a dois, na visão destes jovens. Fromm (2002) manifesta a seguinte ideia quanto ao desenvolvimento das relações: “Ao contrário da união simbiótica, o amor maturo é uma união sob condição de preservar a integridade e a individualidade de cada um” (p. 29). Conseguimos relacionar a ideia do autor com as opiniões dos entrevistados, pois percebemos que os jovens acreditam que o ideal para uma relação sadia é justamente uma relação em que os pares possam usufruir de vida pessoal, e que têm o direito à liberdade dentro de uma relação, podendo manter a sua individualidade em harmonia com a relação a dois experienciada no namoro, sendo isso primordial para um relacionamento saudável.

Compreendemos que tanto a opinião como a vivência não diferem quanto às relações de namoro entre os rapazes e raparigas: tanto eles como elas, apesar de alguns problemas, concordam que a equidade de género é algo a ser conquistado.

Em se tratando dos relacionamentos desenvolvidos com seus pares, determinados jovens admitem em alguns casos terem passado por situações conflituosas nas relações, porém, demonstraram amadurecimento quanto à forma como veem as situações anteriores, tendo tais relacionamentos chegado ao fim, e não pretendem incorrer noutros relacionamentos em que não exista respeito mútuo.

Consentem já haverem passado por situações de violência, ou também terem cometido tal violência, mas é mister especificar que o único tipo de violência surgido foi a psicológica, onde emergiram algumas dúvidas quanto ao conceito específico desta, a qual passamos a apresentar: a violência psicológica é “toda ação ou omissão que causa ou visa a causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Inclui: insultos contantes, humilhação, desvalorização, chantagem, isolamento de

amigos e familiares, ridicularização, rechaço, manipulação afetiva, exploração, negligência, ameaças” (Brasil, 2001, p. 20-21).

Mas ressaltamos que os rapazes e raparigas conseguiram perceber tais problemáticas, sair das relações nas quais isso aconteceu ou entender os motivos juntamente com os parceiros para não incorrerem em tal circunstância novamente, pois têm perfeita noção de que isso não pode nem deve ser admitido em um relacionamento maduro.

Com a presente pesquisa podemos vislumbrar a possibilidade de uma nova geração, que tem uma maior propensão a respeitar a equidade entre os géneros. E isso vai de encontro às estatísticas encontradas quanto aos relacionamentos em Portugal, visto que a incidência de violência entre os pares é alarmante. De acordo com a CIG (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2017, p.15): “A ocorrência de situações de violência nos relacionamentos nos aponta que: a violência de género – situações de violência doméstica e perfil das vítimas e denunciados/as, por sexo, sendo as vítimas 80% mulheres, 20% homens e entre os denunciados/as 16% mulheres 84% homens num total de 27 005 ocorrências”. Ressaltamos que, ao pesquisarmos em repositórios de trabalhos académicos em Portugal, os estudos das diversas áreas de conhecimento são todos pautados na temática namoro e violência.

Com esta investigação, aventurámo-nos a expor o que estudámos sobre equidade de género, sobre namoro e também juventude, que foram temas que suscitaram um enorme ganho, tanto para a pesquisadora quanto para os jovens participantes da pesquisa.

Ressurtimos que aqui houve a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre os jovens universitários, mais especificamente os do Instituto de Educação e Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, que concederam a entrevista apresentada, o que foi essencial para o desenvolvimento da presente investigação. O interesse em buscar a perceção desta comunidade surgiu justamente porque tais alunos, futuros professores, psicólogos, especialistas, futuros mestres, provavelmente desenvolverão suas atividades profissionais com parcelas relevantes da sociedade. Atrevemo-nos a mencionar que vão ter o importante papel de formadores de opinião, logo é cabal saber o que pensam e como vivem tais situações, para termos uma ideia de como será o seu agir enquanto profissionais da Educação e da Psicologia.

Completamos a defender que seria de importância ímpar realizar um estudo deste tipo, a tentar saber a perceção dos jovens quanto à equidade de género, em uma escala maior,

com a participação de mais alunos e de outras licenciaturas. Porém, o facto de conhecermos algumas opiniões permite-nos ver que tais jovens tanto acreditam que pode e deve existir a equidade entre os géneros, como apresentam isso nas ações cotidianas tanto familiares quanto académicas ou com parceiros e amigos. Com tal estudo, fomos agraciados a acreditar que ainda não existe a equidade de género em nossa sociedade, mas podemos viver a quimera de que isso poderá sim acontecer em alguns casos com brevidade e em outros com o tempo. E que acreditamos nos futuros profissionais entrevistados enquanto atores desta mudança de paradigmas. Paulo Freire defende, sabiamente, que “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém”. E é isso que defendemos.

## Referências bibliográficas

Alberoni, F. (1977). *Innamoramento e amore*. (P. Dullius, trad.). Milano: Garzanti Editore.

Amado, J. S. (2013). A investigação em educação e os seus paradigmas. In J. S. Amado (coord.), *Manual de investigação qualitativa em educação* (pp. 19-59). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Amnistia Internacional. **Declaração Universal dos Direitos Humanos. Consultado em** <https://www.amnistia.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/>

Arnett, J. J., & Tanner, J. L. (2009). The emergence of 'emerging adulthood'. The new life at age between adolescence and young adulthood. In A. Furlong, *Handbook of Youth and Young Adulthood: New perspectives and agendas* (pp. 39-45). London/New York: Routledge.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bogdan, R. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 30(3), 301-313.

Brasil, Ministério da Saúde. (2001). Caderno de Atenção Básica, 8. *Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço*. Brasília: Secretaria de Políticas de Saúde. Consultado em [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/violencia\\_intrafamiliar\\_cab8.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/violencia_intrafamiliar_cab8.pdf).

Brito, S. M. de S. & Freitas, P. F. L. N. A. (2014) Gênero, Educação e Poder: A Presumida Igualdade e a Fabricação das Diferenças no Espaço Escolar. 18º Retor. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife-PE. *Perspectivas feministas de Gênero: desafios no campo da militância e das práticas*. p.p 250 -265. In <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/597/642>

Calvo, E. G. (2011). A roda da fortuna: viagem à temporalidade juvenil. In J. M. Pais (org.), *Jovens e Rumos* (pp. 39-57). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Conselho da Europa. (2008). *Livro Branco sobre o diálogo intercultural: Viver juntos em igual dignidade*. Estrasburgo: Conselho da Europa. Consultado em [www.coe.int/dialogue](http://www.coe.int/dialogue).

Dayrell, J. (2003). *O Jovem como sujeito social*. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 40-62. Consultado em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>.

Diário da República (2016) Carta ética e regulamento da comissão de ética. 2.ª série, nº 52, Lisboa: Instituto de Educação.

*Dicionário Origem da Palavra*. Consultado em <http://origemdapalavra.com.br/palavras/namoro/>.

Estrela, A. (1986). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Figueiredo, C. (1973). *Dicionário da Língua Portuguesa*, Vol. 2, H – Z. Amadora: Livraria Bertrand.

Freire, P. (2018). *Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à prática educativa*. 56ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.

Pasquale Cipro Neto. (2002). “Coluna Cotidiano”. *Folha de São Paulo*. Consultado em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0606200203.html>.

Foucault, M. (1999). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 13ª Edição. Rio de Janeiro: Graal.

Freire, P. (2018). *Pedagogia da Autonomia saberes necessários à prática educativa*. Ed. 56. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra.

Fromm, E. (2002). *A arte de amar*. Cascais: Pergaminho.

Garcia, C. G. (2015). *Breve história do feminismo*. São Paulo: Editora Claridade.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O Inquérito Teoria e Prática*. Oeiras: Celta.

Gauthier, M. L’âge des jeunes: «un fait social instable». *Lien social et Politiques*. Consultado em <https://id.erudit.org/iderudit/005114>.

Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade – sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP.

Giddens, A. (2008). *Sociologia*. 6ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Haraway, D. (2004). Gênero para um dicionário marxista: a política de uma palavra. *Cadernos Pagu*, 22, 201-246.

Louro G. L. (2007). Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*, 46, 201-218.

Louro, G. L. (2003). *Gênero, sexualidade e educação – Uma perspectiva pós-estruturalista* (6ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.

Louro, G. L. (2009). Heteronormatividade e homofobia. In R. D. Junqueira (org.), *Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas* (pp. 85-93). Brasília: Ministério da Educação, UNESCO.

*Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Consultado em <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=namoro>

Nicholson, L. (2000). Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, 8 (2).

Pais, J. M. (1990). A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social*, XXV (105-106), 139-165.

Pais, J. M., Lacerda, M. P. C. & Oliveira, V. H. N. (2017). Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação – uma entrevista com José Machado Pais. *Educar em Revista*, 64, 301-313.

Pais, J. M. (1990). *Análise Social*, XXV (105-106), 139-165.

Pereira, M. M. (2012). *Fazendo Género no Recreio. A Negociação do Género em Espaço Escolar*. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais.

Santos Rego, M. A. *et al.* (2019). Contribución del discurso intercultural a una nueva teoría de la educación. In J. Boavida e A. G. Dujo (org), *Teoria da educação contributos ibéricos* (p. 447-487). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Scott, J. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Consultado em [https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUK\\_EwjU1ouq7pDjAhWSHxQKHZx7D6EQFjAAegQIARAC&url=http%3A%2F%2Fmoodle.stoa.usp.br%2Fmod%2Fresource%2Fview.php%3Fid%3D39565&usg=AOvVaw0teVLOmnP8mN9gR329sJy](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUK_EwjU1ouq7pDjAhWSHxQKHZx7D6EQFjAAegQIARAC&url=http%3A%2F%2Fmoodle.stoa.usp.br%2Fmod%2Fresource%2Fview.php%3Fid%3D39565&usg=AOvVaw0teVLOmnP8mN9gR329sJy)

Torres, A. C. (2002). *Casamento em Portugal, uma análise sociológica*. Oeiras: Editora Celta.

Vieira, T. A. C. C. & Ostrouch-Kamińska, J. (2017). Dossier–Gênero, educação e cidadania: conhecimento, ausências e (in) visibilidades GÉNERO, EDUCAÇÃO E CIDADANIA: QUE «AGENDA» PARA A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E PARA O ENSINO E A FORMAÇÃO? *ex æquo*, n.º 36, pp. 9-22. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2017.36.01>

# **ANEXOS**

## ANEXO A

Entrevista semidiretiva a jovens estudantes universitários

**Tema: Equidade de Gênero no namoro**

**Objetivos gerais:**

- Conhecer as representações dos jovens sobre a igualdade de gênero
- Compreender como os jovens lidam com atitudes feministas e machistas.
- Conhecer a como se constroem as relações de poder dentro dos pares de namorados.
- Identificar conflitos e situações de violência nos pares.
- Conhecer estratégias de resolução de conflitos e de enfrentamento da violência no namoro.
- Conhecer as representações que os jovens universitários têm dos direitos e dos deveres no namoro.

**Qual sua idade?**

**Você exerce alguma atividade profissional remunerada?**

**Com quem mora?**

**Tem filhos?**

Blocos	Objetivos específicos	Perguntas	Notas/observações
A Legitimação da entrevista	- Informar ao entrevistado sobre os objetivos da entrevista - Motivar - Garantir o sigilo		
B Direitos e deveres no namoro	- Conhecer as representações acerca do namoro  - Identificar direitos e deveres valorizados no namoro	- O que é para si o namoro?  - Que significado têm tido as suas experiências de namoro para o seu desenvolvimento? - Pode narrar uma experiência de namoro que vivenciou que tenha sido uma aprendizagem? - E uma experiência em que	Relação de compromisso /relação passageira (flirt) Relação com o casamento Afetos/sexualidade/projeto de vida ..... Autoconhecimento Alteridade/relação com o outro  Liberdade Educação privacidade

		<p>tenha sentido os seus direitos postos em causa?</p> <p>- Refletindo sobre os namoros que já teve ou tem atualmente, acha que alguma vez pôs em causa os direitos do seu parceiro ou parceira? Que direitos?</p> <p>- Enquanto namorado/a quais os direitos que sente que devem ser garantidos na relação? E quais são os seus deveres para com a sua/seu parceiro/a?</p>	
<p>C</p> <p>Relações de poder no namoro</p>	<p>- Reconhecer formas de influenciar mutuamente os parceiros no namoro</p> <p>- Identificar situações de conflito mais frequentes e estratégias de resolução</p> <p>- Identificar situações de violência vividas no namoro e formas de enfrentamento das mesmas</p>	<p>- Como encara a gestão financeira na vida dos casais?</p> <p>- As finanças são motivo de conflitos? Como os gerem?</p> <p>- Como são tomadas as decisões, no casal, relativamente às compras, viagens, idas ao cinema ou ao teatro? Quem influencia quem?</p> <p>- Que situações geram conflitos nas suas relações amorosas? Quando acontecem, como as resolvem?</p> <p>- Já vivenciou situações de violência nas suas relações amorosas? A que atribui essas situações? Como as resolveram?</p>	<p>- Partilham a conta</p> <p>Partilham dificuldades financeiras e entreajudam-se</p> <p>- Não colocam a hipótese de partilharem esta dimensão das suas vidas</p>
<p>D</p> <p>Representações acerca do feminismo e igualdade de género</p>	<p>- Perceber as representações acerca dos papéis de homens e mulheres na sociedade</p> <p>- Identificar se questões relacionadas ao feminismo, exercem influência na relação</p>	<p>- Banda Desenhada - Mafalda</p>	<p>Diálogo a partir da leitura de imagens de BD da Mafalda</p>

<p>E Finalização da entrevista com as últimas impressões do entrevistado</p>	<p>- Perceber como o entrevistado recebeu as questões a eles apresentadas</p>	<p>- Síntese e meta-reflexão sobre a entrevista          - Captar o sentido que o entrevistado dá à entrevista, o que pensa dos objetivos e que contribuição acredita que pode dar a pesquisa.          - Gostaria de acrescentar mais alguma coisa ao que já foi dito.</p>	
--	---	---	--

Banda desenhada Mafalda – Figuras 1, 2 e 3



Figura 1

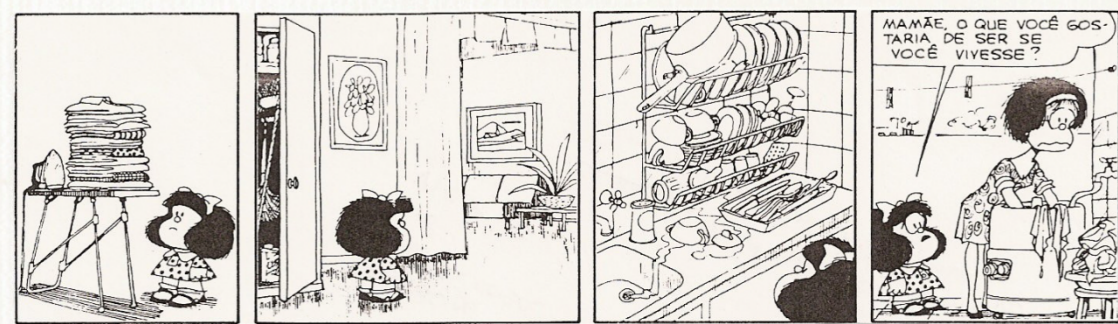


Figura 2



Figura 3

## ANEXO B



### **Mestrado em Educação e Formação Desenvolvimento Social e Cultural**

Termo de consentimento dos entrevistados(as) e esclarecimentos da pesquisa

Venho através deste solicitar a sua autorização para utilizar os dados coletados através desta entrevista. Os mesmos serão utilizados para a elaboração de minha Dissertação que realizo na Universidade de Lisboa, Instituto de Educação.

Sua participação nesta pesquisa tem como objetivo fornecer respostas aos questionamentos que serão realizados, sobre Equidade de Género no Namoro.

Informo que sua participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo.

A identidade do(a) participante não será de nenhum modo divulgada. Este documento servirá somente para a identificação da pesquisadora.

Tendo em conta que a entrevista será gravada, pedimos o seu consentimento para tal, uma vez que nos facilita o trabalho de transcrição. No final de todo o trabalho de investigação todo o material gravado será destruído a fim de preservar o anonimato e confidencialidade das informações obtidas.

Lisboa, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019

Nome do voluntário: \_\_\_\_\_

Nome do investigador: \_\_\_\_\_

## ANEXO C

### Transcrição das entrevistas

1ª Entrevista, Letícia

Entrevistadora - A primeira pergunta que tenho para ti é o que é para si o namoro?

Letícia - Pá, pergunta difícil, duas pessoas gostarem uma da outra, estarem juntos, partilharem momentos uma com a outra ... (silêncio) ... explicar por palavras é complicado, crescerem juntas, partilharem suas vidas, é um pouco isso.

Entrevistadora - E no caso de ser um compromisso, tu achas que o fato de ser namoro é uma coisa mais séria do que um flerte ou ficar?

Letícia - Sim, é um pouco mais sério sim, pede mais das pessoas uma para com a outra.

Entrevistadora - Responsabilidade seria?

Letícia - Sim, também

Entrevistadora - Qual o significado as experiências de namoro tiveram para o teu desenvolvimento? Melhorou, aprendeu alguma coisa com esses relacionamentos?

Letícia - Sim, minha primeira relação foi durante bastante tempo, ou seja, foi muito prolongada, então acabei por crescer com essa pessoa, trouxe muitas coisas boas, muitas coisas também não tão boas, mais as boas do que as más. E agora estou noutra relação um pouco mais diferente, são pessoas diferentes, mas, no fundo o meu comportamento é o mesmo, não muda e sim, as relações trouxeram coisas diferentes, coisas para a minha vida que me mudaram e me fizeram um pouco diferente, sim.

Entrevistadora - Tem como expor algum exemplo desse relacionamento que durou muito tempo, alguma coisa assim, que tu aprendeste, que ficou de bom ou alguma coisa que tu disseste – eu não quero repetir isso, ou então – eu quero que a minha vida seja dessa forma?

Letícia - Porque por exemplo o meu primeiro namorado era uma pessoa difícil de chegar em termos de sentimentos, uma pessoa muito fechada também, não foi muito fácil então, foi um bocado nesse aspeto que eu aprendi a tentar chegar ao outro, a tentar perceber através de poucas palavras o que a pessoa sente, acho que um bocado isso que me trouxe.

Entrevistadora - Aprendeu mais a sensibilidade?

Letícia - Sim, talvez, empatia, chegar perto. A pessoa não falar o que se passa, - não tás bem explica o que é que se passa, e a pessoa quase dizer nada, sempre, um pouco isso talvez.

Entrevistadora - Acho que no geral os homens são assim difíceis de conversar (em tom

de piada, seguida de risos). Quero entrevistar os rapazes também para saber. Podes me narrar uma experiência, pode ser desse primeiro relacionamento ou outro, contar uma história, alguma coisa que com isso, para ti foi uma aprendizagem ou para o bem ou para o mau, alguma situação?

Um tempo de silêncio – entrevistada pensando...

Entrevistadora - Algo que tenha sido significativo, uma situação qualquer, uma história, um caso. (risos)

Letícia - Complicado buscar assim, uma coisa assim de repente ... (silêncio)  
Mas só entre mim e ele ou com o exterior também?

Entrevistadora - Não, entre só vocês dois, se bem que a situação pode sim envolver o exterior também. Não lembras? Então deixa eu anotar aqui, eu anoto aqui e narras a experiência de e depois.

Letícia - Não estou vendo assim nenhuma experiência que tenha tido.

Entrevistadora - E houve alguma experiência, passaste por alguma coisa que tenha colocado teus direitos em causa que, pense, eu fui tolhida de alguma forma, não devia ter feito?

Letícia - Não, assim diretamente, que eu deixasse não.

Entrevistadora - E no caso, refletindo sobre os namoros que já teve, tu falaste dessa relação ou desta outra, teve alguma vez que tu fizeste isso com ele?

Letícia - Não tô a perceber.

Entrevistadora - Chegar a por em causa os direitos dele também.

Letícia - Ah, não, penso que não.

Entrevistadora - Não ocorreu?

Letícia - Acho que não.

Entrevistadora - Certo.

Letícia - Se eu gosto que me respeitem, também gosto de respeitar os outros.

Entrevistadora - Os dois lados, não houve nenhuma situação de sentir que foi, como eu diria uma “infração dos direitos” uma invasão de privacidade ou coisa assim?

Letícia - Não.

Entrevistadora - Essa daqui é complementando, enquanto namorada no caso, quais são

os direitos que devem ser garantidos na relação?

Letícia - Por exemplo, acho que tendo uma relação, acho que há coisas que mudam, mas há outras que também têm que se manter, por exemplo, não é só por ter um namorado que não possa sair com as amigas, ou estar com outra pessoa, há muita gente que faz isso, vive só naquela relação sem olhar para o que está a sua volta, mesmo tendo namorado, uma relação, também temos privacidade, não é estar a esconder coisas, mas há coisas também só nossas e não temos que estar a partilhar se não estivermos confortáveis com isso... ahm... ter o seu espaço também, ou seja só sai com aquela pessoa se estou namorando, ter espaço e também fazermos coisas sozinhas, mas termos nosso espaço com nós e nosso espaço com os outros.

Entrevistadora - E nesse caso tu estás falando do dois? Tanto ele para contigo e contigo para ele?

Letícia - Sim, uhum.

Entrevistadora - A outra pergunta seria o que tu achas que são os deveres para com o parceiro?

Letícia - Assim, acho que tem que ser as coisas iguais, como é para um, tem que ser para o outro.

Entrevistadora - Para os dois lados?

Letícia - E algo que seja um dever no namoro, no caso se não ocorrer não existe namoro. Eu acho que quando uma pessoa está numa relação não tem deveres, porque se não fica quase que como uma obrigação, acho que as pessoas fazem as coisas por querer, não aquela coisa “ah eu tenho o dever de estar com aquela pessoa” parece que é um bocado obrigado, tem o dever de jantar, parece que é um bocado de obrigação, acho que não passa muito pela palavra dever, mas com coisas que se faz por gostar da pessoa e fazer com a pessoa.

Entrevistadora - Por exemplo, o dever seria então fazer coisas que você goste com a pessoa? Estar bem, respeitar?

Letícia - Sim.

Entrevistadora - No caso de saírem juntos, como é que funciona a questão financeira, quem paga, dividem?

Letícia - Assim, acho que isso depende um bocado das situações, acho que há momentos em que pode ser um a pagar depois outro, ou dividirem, acho que eu não tenho na minha cabeça definido, ok eu pago sempre, ele paga sempre, acho que depende da situação.

Entrevistadora - Já houve algum conflito por causa disso?

Letícia - Não, conflitos a sério não.

Entrevistadora - Nenhum dos dois, de reclamar?

Letícia - Meu primeiro namorado que estava sempre pagando as coisas, mas eu ia lá por trás e pagava, mas não era conflito a ponto de se discutir nem nada, mas brincadeira.

Entrevistadora - Sei. E como são tomadas as decisões para fazer comprar, viagem, para onde sair, cinema, teatro alguém influencia a outro? Os dois têm direitos iguais? Ou um sugere mais coisas?

Letícia - Assim, eu acho que há coisas que por exemplo pode ser um só do par que gosta de ver aquilo e depois perguntar, queres vir comigo? Acho que podemos sempre ceder, é pá eu não gosto tanto, mas tu gostas eu acompanho, mas também outras vezes pode acontecer ao contrário, mas quando é para fazer os dois coisas em conjunto que gostem, acho que tem que ser uma decisão dois a dois não é um que prevalece só.

Entrevistadora - Então no teu relacionamento vocês fazem isso, os dois lados sugerem?

Letícia - Sim, tem que ver e discutir os prós e contras, as vantagens, acho que é um bocado por aí.

Entrevistadora - Discutem tranquilamente se sim ou não?

Letícia - Sim e chegar a um consenso, acho que a se discutir não se vai a lado nenhum

Entrevistadora - Nenhum influencia a outro porque as vezes tem um que é o que mais decide, são os dois então?

Letícia - Não.

Entrevistadora - Tem alguma situação que gere conflitos nas tuas relações?

Letícia - Ah, uma questão que gere conflito?

Entrevistadora - Alguma que seja ...

Letícia - Neste momento não, mas já tive talvez com as saídas à noite, às vezes com a confusão que há talvez, mas depois também passou.

Entrevistadora - Então já tiveram esse conflito com a questão de sair à noite sem o outro, seria isso?

Letícia - É assim, tipo quando saíamos separados, somente quando era a minha vez de sair, ele dizia – ah não sei que os rapazes então e então ...

Entrevistadora - Vão te olhar?

Letícia - Era mais nesse sentido, mas nunca gerava assim confusões, discussão nada, mas “mandar a boca”, não sei quê, mas depois passava.

Entrevistadora - Uma tensãozinha mas passava, nada muito sério?

Letícia - Não gerava nada.

Entrevistadora - Então já até respondeu aqui que situações geram conflitos, não é? E quando acontece como é que se resolve, no caso resolve com conversa. Um cedendo para o outro?

Letícia - Sim.

Entrevistadora - E alguma situação de violência que tu achas que tenha sofrido, já aconteceu algum tipo?

Letícia - Não, nunca sofri.

Entrevistadora - Pode ser física, psicológica, algum xingamento, alguma coisa que deixa “para baixo”, nada?

Letícia - Não, eu nunca cheguei a este ponto com ninguém.

Entrevistadora - Já que não houve, vamos passar para a próxima. Eu tenho aqui três imagens, não sei se conheces a Mafalda que é uma banda desenhada

Letícia - Uhum.

Entrevistadora - Elas estão numeradas 1, 2 e 3, então eu gostaria que tu desses uma olhada nelas e me falasse um pouquinho de cada uma, o que tu achaste?

Letícia - É para ver assim?

Entrevistadora - É separado, aqui é uma, depois outra (explicando como deve ser lida a banda desenhada).

Letícia - Tá.

Observação da imagem (risos)

Letícia - Hum, ok. Aqui na primeira da questão como se a mulher só servisse para aquilo e mais nada.

Entrevistadora - De que a mulher é um trapo?

Letícia - Exato. Essas são muito semelhantes (se referindo as figuras 1 e 2) no sentido de que a mulher não vive, só na casa e arruma a casa e não faz mais nada.

Entrevistadora - O que tu achas dessas situações?

Letícia - Acho que isso é uma ideia muito antiga.

Entrevistadora - Já não...

Letícia - Só para te dar um exemplo, lá em casa acontece ao contrário, meu pai em casa faz o almoço, faz o jantar e minha mãe é que vai para fora trabalhar.

Entrevistadora - Aham.

Letícia - Por isso a minha imagem não é muito essa.

Entrevistadora - Então tu já tens o exemplo de não ser dessa forma?

Letícia - Mesmo em casa, que além do meu pai estar em casa e cozinhar para nós, meu irmão tem treze anos e já contribui em casa, roupa na máquina, mete a mesa, faz salada, faz o lanche dele sozinho, não precisa de nós para nada para fazer esse tipo de coisa e tem treze anos e já está habituado já, e a minha mãe agora que ele está de férias. – Vou te dar tarefas do final de semana para fazer enquanto está em casa, e ele está sempre a jogar, - pronto tá bem, a tarefa dele noutro dia foi varrer a casa de banho e ele vai lá e faz.

Entrevistadora - Então não tem essa história de que a menina que varre, ...a mãe...?

Letícia - Não, todos temos que contribuir um bocado e a parte do homem e da mulher, a mulher fica em casa... E não é pelo homem trabalhar que tem que ser mariquinhas (comentário relacionado à figura 3).

Entrevistadora - Tu achas então que isso aqui já são figuras antigas?

Letícia - Sim, pelo menos é aquilo que eu defendo.

Entrevistadora - A tua vivência já não representa...?

Letícia - Não!!

Entrevistadora - Vamos lá. Aqui já está finalizando, se tu quiseres acrescentar alguma coisa, se tu quiseres falar um pouquinho do que tu achas da temática, o que achou do tema?

Letícia - É uma temática interessante, por que acho que todas as pessoas têm vivências diferentes, quando têm uma relação e mesmo a mesma pessoa pode ter várias relações diferentes, as pessoas são sempre diferentes, às vezes, acho que é bom para pararmos para pensar e ver as diferenças, não é? E neste caso para mim ficou mais fácil buscar a minha relação passada, por que foi mais tempo e houve mais coisas a acontecer do que agora que é recente ahm... mas é isso.

Entrevistadora - Ah sim, só para voltar, narrar a experiência lembraste de alguma?

Letícia - Acho que foi essas que eu tive mais assim, consigo lembrar um bocado no sentido que estava a dizer, quando tínhamos problemas de falar, eu fui muito um apoio por que ele tinha muitos problemas em casa e como havia ali muitos conflitos, então, havia momentos de quebra e eu consegui ser o apoio para ele conseguir se levantar, acho que são essas situações que eu me lembro mais.

Entrevistadora - Foi a experiência de ajudares ele?

Letícia - Sim.

Entrevistadora - No caso tu foste o apoio?

Letícia - Sim, sim talvez por isso que nós temos uma relação de amizade ainda, por causa disso, fomos muito o apoio um do outro por algum tempo ... então pronto, acho que foi isso. As experiências assim que eu consigo lembrar mais.

Entrevistadora - Te serviu, tu achas que foi importante para a tua vida?

Letícia - Sim.

Entrevistadora - Mais alguma coisa?

Letícia - Não.

Entrevistadora - Ok, obrigada

2ª entrevista, Leandra

Idade – 21 anos.

Atividade profissional remunerada – Não.

Morada – Com o avô.

Filhos – Não.

Entrevistadora - Boa tarde, obrigada por participar da pesquisa, lembrando o tema que é equidade de gênero no namoro, já falei sobre os objetivos. A primeira pergunta, o que é o namoro para si?

Leandra - Eu vejo uma relação de namoro, isso pode parecer uma comparação um bocado parva mas, eu vejo como se fosse uma família obviamente que a parte do namoro tem alguns extras, mas supostamente a família é a nossa base, nosso suporte, supostamente a pessoa a quem vamos sempre recorrer primeiro, eu acho que a criação de uma relação também deve ser isso ter uma outra pessoa da nossa confiança, nosso suporte, uma pessoa que vamos sempre recorrer primeiro, acho que o namoro deve ser isso, deve ser apoio mútuo e pronto, ah... ok.

Entrevistadora - Quais foram os significados que as tuas experiências de namoro te deram para o teu desenvolvimento, para tua vida, o que tu é hoje?

Leandra - Aprendi que realmente há diferença quando as pessoas gostam mesmo ou não, ahm ... aprendi que quando uma pessoa realmente gosta de nós é capaz de fazer esforços que se calhar os outros não fariam ah e também com isso consegui aprender que isto numa relação não funciona se não formos trabalhar para ela, acho que isso é o mais importante, isso é um arrependimento quer dizer arrependimento não, aprendizagem que tenho, que podemos retirar de uma relação.

Entrevistadora - É que os dois têm que estar comprometidos?

Leandra - Sim.

Entrevistadora - A terceira é se tu tens alguma experiência que tenha passado, vivenciado, com a qual tu aprendeste, um caso, uma história?

Leandra - Sim, sim. Eu tive, eu neste momento estou numa relação não é, é minha quarta relação, só que as outras não duraram muito, verdade seja dita e eu tive a experiência de vivenciar duas relações à distância, em que numa delas eu posso dizer que nunca fui prioridade para a pessoa e na outra é que foi a tal aprendizagem que eu fiz, tava há ainda mais quilômetros que a outra pessoa e largou tudo só para me ver porque tinha saudades minhas e daí a dizer que quando uma pessoa realmente gosta não importa o quê que está a acontecer na vida ou não, mas vem.

Entrevistadora - Na experiência ele veio ter contigo?

Leandra - Sim é isso sim (risos).

Entrevistadora - Houve alguma experiência que tu tenhas sentido teus direitos postos em causa?

Leandra - Sim, na minha primeira relação, não chegou à violência física, mas psicológica teve lá bastante presente e não é uma coisa que *teja* marcada hoje em dia, eu também reconheço era um bocado criança ah, mas sim, nesse dia foi um cenário mau, foi mau, foi mau.

Entrevistadora - O que ocorreu foi briga, vocês brigaram?

Leandra - Foi, foi muitos berros, foi chegar ao ponto de ser chamada a polícia, mas... por isso é que eu tô a dizer, não sei como é que não chegou à violência física, mas felizmente não chegou.

Entrevistadora - Na situação que falaste, foi mais ele que fez ...?

Leandra - Sim, foi ele.

Entrevistadora - Houve algum caso que foste tu a causar?

Leandra - Não, não.

Entrevistadora - Estando namorando, quais tu achas que são os direitos que devem ser garantidos na relação?

Leandra - Espaço pessoal mesmo, porque eu acho que não é por nós estarmos a namorar que nós assinamos um papel de casamento, ahm ... eu acho que cada um deve ter a sua liberdade também para fazer as coisas ok que, tal como foi dito, quando se começa a namorar há coisas que mudam, mas não é por eu sair a noite com minhas amigas ou coisa do género que tem que ser um despertar para uma discussão ou algo assim, porque acho que nós não deixamos os dois de ter nossas vidas, os nossos amigos e nós até podemos coincidir as duas vidas que é para as coisas serem melhores, mas assim, é esse um aspeto ...

Entrevistadora - No caso tu falaste dos direitos, e os deveres?

Leandra - Assim, eu sinto que não há, não é não existir deveres, mas existe sim uma responsabilidade, mas no sentido ... ok, se calhar se eu sair vou ... se calhar avisá-lo para também não ficar preocupado comigo é mais nesse sentido, não é avisar porque tenho que o fazer é mais no sentido ... ok, se acontece alguma coisa se calhar ele pode me ajudar de alguma forma, ahm... não sei...

Entrevistadora - E a questão financeira, quando vocês saem?

Leandra - Algumas vezes sou eu, algumas vezes são ele, outras vezes é dividir normalmente, não há muitos problemas nesse sentido.

Entrevistadora - Finanças geram conflito?

Leandra - não, não!!

Entrevistadora - E as tomadas de decisões?

Leandra - Muitas vezes eu sou normalmente a pessoa que gosta de falar sobre as coisas, ele é mais impulsivo do género, ok vamos chegar a altura e vamos ver como é que vai acontecer, não é de planear muito, eu sou mais de planear, mas geralmente corre sempre bem, porque nós temos boa comunicação um com o outro portanto, acabamos sempre a buscar algum consenso.

Entrevistadora - Normalmente é tu que decides?

Leandra - Decidimos os dois.

Entrevistadora - E situações que geram conflitos nas relações, existem, quais seriam?

Leandra - Só uma situação específica neste relacionamento que é ciúmes, eu sou uma pessoa um bocado ciumenta, e depois, pronto há uma pessoa específica, eu tenho muita confiança com ele e não me faz confusão ele ter amigas mas pronto, há sempre uma pessoa que nos faz mais confusão, apesar de nós termos certeza que essa pessoa não quer nada, faz-nos mais confusão e pronto, e ele não é uma pessoa que goste de ciúmes de todo, então pronto só o facto de eu sentir ele fica um bocadinho chateado, mas há uma coisa que salva porque ele sabe sempre como me acalmar, então passa em frente. (risos)

Entrevistadora - É um conflito que não é tão grande?

Leandra - Exato.

Entrevistadora - Como resolvem as situações de conflito? Com o diálogo?

Leandra - sim, sim

Entrevistadora - E situações de violência nas relações? Mencionaste uma situação, se quiseres e puderes falar um pouquinho

Leandra - ah, quer perceber como é que aconteceu, eu sou sincera, já foi há muito tempo, não me lembro exatamente como é que surgiu sequer, ah mas sei que chegamos a um ponto que já berrávamos um para o outro basicamente e houve uma situação de ele me agarrar e pôr-me contra a parede, mas não aconteceu mais nada depois, só lembro de termos a polícia à porta por causa do barulho, mas eu sou sincera não me lembro o porquê da discussão, não me lembro como é que começou.

Entrevistadora - a que atribui a violência na relação?

Leandra - É assim eu acho que tem pessoas que não foram feitas para namorar porque... é verdade!! ... porque eu acho que aquilo que aconteceu se fosse outra pessoa podia perfeitamente ter sido evitado, eu acho que muitas vezes a pessoa não é paciente e com

qualquer coisa também se chateia, logo eu acho que isso também não é saudável, ahm e acho que muitas vezes tem a ver com a personalidade das pessoas porque não são compatíveis, ou porque não se conseguem entender um com o outro e acho que é mais por aí.

Entrevistadora - Aqui tem a Mafalda, gostaria que lesse a banda desenhada e me dissesse qual a tua opinião sobre o que ela mostra

Leandra - As duas primeiras eu acabo por vivenciar um bocado disso porque, eu vivo com meu avô então digamos que ele acaba por ser de uma geração mais antiga, então a cabeça ... na cabeça dele é a mulher que tem que fazer tudo. Só que eu como sou da geração mais recente também tenho que bater um bocadinho o pé para as vezes, para as coisas serem equilibradas, isso é que tem que andar a agulha com ele para ver se ele consegue fazer alguma coisa porque lá tá, a ideia dele é as meninas que têm que fazer tudo, mas depois tenho meu padrinho que já é de uma geração mais recente que está nos seus 40 anos, e ele ajuda a mulher e se for preciso faz muitas vezes ele as refeições, há coisas que ele pronto, tipo por exemplo estender roupa ele diz – não isso eu não faço, mas por exemplo cozinhar as refeições e coisas do género isso ele faz, mas acho que nós já estamos em uma geração que é diferente porque eles já estão habituados desde pequenos que a mulher não é para tudo, que mulher tem uma vida também, tem seus direitos.

Entrevistadora - E esse último aqui que ele está fazendo trabalho doméstico?

Leandra - Pois, eu acho que é a ideia que se deve ter não é por ajudarmos em casa que somos mariquinhas, eu acho que isso faz até melhores homens na realidade

Entrevistadora - Achas que homens assim estão em extinção?

Leandra - Eu acho que daqui a uns anos eles já não têm essa ideia, neste momento eles vão começar a fazer, mas há alguns anos que ainda podem ter essa ideia mas eu acho que mais uns aninhos e essa ideia já não vai ser assim (risos).

Entrevistadora - O que achou da entrevista?

Leandra - Eu acho que é um tema mesmo muito importante a ser falado porque muitas vezes as situações ocorrem e ninguém se apercebe e você foi lá na sala pedir para a gente contribuir com as entrevistas só que na realidade é que se uma pessoa tivesse que passar por isso também não tinha coragem de falar e portanto eu acho que as cenas, deviam procurar soluções para as pessoas não terem vergonha e não terem medo de falar porque eu acho que mais do que a gente pensa isso acontece muito e se calhar pessoas que nós nem achamos que podem acontecer portanto dou-lhe os parabéns pela escolha do tema e que corra tudo bem.

Entrevistadora - obrigada.

Entrevistadora - E alguma coisa a acrescentar?

Leandra - Só tenho uma dúvida por que o critério é estar a namorar?

Entrevistadora - A ideia seria ter uma relação “viva”

Leandra - Por que me parece que as perguntas, dá para ir buscar muitas experiências anteriores, então acho que não precisamos necessariamente estar a namorar neste momento, portanto é só o que eu achei

Entrevistadora - É, de repente eu posso vir a modificar isso.

Entrevistadora - Mais alguma coisa?

Leandra - Não.

Entrevistadora - Obrigada.

3ª entrevista, Marília

Idade – 24 anos.

Atividade profissional remunerada – Não.

Morada – Com uma tia, os pais moram em outra cidade.

Filhos – Não.

Entrevistadora - O que é para si o namoro?

Marília - Ahm, para mim é uma relação entre duas pessoas, essas duas pessoas comprometem-se numa relação em que há um compromisso, para além do compromisso também há afeto, as pessoas têm que gostar uma da outra, tem que sentir que estão na relação porque gostam ou porque querem estar e por isso comprometem-se naquela relação, acho que sim o namoro é uma relação amorosa em que as duas pessoas querem efetivamente estar juntas.

Entrevistadora - Que significados tem tido as tuas experiências de namoro para o desenvolvimento, tu achas que se desenvolveu nas experiências de namoro?

Marília - Sim. Tenho desenvolvido ... uhm ... a força, muita resiliência, conseguir ultrapassar as dificuldades e as discussões porque existem conflitos, desigualdade de opiniões e isso leva-me a amadurecer, a aumentar a minha capacidade de resolver problemas, tenho ganho também ao longo da vida, uhm... é uma pergunta boa... amor por mim própria também porque as vezes quando não estamos numa relação de namoro ficamos, as vezes quando não estamos numa relação de namoro, cansamos um bocado de nós, como eu já fui tendo relações e fui acabando, ao longo de cada relação percebia que as vezes, que assim um bocadinho, perdia-me um bocadinho, pronto aquela fase da paixão, depois quando acabava que recuperava um bocado aquela..., aquele amor próprio e investia outra vez em mim, nas minhas tarefas e isso é importante agora, as relações que tenha no futuro tenho sempre isso em conta, não me apagar e ter isso bem em conta portanto acho que isso também foi uma coisa que eu fui ganhando ao longo dos anos, amadurecimento.

Entrevistadora - Então tu achas que com os relacionamentos, cada um, tu foste se auto conhecendo e melhorando para depois, auto-estima, se gostando mais?

Marília - Sem dúvida, sem dúvida.

Entrevistadora - Entendi. Tens como narrar, uma experiência vivida, um caso, uma história que tu vivenciaste, que tenha sido, e com isso eu aprendi?

Marília - Sim. De qualquer relacionamento de namoro?

Marília - Acho que partindo um bocado daquilo que eu já tinha falado das minhas experiências de amor, não foi muito boa terminou mal, e o rapaz nesse caso, chegava a um ponto, que não era bem que me tratasse mal, mas quase que era, ele já não me ligava, já não me dava a atenção que dava, já dava os elogios que dava e eu já fazia tudo em função dele e não na minha, só para o agradar, esqueci-me um bocado de mim e

com isso quando as coisas acabaram eu quando me apercebi de onde era que eu estava metida e ainda bem que acabou porque de fato não estava a ser bom para mim, e com isso aprendi muito mais a valorizar-me a mim própria, a saber me elogiar a não deixar que os outros me atacassem que me olhassem de forma negativa e... acho que investi muito mais em mim, depois dessa relação no sentido em que fui para o desporto, fiz muito mais cursos, cuidei muito mais da minha aparência, comprei coisas novas, quis sair mais, quis ir viajar por Lisboa, conhecer novas pessoas e acho que foi um bocado pela relação que tive, que me perdi um bocado ali, as coisas já não estavam muito saudáveis depois quando acabaram eu decidi melhorar-me.

Entrevistadora - Acabaste verificando que como não estava bem tu querias coisas melhores?

Marília - Sim, sim, e ainda bem que aconteceu. (risos)

Entrevistadora - E houve alguma experiência que tenhas sentido que os teus direitos foram postos em causa?

Marília - Sim, sim, acho que posso dizer que sim, os direitos no sentido em que, ahm, direitos básicos de autonomia, responsabilidade, respeito, acho que o respeito foi uma coisa que no fim já se estava a perder e por isso ainda bem que acabou porque dali só ia piorar.

Entrevistadora - Com todas essas situações tu podes dar um exemplo?

Marília - Por exemplo num grupo de amigos ahm... (silêncio) o rapaz em causa criticava-me na frente das pessoas e isto é uma componente muito chata que é o componente social e verem que ele estava a me coagir na frente das pessoas, e isso é mal, e aí foi quando o respeito estava a ser perdido e sim, foi isso.

Entrevistadora - Então tu achaste que neste momento...

Marília - Perdeu qualquer respeito, não era uma coisa saudável

Entrevistadora - E refletindo sobre isso, tu achas que já fizeste isso já colocaste em causa os direitos do parceiro, do namorado?

Marília - E também não vou dizer que sou boa e ele é o vilão, portanto também acredito que tenha feito coisas más e que também me tenha passado com ele, se calhar até passado mesmo dos limites, tal como ele eu, chegámos a um ponto em que perdemos o respeito um pelo outro então quando ele me desrespeitava eu também o desrespeitava, nem que fosse a falar mal com ele, “dizer para ele ir para outro sítio” ou o que fosse ... também já passava daquele limite, portanto acho que ele podia ter algumas atitudes ahm, que me desrespeitavam e eu respondia em consequência disso portanto já era de igual.

Entrevistadora - Aconteceu de, de repente falar mal dele também na frente de outros, brigarem na frente dos outros?

Marília - Sim, sim.

Entrevistadora - E enquanto namorada no caso, tu achas, quais são os direitos que tu tens garantidos na relação?

Marília - Ahm... autonomia, respeito, confiança (silêncio) acho que é isso.

Entrevistadora - E os deveres?

Marília - Ah, são mais, ahm, lá está, a partir um bocadinho também dos direitos que são dever, respeitar o outro o dever de fornecer e receber confiança, o dever de respeitar, o dever de deixá-lo ser uma pessoa também, ter os seus gostos, as suas amizades, as suas atividades e o dever de algum dia se as coisas não correrem bem terminar aquela relação.

Entrevistadora - Então esses tu achas que são deveres e também são direitos seria uma “via de mão dupla”?

Marília - Sim.

Entrevistadora - E quanto a gestão financeira, quando vocês saindo para um cinema, um restaurante, alguma coisa assim, como é que funcionava?

Marília - Ah, em relação ao dinheiro é?

Entrevistadora - Isso. Quem pagava, como acontecia?

Marília - Ele pagava, ele tinha mania de pagar tudo e depois ele fazia isso, que não era bem cobrar, era e não era, mas ele pagava e, as vezes depois para a frente, começava a “mandar boca” - eu pago-te tudo, - eu fiz tudo - eu faço tudo e tu és assim, no calor das discussões, ele quase que cobrava aquilo que fazia, fazíamos viagens e em toda viagem nós discutíamos e ele dizia – mas estou aqui a fazer este esforço, eu tô aqui a viajar contigo, e dar-te do bom e do melhor e não sei quê, e tu és assim, pronto esse tipo de coisas não são agradáveis, ele tinha de facto mais a responsabilidade de pagar porque ele trabalhava e eu não e ele sentia que podia e pronto pagava, mas depois tinha esse problema.

Entrevistadora - Então a gente pode dizer que a questão das finanças e como se geria eram motivos de conflito?

Marília - Era, até porque ele era filho único era filho único daqueles pais e a mãe e o pai ahm, eles têm uma proximidade entre eles todos muito grande e a mãe e o pai também tinham opinião sobre o dinheiro dele portanto era uma coisa que eu as vezes dizia – vamos jantar fora, - vamos não sei que, e íamos jantar fora, e ele tinha que comprar alguma coisa para a mãe, não sei que nam nam nam, ou tinha que gastar o dinheiro numa coisa qualquer para os pais, ou ele tinha que emprestar dinheiro aos pais ou seja, também haviam os pais pelo meio, era uma forma de conflito também e as vezes lhe dizia – se calhar ele podia poupar e fazer um pé de meia, para uma vida futura e não sei

que e ele não era assim, ele esbanjava e esbanjava o dinheiro portanto.

Entrevistadora - Tu achas que ele se utilizava disso, do fato de pagar para de repente cobrar mais, era mais ou menos isso?

Marília - Sim, sim.

Entrevistadora - No caso das decisões entre o casal, para viajar, para o cinema tu já falaste de algumas coisas, quem influenciava mais?

Marília - Como assim não percebi?!

Entrevistadora - Quem dava mais a ideia, eram os dois, ou principalmente um ou o outro?

Marília - Ele, mais ele, ele era muito de – eu quero, posso e mando, eu quero fazer isto vamos fazer isto, eu posso porque eu é que tenho dinheiro para fazermos isso e eu mando no que é que vamos fazer, era um bocado assim. E daí a questão de ter me anulado, de ter me posto um bocadinho de parte nesta relação e depois quando acabou de facto eu descobri de facto o que estava a me acontecer, porque ele estava a me anular completamente, isso não é bom.

Entrevistadora - No caso ele influenciava para as decisões, saídas, passeios?

Marília - Sim.

Entrevistadora - E quais eram as situações que geravam conflitos nas relações?

Marília - O dinheiro gerava, a família, a família dele os pais, devido ele ter uma relação muito próxima com os pais. Mas falando de maneira geral o que pode gerar conflito é a família, a relação com a família vai influenciar a minha relação com ele, e se não me der bem com os pais dele ele não vai querer me levar a casa dele, é difícil gerir, o dinheiro também é uma possibilidade e a desigualdade de opiniões de feitos, opiniões completamente opostas também, ou seja não ter nada em comum, não haver coisas em comum. Mas... o desrespeito um bocado daquilo não respeitar o que o outro quer fazer, o que o outro gosta e que o outro pensa também geram conflito.

Entrevistadora - E no caso era mais ele que causava conflitos na relação?

Marília - Sim, ele tem essa percepção, lá está, eu tenho a minha percepção ele pode ter a dele não sei, mas no meu caso acho que a minha percepção é esta, ele tinha um feito especial.

Entrevistadora - E então quando aconteciam esses tipos de conflitos eles eram resolvidos, tentavam resolver de alguma forma?

Marília - Pois, nisso era mais ele porque, eu ficava muito ofendida porque ele magoava-me, tratava mal e eu ficava ofendida, amuava-me, ficava calada no meu canto, não

queria falar com ninguém e ele vinha falar comigo e tentava resolver e desculpávamos um ao outro e resolvíamos, falávamos sobre a situação, sim, as vezes discutíamos muito porque no início tínhamos a opinião muito diferente, depois na medida que íamos conversando e a buscar a opinião, - mas porque fizeste isto mal, eu fiz isto mal vamos tentar não fazer isto, isto e isto, conversávamos, depois acabávamos nos entendendo é a comunicação, a comunicação é fundamental.

Entrevistadora - E, tu já vivenciaste alguma situação de violência nas relações? Qualquer tipo de violência, não só física que é a mais visível, digamos assim, mas, psicológica, patrimonial alguma coisa assim.

Marília - Lá está, eu acho que a violência é um conceito que está pouco definido não tá claro o que possa ser violência e o que não é, até que ponto é ou não, neste caso específico eu pergunto-me se de facto não era porque, porque passava mesmo do limite é e lá está se calhar um bocado no fundo podia não haver a violência física que se via tanto, se calhar a psicológica e o sentir que tinha que fazer tudo que ele queria e tinha que ser como ele queria, não podia...tinha que viver muito para ele em função dele e isso acabava por ser um bocado de violência psicológica, porque acabava que me diminuía pronto e lá está, o que é que é e o que não é? Até podia ser aqui.

Entrevistadora - Por exemplo, quanto a autoestima, ele falava alguma coisa que te diminuísse, ou coisa do tipo?

Marília - Sim, sim as vezes sim, mas eram extremos porque as vezes podia me dar elogio e dizer - tás tão gira, como outras vezes dizia, - não comas, vais ficar gorda depois não quero que fiques gorda, e não sei quê, era de extremos.

Entrevistadora - A pergunta acho que já foi até respondida que atribuis tais situações e como eram resolvidos, então tu atribuis realmente ao casal mesmo e de repente como tu falaste ao feitio dele que era um bocado difícil, na verdade, não sei, talvez ele fosse um bocado possessivo?

Marília - Sim.

Entrevistadora - Queria mandar na relação, seria mais ou menos isso?

Marília - Sim, sim, claramente sim. Ele queria mandar na relação, em todas as relações, não só comigo, com os amigos, com a família, era a maneira dele de ser.

Entrevistadora - Ele agia desta forma mesmo, de querer controlar?

Marília - Sim.

Entrevistadora - Eu tenho aqui a banda desenhada Mafalda, não sei se conheces

Marília - Sim.

Entrevistadora - Então tem as figuras, 1, 2 e 3 eu queria que desses uma lida, (indicando

as imagens) e me dissesse, pode dizer em separado ou geral o que tu achas.

Marília - Sim. Lendo (risos). Tá muito giro.

Marília - Vou começar por esta 3 porque acho que esta é mesmo muito importante e estão seguidas porque o que de facto passou-se de um extremo para o outro, não sei se a partir de um tempo para outros mas, as pessoas têm tendência a ver extremos, a mulher é que deve fazer tudo em casa e o homem é que deve trabalhar fora de casa e não sei quê, e eu acho que isto é que o equilíbrio, o meio termo é mesmo o ideal e isso é muito difícil de conseguir, mas pronto passando a falar por esta acho que isto é importante de desmistificar, porque há homens que têm muito esta ideia ainda de que ainda, homens e mulheres mesmo, as mulheres também está nas mulheres a ideia de que toda a vida a mulher é que tratava, então a mulher assumiu aquilo como seu, todas as mulheres viram aquilo como seu ...ahm... como se fossem responsáveis por tudo na casa, o que, se calhar é mais difícil pedir a colaboração do homem, porque ela própria pegou para si estes trabalho, isto é importante desmistificar em todas as pessoas que de facto ajudar não é ser menos que ninguém, ajudar é estar com aquela pessoa, é fazer com aquela pessoa, é trabalhar em conjunto em equipa, porque acho que numa relação de casal é mesmo isso é trabalharmos em equipa não só no amor e no carinho e na parte sexual, mas também na casa e nos filhos e em tudo que nos liga, e acho que de facto é uma coisa muito difícil e muito importante de ser falada e de ser trabalhada, porque há mesmo muitas pessoas que são opostas, porque a mulher faz e hoje em dia já se vê muitos homens a fazer, e a mulher não faz tanto, pois já sabe que o homem faz, portanto de facto acho que aqui ainda não há bem um equilíbrio, uma equidade, ainda não se consegui mas, eu espero e eu trabalho muito, agora tenho outra relação e trabalho muito isto em casal que é, fazermos em conjunto, ajudarmos, um dia faz um, outro dia faz o outro, - olha eu vou arrumar a cama podes me dar aqui uma ajudinha. Se formos os dois é mais rápido, agora temos a roupa para tratar, vamos tratar da roupa, pronto há coisas que eu percebo mais e há coisas que ele percebe mais.

Entrevistadora - Então só voltando um pouco, no teu novo relacionamento agora, tu pegaste exemplos, crescestes e amadureceu quanto algumas coisas?

Marília - Sim, sim. Claramente

Entrevistadora - Podemos dizer determinadas coisas tu já não aceitas mais?

Marília - Sim, não, não, por isso é que lhe dizia no início, que todas as relações que passei me fizeram um bem no sentido em que amadureci, cresci e percebi que há coisas que não fazem sentido e que no futuro não quero fazer e esta é claramente uma delas porque o meu anterior não fazia nada, e a mãe é que fazia tudo e ele queria que eu fosse como a mãe a fazer tudo e eu não gostava disso e isso era uma fonte de conflito também.

Entrevistadora - Provavelmente o pai dele também não fazia?

Marília - Também não, ajuda nalgumas coisas, mas grosso modo não, claro isso passa de geração em geração, portanto acho muito interessante.

Entrevistadora - Então tu achas que isso aqui, figura 3, tem realmente que ser desmistificado?

Marília - Sim, claramente acho que ... lá está ... tem que haver uma colaboração acho que a mulher percebe mais claramente e há coisas que o homem percebe mais é tentar arranjar um equilíbrio há situações na vida em que um vai fazer mais que o outro.

Entrevistadora - Em quanto as outras figuras?

Marília - Lá está acho que a mulher não se deve esquecer, pronto, de si, de viver e de ter as suas coisas e acaba por ter tempo para fazer isso desde que tenha o resto, que esteja bem, que se sinta equilibrada, para mim é o ideal, agora se for só isto e a mulher estiver infeliz não concordo, acho que a vida é muito mais interessante do que passar um dia em casa a fazer mil coisas e não sei quê, mas lá está é essa a minha opinião portanto, a minha mãe e a minha avó adoram passar tempo em casa e passar roupa adoram, se calhar por que sempre viveram assim, não viveram de outra forma se vivessem de outra forma e tivessem outra experiência se calhar também, mas pronto, acho que desta forma eu não iria viver.

Entrevistadora - Não queres isso para ti?

Marília - Risos, não.

Entrevistadora - E essa daqui o que tu achas, essa aqui é mais para dar uma opinião mesmo que é a primeira figura em questão.

Marília - Não concordo acho que, que lá está, isto pode ser partilhado porque quer um homem quer uma mulher conseguem perfeitamente estender roupa, lavar o chão também, costura aí já é mais complicado, pronto porque os homens não tem a destreza fina e a habilidade para esses tipos de coisa, tal como a mulher não tem para mudar um pneu de carro, portanto acho que pode se adaptar muito aos géneros também, portanto se calhar aqui, a mulher, a mãe pode fazer ou pedir a alguém para fazer, portanto há coisas que eu podem ser de cada um e há coisas que podem ser partilhadas há coisas que o homem tem efetivamente mais jeito e em princípio o que tem mais força, a mulher por exemplo maquilhagem, certas coisas mais de mulher porque tem mais jeito naturalmente e pode ficar para si, o que deve é ser dividido, certas coisas acho que tem que ser negociado, tem que ser falado e tem que ser chegado a um consenso, ou então pode surgir naturalmente desde que façam sentido para ambos e que um não sinta que está a ter mais ou fazer menos do que o outro.

Entrevistadora - Já estamos finalizando.

Marília - Alguma dúvida alguma curiosidade? (Risos)

Entrevistadora - Isso exatamente. (risos)

Entrevistadora - Queria saber o que achaste da entrevista, e se tem mais alguma coisa para falar, alguma contribuição para dar a entrevista?

Marília - Acho que é um tema muito interessante e muito atual porque de facto estamos a viver aqui quase uma mudança de paradigma e a mulher, que era a mulher da casa agora já não é bem, portanto imagina, falta desconstruir muita coisa, é uma questão de géneros, e de homossexualidade, bissexualidade também, falta desconstruir muito, muito mesmo, portanto acho que é um tema interessante e que não era falado mas precisa de ser, não era falado mas precisa de ser. As perguntas tão curtas, tão claras, tão diretas e a banda desenhada no fim é interessante, é muito interessante. Esta parte então (3ª figura) dá o que pensar.

Entrevistadora - Ok então, obrigada.

Marília - Espero que faça as perguntas aos rapazes também.

Entrevistadora - Pois é eu preciso conseguir os rapazes para entrevistar, só as meninas que estão aceitando até agora. Obrigada por ter participado.

Marília - De nada, muito sucesso.

Entrevistadora - Obrigada.

4ª entrevista, Renato (em vídeo)

Idade – 19 anos.

Atividade profissional remunerada – Sim, em um projeto social.

Morada – Sozinho, em uma casa que é de propriedade de seus pais.

Filhos – Não.

Entrevistadora - Como eu te falei o meu trabalho é sobre gênero, o título do trabalho é equidade de gênero no namoro. E os objetivos gerais. Conhecer qual é a representação dos jovens quanto a equidade de gênero no namoro, como os jovens lidam com atitudes feministas e machistas no namoro. Como constroem as relações de poder entre os pares. Identificar os conflitos ou situações de violência entre os pares, as estratégias utilizadas para a resolução desses conflitos. E as representações que existem entre os direitos e deveres entre os namorados.

Renato - Ok.

Entrevistadora - Deu para entender mais ou menos?

Renato - Por acaso é engraçado porque o trabalho que eu fiz com a professora os objetivos eram semelhantes.

Entrevistadora - Houve uma coisa que eu fiquei em dúvida, porque se fala mais de igualdade de gênero, só que eu conversei com a professora. Eu acho que não cabe mais a igualdade, a ideia seria mesmo equidade.

Renato – Ah, ok, ok, eu nunca percebi muito bem qual a diferença entre a igualdade e a equidade.

Entrevistadora - Igualdade é você tratar como iguais, só que, se você tem por exemplo, uma pessoa que tem 1,90 de altura e uma pessoa que tem 1,60, que querem assistir alguma coisa, precisam de um banco, vais dar um banco da mesma altura para os dois?

Renato - Ok, tá percebido, isso vai ser igualdade com o banco, um banco da mesma altura o que tem 1,90... digamos que tu vais dar um banco em que ele vai crescer 10cm e irás dar um, ele precisa de 2cm, para assistir a um jogo por exemplo.

Renato - Ao outro vai dar um de 50cm, tá percebido.

Entrevistadora - Se tu deres um de 10cm você vai estar tratando “igualmente” (justiça), incluindo ele, tratando de forma que vá ajudá-lo isso seria equidade, tratar os diferentes enquanto diferentes para ficarem em par de igualdade (justiça). Essa é a diferença.

Renato - Ok

Entrevistadora - Podemos começar as perguntas? Uma pergunta indiscreta, tua idade?

Renato - 19, quase já 20.

Entrevistadora - Certo.

Entrevistadora - Tu exerces alguma atividade profissional remunerada?

Renato - Sim.

Renato - Exerço.

Entrevistadora - Trabalhas com o quê?

Renato - Eu sou diretor associativo, sabes uma associação?

Entrevistadora - Sim.

Renato - Eu sou diretor de uma associação de...

(problemas técnicos)

Renato - como eu estava a dizer, trabalho para a educação humanitária de crianças e jovens.

Entrevistadora - Esse trabalho é remunerado? Tem contrato?

Renato - Contrato, contrato não muito bem, eu recebo à base de honorários.

Entrevistadora - Ok.

Renato - Fazemos um projeto e implementamos e no financiamento do projeto indicamos os salários dos vários elementos que estão envolvidos pronto, inclusive o meu.

Entrevistadora - Que interessante, deve ser um trabalho interessante.

Renato - É, interessante.

Entrevistadora - Deve dar trabalho também.

Renato - Ah, mas é um trabalho que faz bem.

Entrevistadora - Ok.

Entrevistadora - E tu moras com quem?

Renato - Ah, eu moro, digamos que posso dizer que moro sozinho, se bem que estudo em Lisboa e vivo em Viseu, por isso estou atualmente a viver sozinho pronto.

Entrevistadora - Teus pais moram em outra cidade?

Renato - Não, não, meus pais estão no Algarve, e é por isso que estou agora a viver sozinho, por que a casa que estou a morar é deles, quando eles voltarem, por acaso se decidirem voltar, a casa será sempre deles.

Entrevistadora - Entendi, a casa é deles.

Renato - Eles é que tiveram que se ausentar e foram morar no Algarve.

Entrevistadora - E filhos, tu tens?

Renato - Não, não.

Entrevistadora - Isso eram só perguntas mais básicas, agora vamos começar, com as específicas.

Entrevistadora - O que é para si o namoro?

Renato - Talvez, eu diria que namoro, é quando se escolhe uma pessoa para estar do nosso lado, de nosso lado ok, é uma pessoa que já é mais do que um amigo, que escolhemos mesmo para a vida, e depositamos muita confiança e ao mesmo tempo somos independentes daquela pessoa. *Tás a perceber?*

Entrevistadora - Uhum.

Renato - Acho que hoje em dia vivem-se as relações de uma forma tão, tão intensa, e as pessoas querem sempre ser um só, o casal pensa que é um só, e muitas vezes os grandes problemas dos casais vêm daí, por que o casal... eles estão juntos para poderem ajudar-se mutuamente e não para serem um só, acho que os problemas partem mesmo daí, porque os problemas partem mesmo daí, porque os casais estão tão juntos que acaba por haver tão pouca confiança entre ambos, que os dois até se acabam por faltar um do outro, e o princípio fundamental que seria ajudarem-se mutuamente e poderem se apoiar nos problemas normais que toda gente tem, acaba por ser um pesadelo.

Entrevistadora - Pelo que eu entendi, é assim, tu achas importante existir a responsabilidade é um relacionamento diferente da amizade, mas também não esquecendo a individualidade?

Renato - Exatamente.

Renato - E muitas vezes acabam por deixar a individualidade um pouco de lado.

Entrevistadora - Vamos para a próxima:

Entrevistadora - Que significados têm tido as tuas experiências de namoro para o teu desenvolvimento? Por exemplo, alguma experiência que tu tiveste que possa dizer, com isso eu aprendi, eu amadureci, e é uma coisa que vou querer levar, eu me conheci melhor, vou mudar a atitude, vou agir de uma forma ou de outra, seria mais ou menos isso.

Renato - Ahm, ok. É assim, experiências de namoro, namoro? Aquele namoro de chamar de namorados um ao outro, isso nunca tive, por que isso? Eu acho que isso é um passo muito grande, quando se passa ao namoro, contudo há aquelas amizades que toda a gente, todos temos e acaba por ser pronto, um pouco mais do que amizades normais, ahm, e sinceramente o que eu acho que mais aprendi, foi isso mesmo que falei há pouco, da individualidade, nunca me deixar prejudicar a mim por causa da outra pessoa, porque a outra pessoa quis aquilo, que é daquela forma, cá em Portugal há uma expressão, não sei se tu já ouviste que é – eu não papo grupos.

Entrevistadora - Como?

Renato - Eu não papo grupos. E não vou *tar* aqui a fazer uma coisa que eu não quero fazer só porque as outras pessoas querem e acho que o que eu aprendi foi isso, não me deixar levar pelo outro só porque eu e aquela pessoa estamos juntos.

Entrevistadora - Ok. já que tu falaste que aprendeu isso com os relacionamentos, tu terias como me narrar uma experiência, um caso, uma situação que tu achas que foi uma aprendizagem?

Renato - Olha talvez foi, ahm, quando entrei para a universidade, por que quando entramos na universidade é que vamos escolher qual a universidade que vamos, e com isso, com isso, tinha pessoas que me estavam a fazer muita pressão, para onde eu deveria ir. Tás a perceber? E eu tava a me deixar levar ir para sítios para onde eu nem queria ir, só porque eu tava com aquela pessoa, tás a perceber?

Entrevistadora - Entendi.

(problemas técnicos)

Renato - E foi aí que eu percebi, - eu não devo *tar* a fazer uma coisa, só porque a outra pessoa quer, quando na verdade não estava a namorar e pronto.

Entrevistadora - Nem chegava a ser um namoro sério, mas tu já estavas sentindo que estava fazendo alguma coisa...

Renato - A sentir muita pressão sim, e acho que quando começa a sentir pressão e desconforto, aí já deixa de ser uma coisa boa para ser uma coisa má.

Entrevistadora - Entendi.

Entrevistadora - A próxima pergunta, acho que tem um pouco a ver com o que tu falaste, uma experiência em que você sentiu que seus que direitos postos em causa? Então, acredito que a questão da liberdade, da privacidade, o que eu quero fazer, para onde eu quero ir, acho que é mais ou menos o que tu falaste da experiência, seria?

Renato - Eu acho que exatamente, acho que é um pouco isso que quase que a minha liberdade estava a ser afetada e a verdade é que quando escolhi Lisboa, fiquei um pouco em paranoia, - agora o que eu vou dizer? O que, que eu agora devo fazer? Aí acho que

foi, acho que aí sim, acho que esse direito de escolha, estava um pouco posto em causa, tava, era a impressão que eu tava a sentir.

Entrevistadora - E com isso tu percebeste que não queria ter outra relação que tivesse isso? Poderíamos dizer que foi aprendizagem, aprendeu com isso?

Renato - Ah, sim, sim, não que essa relação tenha acabado.

(risos)

Entrevistadora - As coisas estão começando a ficar mais sérias então?

(risos)

Renato - Simplesmente, eu acho que...

(problemas técnicos)

Renato - Eu comecei a ter em conta aquilo que eu queria, ah, e não *tar* tão dependente da outra pessoa, por que se nós formos ver se eu estiver bem só tende a ficar, se eu tô contente com a minha escolha, acho que a outra pessoa também o deveria estar.

Entrevistadora - Tem que ser uma coisa conjunta.

Entrevistadora - Agora a pergunta é o contrário, eu perguntei se tinham colocado teus direitos à prova, tu achas que já fizeste alguma coisa que colocou em causa os direitos da parceira? Da namorada?

Renato - Olha, os direitos, direitos não, mas ahm, (silêncio) Como é que eu tenho que explicar? (Pergunta a si) Eu acho que ... aquela pessoa ... eu acho que essa pessoa aprendeu que não deve estar tão... não deve criar tantas expectativas, ahm, da outra pessoa, eu falei isso mais tarde e foi exatamente isso que eu percebi, que a pessoa estava a sentir mais do que aquilo que eu estava a sentir e queria que eu fosse para outra cidade, que não Lisboa, por causa dela, acho que foi isso que essa pessoa aprendeu, que não deve criar expectativas, no outro, que não estão a ser correspondidas, eu não tava a responder essa expectativa e eu ao mesmo tempo senti muita pressão sobre mim, porque a pessoa estava a sentir coisas que eu não queria e nem sentia, ahm, e acho que não foi uma coisa mútua, mas pronto, acho que agora, já toda a gente sabe o que quer, (risos)

Entrevistadora - Já conseguiram acertar os pontos?

Renato - Sim, exatamente.

Entrevistadora - Mas a questão é, tu achas que em algum momento colocaste os direitos da pessoa em causa? Assim, em alguma situação?

Renato - Não, não, talvez devia ter sido mais aberto pronto, exatamente dizer o que, que eu sentia e o que eu tava à espera, quais eram as minhas expetativas, mas agora, colocar

o direito da outra pessoa, nada disso.

Entrevistadora - E, estando em um relacionamento quais tu achas que são os direitos que devem ser garantidos na relação, e quais os deveres?

Primeiro os direitos, depois os deveres.

Renato - Olha, os direitos, eu acho que é o direito à liberdade, porque isso leva-nos a tua primeira questão, e a primeira resposta que era exatamente a independência, pronto, eu acho que é um direito de cada elemento do casal, ser independente do outro, ahm, outros direitos acho que também pode ser de ter-se o direito de, não é corresponder as expectativas, é definir o que cada um pretende daquilo. Ahm, pronto, é relativamente aos direitos ... ahm ... bem os deveres não sei. O que eu te disse dos direitos?

Entrevistadora - Que você deve passar àquela pessoa o que está sentindo na relação, para ninguém se enganar, foi o que eu entendi, para ninguém achar uma coisa e na verdade ser outra.

Renato - Ok. Um dever ... eh pá ... um dever de todos é respeitar o outro.

Entrevistadora - Uhm ...

Renato - Pronto, posso dizer talvez o não pôr em causa também a liberdade do outro, seja qual for a liberdade, que seja emocional e psicológica ... ahm ... pronto não pôr em causa a liberdade do outro é exatamente isso, o dever de cada um é exatamente esse, tentar ser aberto no que cada qual pretende, pelo menos para hoje, porque as expectativas todos os dias mudam, mas é ser aberto também nesse ponto.

Entrevistadora - Sei. Aqui nós vamos para a outra. Como vocês encaram a gestão das finanças na vida de casal, digamos, quando saem para algum lugar para jantar, como é que funciona, quem paga? Divide-se a conta?

Renato – isso é muito engraçado porque atualmente ... eu tenho que pensar também muito nisso porque eu tô a... porque se fala muito nos movimentos feministas, porque se fala em igualdade de género, mas é tão interessante perceber que essas mesmas mulheres, que muitas vezes falam em liberdade de género e que os salários devem ser iguais, são as mesmas mulheres que muitas vezes nos dizem que, - ah, quem paga depois a conta no restaurante é o homem, é o papel dele, como é que para muitas coisas se fala de feminismo e para questões destas como os restaurantes, com quem paga o jantar no encontro, é posto que é exatamente o homem a pagar, isso é muito interessante eu acho que nós ainda só vemos um lado da moeda da igualdade de género, aquela em que as mulheres ficam... (silêncio)

Entrevistadora - Só os direitos? (risos)

Renato - Ficam prejudicadas, mas acho também há outro lado que não se leva em causa, é que realmente os direitos, os homens também são prejudicados em algumas coisas, e muitas vezes por causa disso, dos papéis de género que foram impostos e definidos pela sociedade, mas a pergunta. – Como é que eu vejo?

Entrevistadora - Como é que funciona, digamos, se saís com alguém, como é que funciona, tu pagas? Dividem?

Renato – acho que isso tem que ser uma coisa a falar para os dois porque acho que tem que ser em a pagar, as vezes é o outro, por vezes que realmente se divide a conta, mas é sempre um pouco complicado, porque tem que estar a fazer contas, portanto, acho que o ideal é hoje paga um, amanhã paga o outro e vai-se, vai-se vendo, a pessoa que tem o salário maior que o nosso talvez tem mais possibilidade de nos oferecer mais do que nós temos àquela pessoa. Então... acho que é isso, tem que ser uma coisa completamente igual porque talvez 10€ para uma pessoa não é a mesma coisa do que 10€ para mim são, tás a perceber?

Entrevistadora - Entendi, depende do momento e da situação da pessoa. E na tua vida nas finanças, essa questão de quem paga foi motivo de alguma situação vexatória? Já houve alguma situação desse tipo?

Renato - Não

(Celular do entrevistado tocou, pediu desculpa e desligou)

Renato - Não, não mesmo nada.

Entrevistadora - Não teve problemas quanto a isso? Tu estavas falando da pessoa que estava querendo te influenciar para ir para outra cidade não foi? Digamos, falando de vocês dois, quem influencia se vão passear, se vão ao cinema ou ao teatro, o que vão fazer, alguém influencia, uma mais que o outro?

Renato - Ah, olha, talvez eu.

Entrevistadora - Influencia mais para decidir?

Renato - Mas, pronto, acho que isso também é um pouco da personalidade de cada um, mas isso comigo não acontece só em casal, acontece na vida, mesmo em trabalhos de grupo, sou eu que dá logo aquela direção do trabalho, acho que há pessoas que acabam por ter mais voz e saberem mais do assunto, enquanto há outras pessoas que apenas se deixam levar para onde o barco os leva, acho que é um pouco assim, isso obviamente que sou eu.

Entrevistadora - Então tu acabas influenciando, é tu que influencia nessas questões?

Renato - Sim, e mesmo, as vezes digo pronto, - há decides tu, mas acabo sempre por influenciar, - aquele lugar é melhor, - acho que vai ser melhor, mas bem ou mal, sim, sou eu, sou eu.

Entrevistadora - Certo

Entrevistadora - E existe algum tipo de situação que gera conflito nas relações amorosas, assim, na relação do casal?

Renato - Olha, não sei.

Entrevistadora - Alguma situação específica?

Renato - Pronto, eu só tive mesmo esse conflito, da universidade, de que cidade é que havia de estudar, ahm, porque a partir daí, isso, pronto aprendi a mediar essa situação.

Entrevistadora - Uhum.

Renato - Portanto, neste momento não sei que tipo de situação, as únicas discussões que aconteceram, era sobre as expectativas que as vezes outras pessoas têm e nós não estamos a corresponder e as vezes nem pretendemos corresponder, eu acho que sim... A outra situação também, que é, que talvez ... ahm ... como é que hei de explicar, as vezes com o dia a dia nós estamos tão ocupados, isso vem novamente a conversa das expectativas, mas por vezes, as vezes que nós temos vidas tão corridas, pronto, eu tenho o trabalho a associação, eu tenho a faculdade ... ahm ... as vezes temos tantas coisas e estamos tão ocupados com algum tipo de assunto que as vezes a pessoa que tinha expectativa de que nós podíamos dar-lhe e proporcionar-lhe aquilo, muitas vezes não conseguimos corresponder, pelo estresse do dia a dia, enfim, isto as vezes é motivo de conflito e as vezes tentamos dar a perceber à outra pessoa que, pronto, que nossa vida não é só...

Renato - Ouviste?

Entrevistadora - Agora, não.

(problemas técnicos)

Renato - Como eu estava a dizer, que a nossa vida não é só saídas e festas, não é só parque e jardins e cinemas, que há muito mais do que isso, porque simplesmente nós estamos ocupados, mais ocupados com o nosso mundo que, pronto, deixamos um pouco de lado a atenção que devemos ter com a outra pessoa.

Entrevistadora - E alguma situação de violência, física, psicológica... tu achas que já ocorreu de um dos lados?

Renato - Pronto, eu também estudo muito esta parte da violência no namoro, talvez até foi por isso que eu fiz um trabalho mesmo desse tipo e finalmente eu sinto que talvez, nessa ida para a universidade, eu talvez senti um pouco de violência psicológica, que o sinal, eu tava a sentir-me já, tão mal com tudo aquilo, de não poder corresponder as expectativas da outra pessoa, que a outra pessoa queria que eu fosse para o Porto e eu que acabo vindo para Lisboa e ahm, enfim, acho que comecei a sentir um pouco de violência, pronto, porque não tava a conseguir corresponder as expectativas que a outra pessoa tinha para mim, pronto, e foi isso, mas acho que foi uma situação que dependia mesmo de mim para mediar essa situação e de tentar explicar à outra pessoa...

Renato - exatamente, que nós temos essa liberdade e que não podemos por em causa a nossa, sempre me ensinaram que a minha liberdade acaba onde começa a do outro

começa, e acho que exatamente isso que acaba...

(problemas técnicos)

Renato - Pronto, como eu estava a dizer, a liberdade termina onde a do outro começa e isso é o mais importante que cada um deve saber.

Entrevistadora - A outra pergunta. A que atribuis essas situações de violência, no caso de que falaste psicológica, e como foram resolvidas?

Renato - Uhm ... (silêncio)

Entrevistadora - Tu atribuis a que, tu achas que acabam acontecendo por qual motivo?

Renato - Foi mesmo falar e explicar que, pronto, cada um tem a sua decisão e cada um faz as suas escolhas e que as escolhas que fazemos as vezes não têm que ser mais para o outro e que temos que procurar, onde é que cada um se encaixa em tudo aquilo.

Entrevistadora - Então as situações ocorreram por terem passado desses limites e se resolveram dessa forma, com conversa e limites, no caso?

Renato - Acho que também alguma distância, algum tempo para os dois...

(problemas técnicos)

Renato - Algum tempo para que ambos possam perceber, onde é que se encaixam naquela situação e se é realmente isso que procuram.

Entrevistadora - Certo.

Entrevistadora - Agora nós estamos quase finalizando a entrevista, não sei se conheces. Conheces a Mafalda, a da banda desenhada?

Renato - Ah, sim, sim.

Entrevistadora - Eu tenho aqui três figuras dela, eu vou te mostrar, e tu me diz se está vendo, eu enumerei elas aqui, são 1, 2 e 3, as duas primeiras são interligadas, depois tem a terceira. Tenho que te mostrar, tenho que dar um jeito de veres, se quiseres pode ler e falar a respeito, ou falar no geral, mas com o 1, 2 e 3 que é para facilitar, vê se estás enxergando, vou colocar aqui. Está conseguindo enxergar?

Renato - Mais ou menos, deixa eu ver, podes subir um pouco a folha, ligeiramente.

Entrevistadora - Aqui.

Leitura

Renato - Ok, podes subir ligeiramente, um pouco mais para baixo, podes só me mostrar

o último, eu precisava que me aproximasse um pouco mais a folha, pode ser?

Entrevistadora - Aqui, assim?

Leitura

Renato - Precisava de ver o último quadrado do último.

Entrevistadora - Da última? Aqui. Da última banda.

Renato - Uhm... ok ... eu gostei da terceira (risos)

Entrevistadora - O que tu achaste da 1ª, da 2ª e da 3ª?

Renato - Olha a primeira, confesso que não entendi muito bem.

Renato - E a terceira, a 3ª é muito interessante porque tem a ver com aqueles papéis de género, e postos nos miúdos logo, quando ainda são pequenos. É interessante, isto aconteceu anteontem, ontem, já não me lembro, eu fui, e era uma coisa que eu já não entrava há alguns anos, era uma loja de brinquedos, eh, eu tenho uma prima, ela tem 7,8 anos, e fui a uma loja de brinquedos que era um sítio onde eu não ia há alguns a, e então eu começo a ver, tudo que se passava ali, e fiquei impressionado, quando eles ainda são pequenos, como é que já lhes atribuem um determinado papel, é porque a minha prima queria logo comprar os bebés e mais a banheira para os nenucos e não sei quê, e foi super interessante, como é que os miúdos ainda pequenos, já lhes atribuem, já lhe são impostos esse papel, o papel da mulher da cuidadora da casa, dão-lhes até cozinha, os bebés para tomarem conta, como é que já é atribuído esse papel, o papel clássico da mulher que está em casa, ahm, e para os rapazes é logo, tem os legos, as engenharias, foi super interessante.

Entrevistadora - Carros.

Renato - Foi super interessante compreender isso, tinha sido uma coisa que nunca me tinha ocorrido e por acaso entrei numa loja de brinquedos e fiquei tão impressionado com aquilo e é exatamente isso que acontece um pouco na terceira banda, o rapaz estava a sentir esse peso, o peso que é dado a ser-se homem, ao ser-se rapaz e qual é o papel dele enquanto rapaz, ok?

Entrevistadora - Uhum. Mas o que tu achas, achas que até hoje ainda existe isso, mudou alguma coisa?

Renato - Ah, sim claro então se anteontem entrei numa loja de brinquedos e ainda vi isso, me deparei com isso, ah claro que sim, pronto há algum tempo estava numa formação e estavam a conversar comigo sobre estes papéis de género e ao mesmo tempo também perguntei também será que não é normal condicionado, quando os pais recebem uma radiografia e sabem que vão ter um rapaz ou vão ter uma rapariga e depois vão logo pintar o quarto seja de azul ou seja de cor de rosa então , será que estamos mal a fazer isso? Será que isso é uma coisa má? Que cor é que talvez devíamos pintar a

parede? É mal estarmos a pintar de azul porque vamos ter um rapaz ou de rosa porque vamos ter uma rapariga, e as vezes também me pergunto, talvez qual é que seria o meu papel enquanto pai, se realmente eu devia fazer isso, e pronto, acho que isso é uma questão muito, muito interessante, acho que isso é quase desconstruirmos, tentar desconstruir o indesejável, porque é preciso realmente ver se é correto, se não é, mas pronto, eu acho que a única coisa que nós podemos tentar compreender é que realmente estão definidos papéis de género logo à nascença e que esses papéis duram a nossa vida inteira, os comportamentos, as nossas roupas.

Entrevistadora - Por exemplo, na tua casa como é, existe essa diferença, essa separação?

Renato - Olha não, por acaso não porque a nível de tarefas domésticas, ela, não mesmo porque os meus pais, pronto, são pessoas que sempre trabalharam fora, e que sempre viveram muito para o trabalho, ahm, e como tiveram vidas profissionais sempre tão preenchidas e tão ocupadas, as tarefas domésticas tinham mesmo que ser distribuídas por toda a gente e só por toda a gente é que suportaria o barco, se toda a gente ajudasse, por isso não, nunca existiu muito isso, mas sei lá, quando eu vou para a aldeia, ontem tive em casa de uma colega minha, que já fica na vila, já fica no meio da vila e é tudo diferente aquilo que ali se visse, é interessante que a mãe praticamente mal sai de casa, ahm, está sempre a tratar da casa, essa minha colega tem muitas diferenças entre os tratamentos que os pais têm com ela e o irmão dela porque o irmão dela, pronto, é ligeiramente mais velho do que ela mas tem uma liberdade que não tem nada a ver com a dela, ela muitas vezes diz que é a empregada da casa por estar a tratar mesmo da roupa do irmão e de limpar o quarto do irmão, eu as vezes penso, - como é que isso é normal, teu irmão tá no café com os amigos e tu estás aqui atarefada com coisas dele, é interessante porque eu sou mesmo, sou mais da cidade e tive uma coisa muito diferente daquilo que se vive na aldeia, assim realmente são um pouco retrógrados.

Entrevistadora - E para ti, como tu queres construir, uma família, ter um relacionamento sério, casar e essas coisas, como tu achas que vai ser a tua vida?

Renato - Olha acho que exatamente como foi comigo é realmente compreendermos que as vezes não há problema por estar por vezes, nós podíamos dizer, a mãe dela, dessa minha colega está em casa porque o pai trabalha muito realmente não lhe falta, não tem falta de dinheiro que levasse com que a mãe fosse necessitar de trabalhar, portanto talvez e é até o dever da mãe ajudar com as tarefas da casa e eu não sou contra isso, as vezes, se outro elemento do casal, isto seja com a mãe, seja com o pai, seja com quem for a trabalhar imensas horas e o outro consegue dar esse apoio no que concerne as tarefas domésticas, acho que sim, acho que deve, acho que não vejo problema nisso, agora se possível, quando puderem todos contribuir da sua forma, acho que isso é mesmo o ideal, cada, pronto, cada um poder contribuir de alguma forma, como pode, não sei.

Entrevistadora - Por exemplo, essa situação que tu contaste da tua amiga o pai trabalha fora e mãe é que fica cuidando de tudo? E se fosse o contrário, se fosse a mãe que trabalhasse muito fora?

Renato - Não, não, nada disso, e por acaso é interessante com outra colega minha

acontece o contrário, mas essa colega minha, já vive na cidade, portanto nós as vezes pensamos que não mas as vezes há muita diferença daquilo que se vive na cidade e o que se vive no campo, e essa minha colega por acaso a mãe trabalha, a mãe é professora, o pai por acaso é engenheiro só que não está a trabalhar e acaba por ser o pai que consegue, pronto, por estar mais em casa, acaba por ser ele que dá mais apoio.

Entrevistadora - As coisas estão mudando um pouquinho, aos poucos?

Renato - sim, trata dos gatos e do cão e trata dessas coisas.

Entrevistadora - Agora já estamos finalizando, agora seria assim, eu queria pedir para fazer um resumo da entrevista, o que tu achaste em geral.

Renato - Eu posso dizer, talvez que não gostei das perguntas mais pessoais, é muito mais fácil falarmos do outro e assim, falar dessas questões, eu adoro falar de sexualidade e gênero, adoro mesmo muito, este tema, ah, mais é engraçado, quando começamos a falar de nós próprios, é um pouco, é um pouco complicado principalmente quando estamos com uma pessoa que não conhecemos, sei lá com amigos a gente fala super abertamente, que passou-se isto, isto e isto e que aconteceu aquilo, e falando com outra pessoa que não conhecemos talvez, é mais complicado, também o fato também de ser online de, é uma distância que não existiria.

Entrevistadora - É verdade.

Renato - Se estivéssemos presencialmente, acho que sim, acho que foi isso, agora nessa parte que entramos mais nas questões de papéis de gênero, da sociedade, como é que achamos que a sociedade devia funcionar, pronto consegui me encaixar muito melhor, acho também que consegui dar mais material para trabalhar do que as questões pessoais, até porque confesso que não sou uma pessoa de muitos namoros, ok?

Entrevistadora - Ah! Certo, e tem mais alguma coisa para acrescentar, alguma sugestão, algum ponto que achou interessante?

Renato - Não sei se por acaso te daria, é uma coisa muito básica o que tenho, mas não sei se te daria jeito o trabalho que enviei para a professora\_\_\_\_\_, o trabalho que fiz, ahm ... sobre isso, sobre gênero, não sei se enquadra naquilo que tu queres, mas, pronto, também posso enviar e tu podes ver se ajuda ou não.

Entrevistadora - Ah, eu quero com certeza, a bibliografia pode ajudar, eu agradeço muito.

Renato - Ok, eu posso te enviar mesmo à vontade, posso enviar para teu email em resposta ao anterior que me enviaste.

Entrevistadora - Sim.

Renato - Se de alguma forma pode ajudar, não sei.

Entrevistadora - Então, eu agradeço muito, muito obrigada pela colaboração.

Renato - Ok, boa sorte para ti.

5ª Entrevista, Eduardo

Idade – 24

Atividade remunerada – não.

Mora com quem – com a mãe e com o irmão.

Filhos – não.

Entrevistadora - Já te informei sobre os objetivos, não é? Já falei sobre o sigilo, depois vou apagar a gravação depois de transcrever, não vai haver nome, ou nada do tipo, eu tenho teu contato e faço questão de encaminhar depois o trabalho, certo?

Eduardo - Ok.

Entrevistadora - A primeira pergunta o que é para si o namoro?

Eduardo - É uma relação entre duas pessoas que gostam muito uma da outra, (silêncio) sim acho que a definição básica, acho que é essa.

Entrevistadora - É isso?

Eduardo - É.

Entrevistadora - Que significados tem tido as tuas experiências de namoro para o teu desenvolvimento?

Eduardo - Aprendi, cresci mais enquanto pessoa, ahm aprender se calhar a não pensar só em mim, mas também na outra pessoa, tomar conta dessa pessoa e pensar que no namoro não posso pensar só em mim. Acho que foi assim um pouco mais importante que eu aprendi ... ahm ... É só.

Entrevistadora - Tens como narrar uma experiência que vivenciou, que tenha sido uma aprendizagem? Digamos, uma cena um caso, que tu disseste com isso eu aprendi? Pode ser uma aprendizagem – não quero fazer isso novamente ou então, serviu para a vida.

Eduardo - É, não nunca tive nada assim nada, algum momento específico que eu consiga identificar, assim pequenas coisas.

Entrevistadora - Pode ser pequenas coisas, que possas dizer, - do namoro tal eu aprendi que eu não queria mais fazer isso?

Eduardo - Ahm ... especialmente é essa ideia, um bocado a ideia de pensar mais no outro, e não só em mim mesmo, foi mais algo que foi assim mudando ao longo do tempo.

Entrevistadora - Aprendeste isso?

Eduardo - Se calhar, há aquelas coisas que se deve dizer, coisas que não se deve dizer.

Mas acho que o principal foi isso mesmo de não pensar só em mim.

Entrevistadora - O que se diz para uma mulher, o que não se deve dizer.  
Risos. Houve alguma experiência em que tu sentiste teus direitos postos em causa?

Eduardo - Não, não.

Entrevistadora - E alguma situação em que tu colocaste o direito do outro?

Eduardo - Penso que não, ahm ... assim que eu me consiga recordar não, acho que também não.

Entrevistadora - Sim. Enquanto namorado quais direitos que tu sentes que devem ser garantidos na relação?

Eduardo - Liberdade, privacidade (silêncio) talvez o direito de ser ouvido também, mas acho que é acima de tudo liberdade e privacidade.

Entrevistadora - Nesse caso ... ouvir ... que tu dizes é o diálogo?

Eduardo - Sim, sim.

Entrevistadora - Eu falei dos direitos e os deveres, quais tu achas que são?

Eduardo - Cuidar um do outro quando é preciso, estar sempre lá, ouvir. Sim acho que pelo menos começamos por estes.

Entrevistadora - A questão da gestão financeira, vocês saindo para um teatro ou cinema, um lanche ou alguma outra coisa, como é que funcionava?

Eduardo - Normalmente seria cada um paga o seu, mas se por algum motivo um dos parceiros não conseguir fazer, não há qualquer problema um paga desta vez, depois retribui ou então fica só assim.

Entrevistadora - Então as finanças eram motivo de conflito em algum momento?

Eduardo - Não.

Entrevistadora - Era só dividido mesmo. E as decisões enquanto estiveste namorando, como eram tomadas, para compras ou então para ir ao cinema para fazer alguma coisa? Havia alguém que influenciava mais, tu achas? As namoradas ou você?

Eduardo - Não, acho que só muito de perguntar o que iríamos fazer hoje, a partir daí arranjávamos, quando um não sabia o que fazer então o outro tomava o controle, mas... era sempre assim. Eram sempre divididas

Entrevistadora - Que situações geram conflitos nas relações amorosas, nas tuas, quais situações geravam conflito?

Eduardo - Não sei (silêncio) possivelmente a existência de ex namorados.

Entrevistadora - Namorados ou namoradas?

Eduardo - Namorados, eu tava a falar no geral.

Entrevistadora - Ah, entendi.

Eduardo - Acho que não comunicar também os problemas, sim.

Entrevistadora - Achas que os conflitos eram pela falta de comunicação?

Eduardo - Sim, pode acontecer.

Entrevistadora - Mas aconteciam mais da tua parte ou...?

Eduardo - Dos dois, sim, sim

Entrevistadora - Dos dois? E se acontecia esse tipo de coisa como é que procuravam resolver?

Eduardo - Era tentar comunicar mais quando percebemos que existia algum problema, era tentar resolver.

Entrevistadora - E situações de violência nas relações?

Eduardo - Não, nunca tive qualquer tipo de experiência.

Entrevistadora - Pode ser psicológica, física, patrimonial.

Eduardo - Não.

Entrevistadora - Já estamos terminando, eu tenho aqui a banda desenhada, não sei se conheces, a Mafalda, tenho três figuras em que coloquei 1, 2 e 3. Queria que desses uma olhada e falasse, pode falar em separado ou junto.

Eduardo - Faço assim? (confirmando a direção para fazer a leitura)

Entrevistadora - Assim (informando a direção)

Eduardo - Uhm ...

Lendo.

Eduardo - Sim, aqui está a retratar muito a imagem dos papéis de género, é muito o trabalho caseiro, muito o trabalho da cozinha, costura, e os rapazes não referem a qualquer tipo desse trabalho e, neste caso o rapaz é gozado por fazer este tipo de tarefas. E aqui a rapariga, a Mafalda neste caso a questionar-se que certamente não quererá

talvez fazer esse tipo de trabalho, e a perguntar a sua mãe, penso eu.

Entrevistadora - Sim é a mãe.

Eduardo - A questão que coloca faz pensar que isso, a questão que coloca é que isso não é vida, é importante perguntar também o que é que ela faria se pudesse viver e fazer outras coisas. Sim a apresentar, a divisão dos géneros, os papéis fixos.

Entrevistadora - Qual exemplo tens na tua vida, teus pais, família?

Eduardo - No caso dos meus pais, minha mãe sempre foi, não trabalhava ficava em casa, a tomar conta de nós enquanto o meu pai trabalhava, portanto sim, existia sim esta divisão, mas hoje em dia já não, pá eu moro só com a minha mãe e nós procuramos nos ajudar ao máximo.

Entrevistadora - Vocês se ajudam?

Eduardo - Indicação que sim com a cabeça.

Entrevistadora - Este último, tu achas que isso é pertinente?

Eduardo - Sim, aqui é bem extremo, o rapaz está a lavar pratos e estão a gozar com ele.

Entrevistadora - Ele mesmo está a fazer isso.

Eduardo - Sim, sim. É a imagem (silêncio) penso que hoje em dia, já não, é óbvio que ainda existem casos assim, que as pessoas podem ser gozadas por estar a fazer algo que seja digamos, mais característico de um género ou do outro, mas penso que está a desaparecer um bocado.

Entrevistadora - Já está ficando para trás?

Dado - Um bocadinho devagar, mas está.

Entrevistadora - Gostaria que falasses um pouquinho o que achaste da entrevista. Tens alguma questão ou contribuição. Alguma pergunta que tu achas que deveria ser acrescentada, ou coisa do tipo.

Dado - Um acho que não há, (silêncio)

Entrevistadora - O que tu achas por exemplo de eu estar estudando este assunto?

Dado - É um tema, penso, bastante interessante e pertinente, apesar das coisas estarem a melhorar na minha visão ... ahm ... que ainda é preciso algumas pesquisas, alguns estudos sobre o tema, pois é um tema interessante e pertinente. Para acrescentar, penso que não, não consigo lembrar de nada.

Entrevistadora - Certo, obrigada, (risos) bom dia.

6ª entrevista, Marcelo

Idade – 19 anos.

Atividade remunerada – não exerce

Morada – pais e tia

Filhos – não

Entrevistadora - Então, já te falei dos objetivos, da garantia do sigilo, depois que terminar de fazer a transcrição, vou apagar as entrevistas, se usar nome vão ser nomes fictícios. Ok.

Entrevistadora - A primeira pergunta é ... O que é para si o namoro?

Marcelo - Ok, o namoro é uma relação com outra pessoa que implica muita afetividade, muito compromisso, muita confiança e muita lealdade e é uma relação íntima com outra pessoa.

Entrevistadora - Que significado tem tido tuas experiências de namoro para o desenvolvimento?

Marcelo - Eu até agora só tive uma relação, e não correu lá muito bem, mas permitiu-me evoluir como pessoa de maneiras que não estava à espera por que quando eu saí da minha relação eu consegui, analisar a relação de fora, ou seja, olhar para trás retrospectivamente para relação e analisar o que se tinha passado para aquilo não correr bem e penso que isso me fez melhorar enquanto pessoa e reavaliar as minhas perspetivas em relação ao namoro.

Entrevistadora - Tem alguma experiência que tu poderias narrar que vivenciou que foi um aprendizado, um caso?

Marcelo - Na minha última relação por exemplo, existia uma situação que era, quando um grupo meu de amigos me convidava para ir a algum lado, beber um copo ou algo do género eu perguntava-lhe sempre se poderia convidar a minha namorada, tinha sempre essa preocupação, no entanto, o contrário não acontecia, ou seja, a minha ex namorada era convidada pelos amigos e amigas dela para algum lado e ela ia e depois eu descobria que ela tinha ido por causa de fotos e as vezes em tom de brincadeira dizia-lhe - devias ter me convidado, pronto e ela respondia sempre, - não lembrei ou esta situação não era bem para ti, era só conversar com minhas amigas e pronto, foi ela que me fez aprender um bocado como lidar com situações destas.

Entrevistadora - Como tu achas que, tendo uma namorada vão ser as situações desse tipo? Quanto a sair?

Marcelo - Espero que corra melhor, acho que aprendi com muito com a minha relação anterior, para não cometer ou ao menos tentar não cometer os mesmos erros.

Entrevistadora - Na situação específica de tu saíres e a namorada sair, como tu achas que deve ser?

Marcelo - Espero que haja mais confiança entre os dois, espero que haja mais lealdade, espero que haja mais comunicação e pronto, é basicamente isso.

Entrevistadora - Uma experiência que tu tenhas tido teus direitos postos em causa, achas que aconteceu?

Marcelo - Não, isso não.

Entrevistadora - E alguma situação que tu colocaste o direito da outra pessoa em causa?

Marcelo - Não, também não.

Entrevistadora - Nunca aconteceu?

Marcelo - Não.

Entrevistadora - E enquanto namorado qual tu achas que são os direitos que devem ser garantidos na relação?

Marcelo - Devemos ter cada um de nós a liberdade de expressão, a liberdade de fazermos o que quisermos com alguma confiança, mas acho que mesmo o mais essencial é a liberdade de expressão e não sermos reprimidos quanto a essa expressão.

Entrevistadora - Cada um ter a sua vida, separados e juntos?

Marcelo - Sim.

Entrevistadora - E os deveres, qual tu achas que são os deveres?

Marcelo - Eu penso que para uma boa relação funcionar deve haver respeito, deve haver lealdade, deve haver uma boa comunicação, deve haver muita confiança ahm, e é basicamente isso.

Entrevistadora - E a questão financeira como era gerida se vocês saíam, cinema, alguma coisa do tipo, pagavas a conta, dividia-se? Como funcionava?

Marcelo - Na maior parte das vezes cada um pagava o seu, mas haviam vezes que era eu que pagava tudo, algumas vezes era ela que pagava tudo, era uma questão mesmo de ver no momento o que cada um podia fazer.

Entrevistadora - Isso não gerava conflitos?

Marcelo - Não. Era tranquilo quanto a isso.

Entrevistadora - E as decisões para compras, fazer uma viagem, ou uma saída, como eram resolvidas? Existia um que dizia, - vamos fazer isso, vamos fazer aquilo?

Marcelo - Não, era, a relação teve muito pouco tempo e como nós ainda tínhamos a

nossa própria vida e com nossos pais, não tínhamos grandes planos, ou seja, não se planeava a ir a algum lado juntos, nem nada disso, portanto.

Entrevistadora - Pode ser um evento, por exemplo, ir ao cinema?

Marcelo - Era proposta por um de nós e se o outro concordasse tudo bem, se não era combinar outro dia outra coisa para fazer, portanto era um bocado por aí.

Entrevistadora - E quais as situações que geravam conflito na relação?

Marcelo - A parte que eu referi dos convites dos amigos gerava alguma confusão, depois havia falta de comunicação, muita falta de comunicação e isso gerava muita confusão e eram esses dois os principais motivos de confusão.

Entrevistadora - E quando acontecia como eram resolvidos?

Marcelo - As vezes não era resolvido, simplesmente deixávamos o tempo passar, e que a situação acalmasse.

Entrevistadora - Passava como se não tivesse acontecido, seguia? A que tu atribuis essas situações?

Marcelo - É, eu penso que como a relação era ainda muito recente, ainda estávamos a tentar construir alguma intimidade entre nós os dois e como foi a primeira relação de ambos, ainda havia essa falta de intimidade, ainda estávamos a construir, a ver o que, que era aquilo, e as vezes faltava comunicação exatamente por causa disso, por que ainda era a primeira relação e estávamos a ver como é que é isto, porque era um terreno novo portanto acho que foi um bocado por aí.

Entrevistadora - Amadureceram?

Marcelo - Sim.

Entrevistadora - Já vivenciaste alguma relação de violência? Psicológica, física?

Marcelo - Não, essa foi a única coisa que não aconteceu, nós tínhamos bastante noção do que isso é e nunca praticamos violência um com o outro, nem psicológica, nem física, nem nada do género.

Entrevistadora - Estamos terminando já, falei-te que seria rápido.

Entrevistadora - Temos aqui a banda desenhada Mafalda, não sei se conheces:

Marcelo - Sim.

Entrevistadora - Gostaria que tu lesseas, tem a figura 1, 2 e 3, queria saber a tua opinião quanto a elas.

Leitura

Marcelo - Ok ... ahm ... na primeira figura, a figura retrata o papel da nossa sociedade hoje em dia, e isto é algo que tem que mudar muito rapidamente porque, apesar de esse ser o papel da mulher em tempos antigos, que ela limpava a casa e arrumava isso tudo, isso tem que mudar muito rapidamente porque na medida que a mulher foi tendo a possibilidade de votar, tendo esses direitos todos o papel da mulher em si também tem que mudar rapidamente, existe muito este problema que é a mulher fica em casa a limpar e o homem trabalha e descansa, eu penso que se houvesse uma situação em que os papéis se invertessem, se calhar nós como homens percebíamos o quão difícil é estar a fazer isso todos os dias e é algo que tem que ser mudado, muito rapidamente.

Entrevistadora - Como é a situação por exemplo destas coisas na tua família?

Marcelo - Não, na minha família nós temos perfeita noção do que isto é, e nós partilhamos as tarefas entre nós, por que este ambiente não está presente na minha família, de todo.

Entrevistadora - Já não existe?

Marcelo - Não.

Marcelo - Segunda figura é mais ou menos relacionada com a primeira porque a Mafalda pergunta a mãe o que ela gostaria de ser se ela vivesse e é basicamente isso, a mulher não está a viver, porque está sempre a fazer a mesma coisa, está sempre a cozer, está sempre a arrumar a casa, está sempre a estender a roupa e é algo que tem que ser invertidos os papéis porque a mulher não pode ser sempre a dona da casa porque, mulher é um ser humano também tem vida, também tem um trabalho, também tem coisas, também tem responsabilidades apesar dessa responsabilidade ser grande porque, uma casa não pode, não pode ser responsabilidade só da mulher, então tem que partilhar com ambas as partes se houverem mais, partilhar com todos.

Marcelo - Na 3ª figura é um bocado uma representação do machismo porque isto é um rapaz? Certo?

Entrevistadora - Sim.

Marcelo - Eu penso que se o rapaz quer ajudar a mãe, imaginemos que o rapaz é irmão da Mafalda, nestas duas figuras, o rapaz já está a mudar a sociedade aqui, já está a ajudar a mãe, já está a abrir mais a sociedade em termos de perspectiva, ele diz aqui que é chamado de mariquinha por ajudar a mãe, eu penso que o rapaz não devia pensar nisso porque, se ele está a ajudar a mãe é algo que ele devia ser encorajado a fazer e não reprimido, ou seja, ajudar a mãe, quando a mãe está sempre ocupada é de fato uma coisa boa porque, ela também está ocupada e precisa de ajuda, primeiro ela não tem que ter medo de pedir e segundo as pessoas não têm que ter medo de ajudar porque a opinião da sociedade tem muito impacto em nós hoje em dia e é um bocado por aí porque o que ele está a pensar de lhe chamarem de mariquinhas ou de ser o bonzinho é um rótulo que a sociedade impõe em nós e tem que ser destruído, todos os rótulos que a sociedade impõe hoje em dia, tem de ser completamente destruídos.

Entrevistadora - Algo a acrescentar, alguma sugestão, comentário sobre o tema?

Marcelo - É muito pertinente e penso que se fosse possível toda a gente devia fazer isso, porque como eu disse, a sociedade está muito..., quase como um cavalo sempre a olhar em frente com palas e tem de expandir a vista porque está muito centrada nesta ideia de que a mulher é que tem que cuidar da casa e o homem tem que fazer todo o resto e isso tem que mudar rapidamente e eu penso que se uma pessoa começar por fazer a diferença eventualmente todas as outras vão seguir. Eu posso até dar um exemplo prático disto, por exemplo o namorado da minha irmã trabalha no oceanário de Lisboa, e eles lá não têm sítio para por os carrinhos dos bebés, então, houve uma mulher que chegou e pôs o carrinho do lado entretanto chegou outra e pôs lá do lado, e depois chegou outra e pôs lá ao lado, ou seja sempre que há uma coisa que parece que seja pertinente se uma pessoa fizer, todas as outras vão seguir. Ao fim do dia já estavam lá 10 carrinhos de bebé, e eles não têm um sítio próprio para isso, então é um bocado por aí.

Entrevistadora - Foram seguindo o que estavam vendo?

Marcelo - Sim. Portanto se uma pessoa fizer a mudança, depois outra faz e eventualmente toda a gente vai começar a fazer.

Entrevistadora - Entendi, cada um pode ser exemplo para os outros.

Marcelo - Sim.

Entrevistadora - Tu achas que estas figuras já estão para daqui a pouco se dizer – isso existia, mas já não existe mais?

Marcelo - Sim, exato

Entrevistadora - Mais alguma coisa para acrescentar?

Marcelo - Espero que algum dia isto, as pessoas possam olhar para isto e dizerem que isto aconteceu há 50, 100 anos e não acontece na altura, porque ela está a acontecer agora, e não pode ser, não pode acontecer.

Entrevistadora - Muito obrigada por participar da pesquisa.

7ª entrevista, Roberto

Idade – 19 anos.

Atividade profissional – não (músico freelancer).

Morada – com os pais.

Filhos – não.

Entrevistadora - Já te falei dos objetivos, agradecer por estar participando da pesquisa. - A primeira pergunta. O que é o namoro para si?

Roberto - Uma junção física, mas na minha opinião muito mais sentimental entre duas pessoas que, não vou usar o termo que se completam, mas que cooperam entre elas nas diferentes atividades do seu dia, e disso pode também crescer toda uma vida ... ahm ... e tudo tem que ser feito em conjunto.

Entrevistadora - Das tuas experiências de namoro, qual o significado que tiveram para o teu desenvolvimento?

Roberto - Ahm ... numa idade mais nova, normalmente a gente pensa que já tem uma mentalidade um pouco mais construída do que a que a gente realmente tem, e isso, principalmente nos meus primeiros namoros, quando eu tava muito mais a descobrir o que é que aquilo significa, eu penso que andei rápido demais naquilo que eu conseguia e então houve esta situação em que no final, na verdade não foi exatamente no final, eu tive que crescer mais um bocadinho após o término para entender isto, eu entendi que o namoro tem que ser uma coisa muito mais leve na nossa consciência e isto é, eu penso que não seja bom quando a gente sente o namoro assim em demasia quer no lado bom, mais obviamente que é muito mais no lado mal e algumas das lições que eu aprendi foi dar liberdade à outra pessoa, que a questão da confiança mesmo, existe alguma romantização no facto de, - não consigo confiar em ti, digamos assim, mas tô contigo mesmo porque gosto, aprendi este fator também uma grande parte tóxica e eu na verdade devo grande razão ao meu desenvolvimento em termos sentimentais às minhas primeiras e passadas experiências amorosas.

Entrevistadora - Teria alguma experiência um caso, uma situação que aconteceu que poderias dizer que foi uma aprendizagem?

Roberto - Tem a ver com violência ou pode ser sobre absolutamente qualquer coisa?

Entrevistadora - Que tenha servido para ti aprender, pode ser para o lado bom ou para o lado ruim, tipo – isso eu não quero repetir, ou então, - isso eu sei que foi bom.

Roberto - Ahm ... eu posso mesmo dar uma informação, assim, pessoal? Num dos meus primeiros namoros, até agora o mais duradouro ... ahm ... o que aconteceu é que, quando a gente começou a ter uma relação mais estável, com interações muito mais próximas entre nós, eu ainda não sabia como é que a maioria das coisas funcionavam e quando a gente tentava, (falando baixo, quase sussurrando) , isto refere-se basicamente a relações sexuais, as primeiras vezes, houve todo esse estresse também, se reflete nas inseguranças de um adolescente que é o não conseguir, que algo está errado comigo,

porque que isto acontece? Tudo isso tem a ver com os nervos e o que aconteceu comigo é que nas primeiras vezes que a gente tentava dar assim um maior passo em frente eu ficava completamente terraço porque não sabia o que estava exatamente a pensar, mas com insistência com calma e com o tempo que se passava ... uhm ... acabamos por conseguir, por entender realmente os fatores que há por trás dessa evolução na vida do adolescente e acho que isso pode se refletir não só no processo como também em qualquer coisa, pode até nem ser dentro do namoro, pode ser no apoio dado pela outra pessoa para algo que nós tentamos ou fazamos pessoalmente.

Entrevistadora - Interessante. Houve alguma experiência que tu sentiste os teus direitos postos em causa?

Roberto - Com muita amargura digo que não (risos)

Entrevistadora - E alguma experiência que tu tenhas colocado o direito da pessoa em causa?

Roberto - Como eu disse naquela em que a gente acha que tem uma mentalidade certa, mas que na verdade tá numa idade fértil e que não sabe muito bem o que seguir, porque até a gente não sabe como é que a mente de uma pessoa funciona e ... .. (longo silêncio) até eu realmente ter esta mentalidade completamente saudável pode ser a que eu tenho agora, eu era uma pessoa que se baseava muito na posição e no fato de, “isso tem muito haver com a insegurança pessoal que eu tinha”, ainda tenho mas não tanto e parte da evolução que eu digo vem daí, de ter visto as coisas de uma forma tão imatura é possível que sim, minimamente, nunca chegando a níveis tão extremos obviamente, acho que já pus a liberdade e as vontades de quem tava comigo, no meu lado em causa.

Entrevistadora - Podes dizer mais ou menos como foi a situação?

Roberto - Eram na verdade diversas situações que ... ah ... eu sempre fui uma pessoa assim muito apegada a poucas pessoas e se houvesse um grupo de amigos ou uma situação onde eu quisesse ir para ter um momento meu de diversão ou o que quer que seja, sendo uma coisa extremamente simples e limitada e a maioria das pessoas que teve a meu lado, numa personalidade muito “espírito livre”, muito mais movimentada e eu via esse choque de realidade com o facto dela querer sair com outras pessoas por exemplo o fato dela achar bem e saudável seguir uma amizade com ex namorados, pessoas que já tiveram na vida dela e ela manter esses contatos, eu achava tudo isso uma coisa que me pusesse a mim em causa e levava tudo isso muito a peito, era isso, era uma das maiores causas do meu senso de possessão.

Entrevistadora - Enquanto namorado qual tu achas que são os direitos que devem ser garantidos numa relação?

Roberto - Bom, eu diria agora com uma mentalidade certa que ao namorar uma pessoa tem todos os direitos do mundo, desde que não passe a barreira do trair a confiança da outra pessoa ou por em causa ou em jogo a confiança da outra pessoa porque qualquer atividade ela que seja, isto depende do caráter da pessoa de perceber o que ela pode ou foi proposta a fazer numa situação mais complicada, a partir daí, acho que a única

limitação que uma pessoa deve e definir para si mesmo de uma boa forma com a outra pessoa, mas até aí acho que tudo é permitido, cada um tem o direito de ter a sua vida na totalidade, a sua vida pessoal.

Entrevistadora - Cada um viver a sua e viver junto? E os deveres, qual tu achas que são os deveres?

Roberto - Como assim?

Entrevistadora - Algo que é dever de ambos na relação, que não pode faltar.

Roberto - Uma coisa que não pode faltar, confiança definitivamente ... ahm ... e como é que eu posso dizer isso? bem-estar com o outro, sentir-se seguro e isto anda meio que de mãos dadas com a confiança que é a segurança, que é sentir-se confortável que é no momento em que vai fazer alguma coisa, o que quer que seja, temos aquela sensação de não sentir que precisamos pensar muito, sentir que podemos ficar sossegados, sentir que pronto – já que tu vais fazer isso eu vou aproveitar para fazer uma coisa minha e se os dois têm essa mesma segurança, acho que isso é o estado mais saudável, mais puro de qualquer relação, e também é uma das coisas mais difíceis de alcançar no meu ponto de vista.

Entrevistadora - Entendo. Como eram encaradas, ou como são a gestão financeira, sair para o cinema, para um lanche?

Roberto - Eu pessoalmente sempre tive, eu sempre tive esta, pronto esta minha faceta de que já me aconteceu inúmeras vezes que eu chegar no cinema ou alguma coisa e pronto, quem está a meu lado, e minha namorada se ela tomar a atitude de dizer pronto ok, para a próxima pago eu, porque eu não vejo essa divisão e estereótipo de ser o homem a pagar como algo que realmente importante, isso assim, isso também tem a ver com o bem com um pequeno mimo que cada um quer dá para o outro.

Entrevistadora - Não era questão de conflito a gestão financeira?

Roberto - Não há um estereótipo, não mesmo.

Entrevistadora - E as decisões sobre o que fazer, ao sair por exemplo – vamos ao cinema, havia um que decidia ou os dois?

Roberto - Diferentes situações já houve situações em que era eu a decidir a maioritariamente das coisas que a gente ia fazer depois, dependia do querer dela ou não, houve outras situações que, pessoalmente era a que eu me sentia melhor é que ela dizia o que fazer e eu, porque não? Vamos. Mas também pode haver toda essa questão de cada um decidir o que fazer também isso tem a ver se as pessoas tiverem um certo tipo de diferença no que elas gostam também pode haver um pequeno conflito, mas também acho que não haja direito nenhum que não haja mais para um do que para outro não.

Entrevistadora - Nos teus relacionamentos então não havia diferença, eram divididas as decisões?

Roberto - Conflitos de menor importância honestamente. Já houve vezes em que a gente apenas por conversar, ou ceder, o conflito resolvia-se e a gente não tem mais o que conversar, não tem muito o que fazer, depois a gente combina outra coisa.

Entrevistadora - Era no diálogo então?

Roberto - Nessa situação nunca houve conflitos de maior proporção.

Entrevistadora - E situações de violência nas relações, ocorreram?

Roberto - Física nunca, nunca mesmo, psicológica... uma vez com um namoro meu por minha parte eu considero, espero mesmo que a minha imaturidade na altura não tenha tido grandes estragos, que eu não tenho muito bem a noção do que fiz, mas ao mesmo tempo sei muito bem ver que o que fiz era meio que considerado como um dilema mental com a outra pessoa e isso não é saudável.

Entrevistadora - Seria violência psicológica?

Roberto - Não sei, não sei, mas eu realmente espero que não seja alguma coisa preocupante para a altura e muito menos para agora mas sei que eram, eram sim.

Entrevistadora - Como eram estas situações? Tens como dizer?

Roberto - A situação normalmente resumia-se em... fazer todo um, não é fazer toda uma chantagem mas é, o que eu fazia era tomar todas aquelas pequenas atitudes de a fazer achar que o lado errado era ela, pela forma que eu tava a agir sem dizer – olha não gosto disto que tu estás a fazer, eu não levava a entender, levava o psicológico dela achar que ela tava a fazer alguma coisa errada, dependendo de como eu agia porque eu mudava drasticamente a minha atitude, pronto funcionava mais ou menos assim.

Entrevistadora - Jogava a culpa?

Roberto - Sim, indiretamente.

Entrevistadora - A que atribui estas situações?

Roberto - Falando um bocado específico, as relações de amizade que ela tinha com os ex namorados (falando baixinho).

Entrevistadora - Ciúme no caso?

Roberto - Muitos ciúmes, muitos ciúmes na altura também ao facto das atividades dela serem uma coisa um pouco mais para a frente, normalmente as mulheres têm um pouco essa mentalidade um pouco mais para frente antes de nós, agora se calhar reflito da mesma maneira, o que é engraçado mas era aquela coisa de, eu ainda não percebi bem aquelas atividades de ir para festas com muitas pessoas ... ahm ... pronto era isso.

Entrevistadora - Tu ficavas com ciúme?

Roberto - Era toda aquela situação

Entrevistadora - Depois tinha aquela conversa?

Roberto - Toda a situação parva de que - mas tu não vais para esses sítios para arranjar alguém? Por que tu vais para esses sítios? Isso era estúpido, agora entendo a parvoíce que passava pela minha cabeça.

Entrevistadora - Como eram resolvidas?

Roberto - Essas situações, eu posso falar dos dois pontos de vista, eu já causei e já causaram em mim, também ... ahm ... foi meio que vice-versa, quando eu era mais novo e não tinha a mentalidade construída, eu causava, agora cresci um pouco, mudei as atitudes.

Entrevistadora- Que bom que a gente vai amadurecendo com o tempo.

Roberto - Diz.

Entrevistadora - Que bom que a gente vai amadurecendo com o tempo.

(Risos)

Roberto - Relacionei-me com pessoas que estavam um pouco mais inferiores, não no mau sentido, é óbvio, mas depois também, entendo os dois lados, entendo sim. Uhm, como é que eu resolvia? (refazendo a pergunta a si) Não quero desapontar, mas era muito daquela coisa de, tempo, arrependimento e pensamento momentâneo de ah, pois, estou errado e continuava, como era o caso, acontece e pronto, conversa, pedir desculpa e ah entendimento momentâneo infelizmente.

Entrevistadora - Resolvia-se na conversa, com o diálogo?

Roberto - Sim. E quando era causado a mim, era a mesma coisa, só que sou uma pessoa que perdoa muito mais facilmente, era resolvido também de uma forma muito paciente.

Entrevistadora - Era psicológica também, te sentias manipulado?

Roberto - Não, me sentia muito preso e com isso acabei descobrindo, eu tenho todo este sentimento que eu desenvolvi, percebi que ao mínimo passo que a pessoa tenta controlar de mim, seja o que for, eu fico extremamente desconfortável, e então, pronto.

Entrevistadora - Uma situação de controlo?

Roberto - Uhum.

Entrevistadora - Temos aqui três figuras, a 1, a 2 e a 3, gostaria que leses e desse a opinião sobre elas.

Roberto - Sobre as três?

Entrevistadora - Isso. Conheces a banda desenhada Mafalda?

Roberto - Conheço, conheço, não li muito.

Leitura.

Roberto - Ok, a minha opinião é que a primeira tirinha conta muito o estereótipo que agora felizmente esta sendo muito mais debatido do que era nos anos anteriores.

Roberto - A segunda tirinha chocou-me por causa da frase – o que a menina pergunta a mãe muito honestamente, e de certa forma, reflito sobre esta banda desenhada, porque, não desta forma, mas de certeza que já dei esse mesmo diálogo a entender a minha mãe, certeza, eu lembro-me disso.

Roberto - E na terceira tirinha eu vejo como certo de se fazer, eu acho que é completamente errado um homem crescer com a ideia de que, ajudar a fazer, fazer pronto, ações básicas para o seu bem estar, e para o bem estar da pessoa que esteja ao lado, acho que uma pessoa crescer com o pensamento que isso é errado e que isso não é função minha, até porque não é uma função estereotipadamente vista como uma função masculina, por ela ser também uma atitude tomada por uma rapariga, ainda por cima quando oferece algum tipo de ajuda para mais pessoas, eu identifiquei-me, identifiquei-me imenso com esta situação.

Entrevistadora - Então neste caso, na tua família ainda vive essa situação?

Roberto - Ainda vejo, mas faço, como a minha família só sou eu e meus pais e o resto está para o estrangeiro ... ahm ... eu vejo, via mais isso acontecer, mas então também fiz muito para que eu também fosse uma parte dessa ajuda e tomar a atitude aqui que o menininho toma.

Entrevistadora - O que achaste da entrevista, do tema, tem alguma coisa a acrescentar?

Roberto - Um tema extremamente interessante ainda por cima para jovens adultos ahm, onde há uma grande variedade deles que já experienciaram, e outra variedade deles que esteja a presenciar, eu acho mesmo uma conversa que cativa o interesse das pessoas, cativou a minha ... ahm ...

Entrevistadora - Que bom.

(Risos)

Roberto - A entrevista foi muito bem formulada, eu tô a ver aqui no tempo que se passou 21 minutos e que para mim não se passaram nem cinco minutos, e houve todo esse diálogo. Senti-me muito na liberdade de exprimir experiências que eu não contaria a qualquer um, e isso é muito bom, senti-me bem. Foi meio que um acréscimo a mais como pessoa e mentalidade, foi um bom momento.

Entrevistadora - Muito obrigada.

Roberto - Muito obrigado.

Entrevistadora - Eu entro em contato para dizer como é que foi.

**Anexo D**  
**Grelha de análise**

Tema 1 - Concepções acerca do namoro

Categories	Indicadores	Unidades de registo
Afetos	Amor recíproco	<p>Le – Duas pessoas gostarem uma da outra.</p> <p>Ma – As pessoas têm que gostar uma da outra, tem que sentir que estão na relação porque gostam ou porque querem estar.</p> <p>Re – Se eu tô contente com a minha escolha, acho que a outra pessoa também o deveria estar.</p> <p>Edu - É uma relação entre duas pessoas que gostam muito uma da outra.</p>
	Proximidade	<p>Le – [Duas pessoas] estarem juntas.</p> <p>Ma – Acho que sim, o namoro é uma relação amorosa em que as duas pessoas querem efetivamente estar juntas.</p> <p>Mc – O namoro é uma relação com outra pessoa que implica muita afetividade, muito compromisso, muita confiança e muita lealdade e é uma relação íntima com outra pessoa.</p>
	Partilha	<p>Le – [Duas pessoas] partilharem momentos uma com a outra.</p> <p>Le – [Duas pessoas] partilharem suas vidas.</p> <p>Mc – Na maior parte das vezes cada um pagava o seu, mas haviam vezes que era eu que pagava tudo, algumas vezes era ela que pagava tudo, era uma questão mesmo de ver no momento o que cada um podia fazer.</p>
	Apoio/cuidado/amizade	<p>Le – Eu fui muito um apoio por que ele tinha muitos problemas em casa e como havia ali muitos conflitos, então, havia momentos de quebra e eu consegui ser o apoio para ele conseguir se levantar, acho que são essas situações que eu me lembro mais.</p> <p>Le – Sim, sim talvez por isso [eu fui muito um apoio para ele] que nós temos uma relação de amizade ainda [depois de o namoro terminar], por causa disso, fomos muito o apoio um do outro por algum tempo ... então pronto, acho que foi isso.</p> <p>Lr – Eu vejo uma relação de namoro, isso pode parecer uma comparação um bocado parva, mas eu vejo como se fosse uma família obviamente que a parte do namoro tem alguns extras, mas supostamente a família é a nossa base, nosso suporte, supostamente a pessoa a quem</p>

		<p>vamos sempre recorrer primeiro.</p> <p>Lr – Eu acho que a criação de uma relação também deve ser isso ter uma outra pessoa da nossa confiança, nosso suporte, uma pessoa que vamos sempre recorrer primeiro, acho que o namoro deve ser isso, deve ser apoio mútuo e pronto.</p> <p>Lr – Mas há uma coisa que salva (sobre o ciúme) porque ele sabe sempre como me acalmar.</p> <p>Edu – Aprender se calhar a não pensar só em mim, mas também na outra pessoa, tomar conta dessa pessoa e pensar que no namoro não posso pensar só em mim.</p> <p>Edu – Se calhar, há aquelas coisas que se deve dizer, coisas que não se deve dizer. Mas acho que o principal foi isso mesmo de não pensar só em mim.</p>
	Companhia	<p>Re – Talvez, eu diria que namoro, é quando se escolhe uma pessoa para estar do nosso lado, de nosso lado ok, é uma pessoa que já é mais do que um amigo, que escolhemos mesmo para a vida, e depositamos muita confiança e ao mesmo tempo somos independentes daquela pessoa.</p>
	Cooperação	<p>Ro – Uma junção física, mas na minha opinião muito mais sentimental entre duas pessoas que, não vou usar o termo que se completam, mas que cooperam entre elas nas diferentes atividades do seu dia, e disso pode também crescer toda uma vida, ahm e tudo tem que ser feito em conjunto.</p>
	Leveza	<p>Ro – Eu entendi que o namoro tem que ser uma coisa muito mais leve na nossa consciência</p>
	Liberdade/confiança	<p>Ro – Algumas das lições que eu aprendi foi dar liberdade a outra pessoa, que a questão da confiança mesmo, existe alguma romantização no fato de, - não consigo confiar em ti, digamos assim, mas tô contigo mesmo porque gosto.</p>
Comunicação	Comunicação horizontal	<p>Le – Quando é para fazer os dois coisas em conjunto, que gostem, acho que tem que ser uma decisão dois a dois não é um que prevalece só.</p> <p>Le – Tem que ver e discutir os prós e contras, as vantagens, acho que é um bocado por aí.</p>
	Busca de consensos	<p>Le – [Discussão tranquila] Sim e chegar a um consenso, acho que a se discutir não se vai a lado nenhum.</p> <p>Lr – Geralmente corre sempre bem, porque nós temos boa comunicação um com o outro, portanto, acabamos sempre a buscar algum consenso.</p> <p>Lr – Decidimos os dois.</p> <p>Edu – Não, acho que só muito de perguntar o que iríamos fazer hoje, a partir daí arranjávamos,</p>

		quando um não sabia o que fazer então o outro tomava o controle, mas... era sempre assim. Mc – Era proposta por um de nós e se o outro concordasse tudo bem, se não era combinar outro dia outra coisa para fazer, portanto era um bocado por aí.
Aprendizagem/ desenvolvimento	Crescimento mútuo	Le – [Duas pessoas] crescerem juntas Le – Minha primeira relação foi durante bastante tempo, ou seja, foi muito prolongada, então acabei por crescer com essa pessoa, trouxe muitas coisas boas, muitas coisas também não tão boas, mais as boas do que as más. Le – As relações trouxeram coisas diferentes, coisas para a minha vida que me mudaram e me fizeram um pouco diferente, sim.
	Reconhecimento do outro	Le – Por exemplo, o meu primeiro namorado era uma pessoa difícil de chegar em termos de sentimentos, uma pessoa muito fechada também, não foi muito fácil então, foi um bocado nesse aspeto que eu aprendi a tentar chegar ao outro, a tentar perceber através de poucas palavras o que a pessoa sente, acho que um bocado disso que me trouxe.
	Empatia	Le – Talvez, empatia, chegar perto. A pessoa não falar o que se passa, - não tá bem explica o que é que se passa, e a pessoa quase dizer nada, sempre, um pouco disso talvez.
	(Amor) Entrega plena	Lr – Aprendi que realmente há diferença quando as pessoas gostam mesmo ou não, ahm ... aprendi que quando uma pessoa realmente gosta de nós é capaz de fazer esforços que se calhar os outros não fariam. Lr – Na outra é que foi a tal aprendizagem que eu fiz, tava a ainda mais quilômetros que a outra pessoa e largou tudo só para me ver porque tinha saudades minhas e daí a dizer que quando uma pessoa realmente gosta não importa o quê que está a acontecer na vida ou não, mas vem.
	Autoestima e amadurecimento	Ma – Tenho desenvolvido uhm... força, muita resiliência, conseguir ultrapassar as dificuldades e as discussões, porque existem conflitos, desigualdades de opiniões e isso leva-me a amadurecer, a aumentar a minha capacidade de resolver problemas. Tenho ganho também, ao longo da vida, uhm... é uma pergunta boa..., amor por mim própria. (...) As relações que tenho no futuro, tenho sempre isso em conta, não me apagar e ter isso bem em conta portanto, acho que isso também foi uma coisa que eu fui ganhando ao longo dos anos.

		<p>Ma – Aprendi muito mais a a valorizar-me a mim própria, a saber me elogiar, a não deixar que os outros me atacassem, que me olhassem de forma negativa e... acho que investi muito mais em mim.</p> <p>Ma – Todas as relações que passei me fizeram bem, no sentido em que amadureci, cresci e percebi que há coisas que não fazem sentido</p> <p>Edu – Aprendi, cresci mais enquanto pessoa, (...).Aprendi, cresci mais enquanto pessoa.</p> <p>Mc – Eu até agora só tive uma relação, e não correu lá muito bem, mas permitiu-me evoluir como pessoa de maneiras que não estava a espera por que quando eu saí da minha relação eu consegui, analisar a relação de fora, ou seja, olhar para trás retrospectivamente para relação e analisar o que se tinha passado para aquilo não correr bem e penso que isso me fez melhorar enquanto pessoa e reavaliar as minhas perspetivas em relação ao namoro.</p>
	Individualidade	<p>Re – O que eu acho que mais aprendi, foi isso mesmo que falei há pouco, da individualidade, nunca me deixar prejudicar a mim por causa da outra pessoa, porque a outra pessoa quis aquilo, que é daquela forma, cá em Portugal há uma expressão, não sei se tu já ouviste que é – eu não papo grupos.</p> <p>Re – E não vou tá aqui a fazer uma coisa que eu não quero fazer só porque as outras pessoas querem e acho que o que eu aprendi foi isso, não deixar levar pelo outro só porque eu e aquela pessoa estamos juntos.</p> <p>Re – E foi aí que eu percebi - eu não devo tá a fazer uma coisa, só porque a outra pessoa quer, quando na verdade não estava a namorar e pronto.</p> <p>Mc – Na minha última relação por exemplo, existia uma situação que era, quando um grupo meu de amigos me convidava para ir a algum lado, beber um copo ou algo do género eu perguntavas-lhe sempre se poderia convidar a minha namorada, tinha sempre essa preocupação, no entanto, o contrário não acontecia, ou seja, a minha ex namorada era convidada pelos amigos e amigas dela para algum lado e ela ía e depois eu descobria que ela tinha ido por causa de fotos e as vezes em tom de brincadeira dizia-lhe - devias ter me convidado, pronto e ela respondia sempre, - não lembrei ou esta situação não era bem para ti, era só conversar com minhas amigas e pronto, foi ela que me fez aprender um bocado como lidar com situações destas.</p>
	Descoberta	Ro – Ah, numa idade mais nova, normalmente a gente pensa que já tem uma mentalidade um

		<p>pouco mais construída do que a que a gente realmente tem, e isso, principalmente nos meus primeiros namoros, quando eu tava muito mais a descobrir o que é que aquilo significa, eu penso que andei rápido demais naquilo que eu conseguia e então houve esta situação em que no final, na verdade não foi exatamente no final, eu tive que crescer mais um bocadinho após o término para entender isto.</p> <p>Ro – Aprendi este fator também uma grande parte tóxica e eu na verdade devo grande razão ao meu desenvolvimento em termos sentimentais as minhas primeiras e passadas experiências amorosas.</p>
	Entendimento	<p>Ro – Com insistência com calma e com o tempo que se passava uhn acabamos por conseguir, por entender realmente os fatores que há por trás dessa evolução na vida do adolescente e acho que isso pode se refletir não só no processo como também em qualquer coisa, pode até nem ser dentro do namoro, pode ser no apoio dado pela outra pessoa para algo que nós tentamos ou fazemos pessoalmente.</p>
Atitudes	Relacionamento amoroso exige trabalho	<p>Lr – Também com isso consegui aprender que isto numa relação não funciona se não formos trabalhar para ela, acho que isso é o mais importante, isso é um arrependimento quer dizer arrependimento não, aprendizagem que tenho, que podemos retirar de uma relação</p>
	Compromisso	<p>Le – Sim, é um pouco mais sério sim, pede mais das pessoas uma para com a outra [do que um flerte ou “ficar”]</p> <p>Ma – Essas duas pessoas comprometem-se numa relação em que há um compromisso, para além do compromisso há afeto.</p> <p>Mc – Espero que haja mais confiança entre os dois, espero que haja mais lealdade, espero que haja mais comunicação e pronto, é basicamente isso.</p>
	Integridade	<p>Le – Agora estou noutra relação um pouco mais diferente, são pessoas diferentes, mas no fundo o meu comportamento é o mesmo, não muda.</p>
	Reciprocidade	<p>Le – [Quem paga] acho que isso depende um bocado das situações, acho que há momentos em que pode ser um a pagar depois outro, ou dividirem, acho que eu não tenho na minha cabeça definido, ok eu pago sempre, ele paga sempre, acho que depende da situação.</p> <p>Le – Meu primeiro namorado, que estava sempre pagando as coisas, mas eu ia lá por trás e pagava, mas não era conflito a ponto de se discutir nem nada, mas brincadeira.</p>
	Companheirismo	<p>Le – Eu acho que há coisas que por exemplo pode ser um só do par que gosta de ver aquilo e</p>

		depois perguntar: queres vir comigo? Acho que podemos sempre ceder, ê pá eu não gosto tanto, mas tu gostas eu acompanho, mas também outras vezes pode acontecer ao contrário Edu – Ahm, especialmente é essa ideia, um bocado a ideia de pensar mais no outro, e não só em mim mesmo, foi mais algo que foi assim mudando ao longo do tempo.
	Tomada de decisão	Re – Mas, pronto, acho que isso também é um pouco da personalidade de cada um, mas isso comigo não acontece só em casal, acontece na vida, mesmo em trabalhos de grupo, sou eu que dá logo aquela direção do trabalho, acho que há pessoas que acabam por ter mais voz e saberem mais do assunto, enquanto há outras pessoas que apenas se deixam levar para onde o barco os leva, acho que é um pouco assim, isso obviamente que sou eu. Re – Sim, e mesmo, as vezes digo pronto, - há decides tu, mas acabo sempre por influenciar, - aquele lugar é melhor, - acho que vai ser melhor, mas bem ou mal, sim, sou eu, sou eu.

## Tema 2 – Direitos no namoro

Categories	Indicadores	Unidades de registo
Experiências de namoro que colocam em causa os direitos humanos	Pôr em causa os direitos do/a entrevistado/a	Le – Não, assim diretamente, que eu deixasse não. Ma – Sim, sim, acho que posso dizer que sim, os direitos no sentido em que... ahm... direitos básicos de autonomia, responsabilidade, respeito, acho que o respeito foi uma coisa que no fim já estava a perder, e por isso ainda bem que acabou, porque dali só podia piorar. Re – A sentir muita pressão sim, e acho que quando começa a sentir pressão e desconforto, aí já deixa de ser uma coisa boa para ser uma coisa má. Re – Eu acho que, exatamente, acho que é um pouco isso, que quase que a minha liberdade estava a ser afetada e a verdade é que, quando escolhi Lisboa, fiquei um pouco em paranoia, - agora o que eu vou dizer? O que, que eu agora devo fazer? Aí acho que foi, acho que aí sim, acho que esse direito de escolha, estava um pouco posto em causa, tava, era a impressão que eu tava a sentir.
	Pôr em causa os direitos do/a namorado/a	Le – Ah, não, penso que não. (...) Acho que não. Ma – E também não vou dizer que eu sou boa e ele o vilão, portanto também acredito que tenha feiot coisas más e que também tenha passado com ele, se calhar até passado mesmo dos limites, tal como ele, eu. Chegamos a um ponto em que perdemos o respeito um com o outro,

		<p>então quando ele me desrespeitava eu também o desrespeitava. Nem que fosse a falar mal com ele. “Dizer pra ele ir pra outro sítio” ou o que fosse. Também já passava daquele limite. Portanto, acho que ele podia ter algumas atitudes... ahm... que me desrespeitava e eu respondia em consequência disso, portanto já era de igual.</p> <p>Re – Olha, os direitos, direitos não, mas ahn...</p> <p>Re – Eu acho que, aquela pessoa, eu acho que essa pessoa aprendeu que não deve estar tão... não deve criar tantas expectativas, ahn, da outra pessoa, eu falei isso mais tarde e foi exatamente isso que eu percebi, que a pessoa estava a sentir mais do que aquilo que eu estava a sentir.</p> <p>Re – Não, não, talvez devia ter sido mais aberto pronto, exatamente dizer o que, que eu sentia e o que eu tava a espera, quais eram as minhas expetativas, mas agora, colocar o direito da outra pessoa, nada disso.</p> <p>Ca – Eu era uma pessoa que se baseava muito na posição e no fato de, “isso tem muito haver com a insegurança pessoal que eu tinha”, ainda tenho mas não tanto e parte da evolução que eu digo vem daí, de ter visto as coisas de uma forma tão imatura é possível que sim, minimamente, nunca chegando a níveis tão extremos obviamente, acho que já pus a liberdade e as vontades de quem tava comigo, no meu lado em causa.</p>
Direitos valorizados	Respeito mútuo	<p>Le – Se eu gosto que me respeitem, também gosto de respeitar os outros</p> <p>Ma – Ahm... autonomia, respeito, confiança.</p>
	Respeito pela liberdade individual	<p>Le – Acho que tendo uma relação, acho que há coisas que mudam, mas há outras que também têm que se manter, por exemplo, não é só por ter um namorado que não possa sair com as amigas, ou estar com outra pessoa.</p> <p>Le – Há muita gente que faz isso, vive só naquela relação sem olhar para o que está a sua volta.</p> <p>Le – Ter o seu espaço também, ou seja só sai com aquela pessoa se estou namorando, ter espaço e também fazermos coisas sozinhas, mas termos nosso espaço com nós e nosso espaço com os outros.</p> <p>Lr – Espaço pessoal mesmo, porque eu acho que não é por nós estarmos a namorar que nós assinamos um papel de casamento, ahm ... u acho que cada um deve ter a sua liberdade também para fazer as coisas, ok?!!</p>

		<p>Re – Olha, os direitos, eu acho que é o direito à liberdade, porque isso leva-nos a tua primeira questão, e a primeira resposta que era exatamente a independência, pronto, eu acho que é um direito de cada elemento do casal, ser independente do outro.</p> <p>Edu – Liberdade, privacidade (silêncio) talvez o direito de ser ouvido também, mas acho que é acima de tudo liberdade e privacidade.</p> <p>Edu – Bom, eu diria agora com uma mentalidade certa que ao namorar uma pessoa tem todos os direitos do mundo, desde que não passe a barreira do trair a confiança da outra pessoa ou por em causa ou em jogo a confiança da outra pessoa.</p> <p>Edu – Acho que tudo é permitido, cada um tem o dever [direito] de ter a sua vida na totalidade, a sua vida pessoal.</p>
	Respeito pela privacidade/individualidade	<p>Le – Mesmo tendo namorado, uma relação, também temos privacidade, não é estar a esconder coisas, mas há coisas também só nossas e não temos que estar a partilhar se não estivermos confortáveis com isso... ahm...</p> <p>Lr – Quando se começa a namorar há coisas que mudam, mas não é por eu sair a noite com minhas amigas ou coisa do género que tem que ser um despertar para uma discussão ou algo assim, porque acho que nós não deixamos os dois de ter nossas vidas, os nossos amigos e nós até podemos coincidir as duas vidas que é para as coisas serem melhores, mas assim, é esse um aspeto...</p>
	Liberdade de expressão	<p>Mc – Devemos ter cada um de nós a liberdade de expressão, a liberdade de fazermos o que quisermos com alguma confiança, mas acho que mesmo o mais essencial é a liberdade de expressão e não sermos reprimidos quanto a essa expressão.</p>

Tema 3 – Deveres no namoro

<p>Contestação da existência de deveres</p>	<p>Ausência de obrigações</p>	<p>Le – Eu acho que quando uma pessoa está numa relação não tem deveres, porque se não fica quase que como uma obrigação, acho que as pessoas fazem as coisas por querer, não aquela coisa “ah eu tenho o dever de estar com aquela pessoa” parece que é um bocado obrigado, tem o dever de jantar, parece que é um bocado de obrigação, acho que não passa muito pela palavra dever, mas com coisas que se faz por gostar da pessoa e fazer com a pessoa.</p>
<p>Valorização de deveres</p>	<p>Responsabilidade pelo outro</p>	<p>Lr – Assim, eu sinto que não há, não é não existir deveres, mas existe sim uma responsabilidade, mas no sentido ... ok, se calhar se eu sair vou ... se calhar avisá-lo para também não ficar preocupado comigo é mais nesse sentido, não é avisar porque tenho que o fazer é mais no sentido ... ok, se acontece alguma coisa se calhar ele pode me ajudar de alguma forma, ahm... não sei... Edu – Cuidar um do outro quando é preciso, estar sempre lá, ouvir. Sim acho que pelo menos começamos por estes.</p>
	<p>Reciprocidade</p>	<p>Le – [Reciprocidade] É algo que seja um dever no namoro, no caso se não ocorrer não existe namoro. Ma – A partir um bocadinho também dos direitos que são respeitar o outro, o dever de fornecer e receber confiança, o dever de respeitar, o dever de deixar ele ser uma pessoa também, ter os seus gostos, as suas amizades, as suas atividades e o dever de algum dia, se as coisas não correrem bem, terminar aquela relação.</p>
	<p>Respeito</p>	<p>Re – Um dever, é pá, um dever de todos é respeitar o outro. Mc – Eu penso que para uma boa relação funcionar deve haver respeito, deve haver lealdade, deve haver uma boa comunicação, deve haver muita confiança ahm, e é basicamente isso.</p>
	<p>Liberdade</p>	<p>Re – Posso dizer talvez o não por em causa também a liberdade do outro, seja qual for a liberdade, que seja emocional e psicológica, ahm, pronto não por em causa a liberdade do outro é exatamente isso, o dever de cada um é exatamente esse, tentar ser aberto no que cada qual pretende, pelo menos para hoje, porque as expetativas todos os dias mudam, mas é ser aberto também nesse ponto. Re – Pronto, como eu estava a dizer, a liberdade termina onde a do outro começa e isso é o mais</p>

		importante que cada um deve saber.
	Confiança	Ro – Uma coisa que não pode faltar, confiança definitivamente ahm, e como é que eu posso dizer isso? bem-estar com o outro, sentir-se seguro e isto anda meio que de mãos dadas com a confiança que é a segurança, que é sentir-se confortável que é no momento em que vai fazer alguma coisa, o que quer que seja, temos aquela sensação de não sentir que precisamos pensar muito, sentir que podemos ficar sossegados, sentir que pronto – já que tu vais fazer isso eu vou aproveitar para fazer uma coisa minha e se os dois têm essa mesma segurança, acho que isso é o estar mais saudável, mais puro de qualquer relação, e também é uma das coisas mais difíceis de alcançar no meu ponto de vista.

#### Tema 4 – Conflitos no namoro

Categories	Indicadores	Unidades de registo
Motivos de conflito	Saídas à noite	Le – Já tive talvez com as saídas à noite, às vezes com a confusão que há talvez, mas depois também passou. Le – É assim, tipo quando saíamos separados, somente quando era a minha vez de sair, ele dizia – ah não sei que os rapazes então e então ...
	Ciúmes	Lr – Só uma situação específica neste relacionamento que é ciúmes, eu sou uma pessoa um bocado ciumenta (...) e ele não é uma pessoa que goste de ciúmes de todo, então pronto, só o fato de eu sentir ele fica um bocadinho chateado. Edu – Não sei (silêncio) possivelmente a existência de ex namorados. Ro – Falando um bocado específico, as relações de amizade que ela tinha com os ex namorados. Ro – Muitos ciúmes, muitos ciúmes na altura também ao fato das atividades dela serem uma coisa um pouco mais para a frente, normalmente as mulheres têm um pouco essa mentalidade um pouco mais para frente antes de nós, agora se calhar reflito da mesma maneira, o que é engraçado mas era aquela coisa de, eu ainda não percebi bem aquelas atividades de ir para festas com muitas pessoas ahm, pronto era isso. Ro – Toda a situação parva de que – mas tu não vais para esses sítios para arranjar alguém? Por que tu vais para esses sítios? Isso era estúpido, agora entendo a parvisse que passava pela minha cabeça.

Interferência familiar	Ma – A família dele, os pais, devido ele ter uma relação muito próxima com os pais. Mas falando de maneira geral, o que pode gerar conflito é a família. A relação com a família vai influenciar a minha relação com ele e, se eu não me der bem com os pais dele, ele não vai me levar a casa dele.
Dinheiro	Ma – É difícil gerir. O dinheiro também é uma possibilidade
Opiniões divergentes	Ma – É a desigualdade de opiniões, de feitos, opiniões completamente opostas também, ou seja, não ter nada em comum, não haver coisas em comum, mas... o desrespeito, um bocado daquilo, não respeitar o que o outro quer fazer, o que o outro gosta e o que o outro pensa também geram conflitos.
Inversão de valores	Ma – O meu anterior não fazia nada e a mãe é que fazia tudo e ele queria que eu fosse como a mãe e fazer tudo e eu não gostava disso e isso era uma fonte de conflito também.
Individualidade	Re – As pessoas querem sempre ser um só, o casal pensa que é um só, e muitas vezes os grandes problemas dos casais vêm daí, por que o casal... eles estão juntos para poderem ajudar-se mutuamente e não para serem um só, acho que os problemas partem mesmo daí. Re – E muitas vezes acabam por deixar a individualidade um pouco de lado. Re – Como eu estava a dizer, que a nossa vida não é só saídas e festas, não é só parque e jardins e cinemas, que há muito mais do que isso, porque simplesmente nós estamos ocupados, mais ocupados com o nosso mundo que, pronto, deixamos um pouco de lado a atenção que devemos ter com a outra pessoa. Re – Foi mesmo falar e explicar que, pronto, cada um tem a sua decisão e cada um faz as suas escolhas e que as escolhas que fazemos as vezes não têm que ser mais para o outro e que temos que procurar, onde é que cada um se encaixa em tudo aquilo.
Falta de confiança	Re – Porque os casais estão tão juntos que acaba por haver tão pouca confiança entre ambos, que os dois até se acabam por faltar um do outro, e o princípio fundamental que seria ajudarem-se mutuamente e poderem se apoiar nos problemas normais que toda gente tem, acaba por ser um pesadelo.
Falta de intimidade	Mc – Como foi a primeira relação de ambos, ainda havia essa falta de intimidade, ainda estávamos a construir, a ver o que, que era aquilo
Divergências financeiras	Re – Porque se fala muito nos movimentos feministas, porque se fala em igualdade de género, mas é tão interessante perceber que essas mesmas mulheres que, muitas vezes, falam em liberdade de

		gênero e que os salários devem ser iguais, são as mesmas mulheres que muitas vezes nos dizem que, - ah, quem paga depois a conta no restaurante é o homem, é o papel dele. Como é que para muitas coisas se fala de feminismo e para questões destas como os restaurantes, com quem paga o jantar no encontro, é posto que é exatamente o homem a pagar, isso é muito interessante eu acho que nós ainda só vemos um lado da moeda da igualdade de gênero, aquela em que as mulheres ficam... (silêncio)
	Falta de comunicação	Edu – Acho que não comunicar também os problemas, sim. Mc – A parte que eu referi dos convites dos amigos gerava alguma confusão, depois havia falta de comunicação, muita falta de comunicação e isso gerava muita confusão e eram esses dois os principais motivos de confusão. Mc – E às vezes faltava comunicação exatamente por causa disso, por que ainda era a primeira relação e estávamos a ver como é que é isto, porque era um terreno novo portanto acho que foi um bocado por aí.
	Expectativas	Re – As únicas discussões que aconteceram, era sobre as expectativas que as vezes outras pessoas têm e nós não estamos a corresponder e as vezes nem pretendemos corresponder, eu acho que sim... Re – A outra situação também, que é, que talvez, ahm, como é que hei de explicar, as vezes com o dia a dia nós estamos tão ocupados, isso vem novamente a conversa das expectativas, mas por vezes, as vezes que nós temos vidas tão corridas, pronto, eu tenho o trabalho a associação, eu tenho a faculdade, ahm, as vezes temos tantas coisas e estamos tão ocupados com algum tipo de assunto que as vezes a pessoa que tinha expectativa de que nós podíamos dar-lhe e proporcionar-lhe aquilo, muitas vezes não conseguimos corresponder, pelo estresse do dia a dia, enfim, isto as vezes é motivo de conflito e as vezes tentamos dar a perceber à outra pessoa que, pronto, que nossa vida não é só...
Tipos de conflito	Não manifestos	Le – Era mais nesse sentido, mas nunca gerava assim confusões, discussão nada, mas “mandar a boca”, não sei quê, mas depois passava. (...) Não gerava nada. Le – (...) Tínhamos problemas de falar.
	Domínio/Relação de Poder	Ma – Ele pagava, ele tinha mania de pagar tudo e depois ele fazia isso, que não era bem cobrar, era e não era, mas ele pagava e, às vezes, depois para frente, ele começava a “mandar boca” – eu pago-

		<p>te tudo, eu fiz tudo, eu faço tudo e tu és assim. No calor das discussões, ele quase que cobrava aquilo que fazia. Fazíamos viagem e em toda viagem nós discutíamos e ele dizia: - mas, eu estou aqui a fazer esse esforço, eu aqui a viajar contigo e dar-te do bom e do melhor e não sei quê, e tu és assim. Pronto. Esses tipos de coisas não são agradáveis. Ele tinha de facto mais a responsabilidade de pagar porque ele trabalhava e eu não. E ele sentia que podia e pronto, pagava. Mas, depois tinha esse problema.</p> <p>Ma – Era, até porque ele era filho único, daqueles pais. E a mãe e o pai... ahm... eles têm uma proximidade entre eles todos muito grande e a mãe e o pai também tinham opinião sobre o dinheiro dele. Portanto, era uma coisa que eu às vezes dizia: - vamos jantar fora, vamos não sei quê? E íamos jantar fora e ele tinha que comprar alguma coisa pra mãe, não sei o quê, nananam. Ou tinha que gastar o dinheiro numa coisa qualquer para os pais ou ele tinha que emprestar dinheiro aos pais, ou seja também havia os pais pelo meio. Era uma forma de conflito também.</p> <p>Ma – Ele, mais ele. Ele era muito de “eu quero, posso e mando” “eu quero fazer isso, vamos fazer isso” “eu posso porque eu é que tenho dinheiro para fazermos isso e eu mando no que é que vamos fazer”.</p> <p>Re – Pronto, eu só tive mesmo esse conflito, da universidade, de que cidade é que havia de estudar.</p>
	Possessividade	<p>Ro – Eu via esse choque de realidade com o fato dela querer sair com outras pessoas por exemplo o fato dela achar bem e saudável seguir uma amizade com ex namorados, pessoas que já tiveram na vida dela e ela manter esses contatos, eu achava tudo isso uma coisa que me pusesse a mim em causa e levava tudo isso muito a feito, era isso, era uma das maiores causas do meu senso de possessão.</p>
	Insegurança	<p>Ro – O que aconteceu é que, quando a gente começou a ter uma relação mais estável, com interações muito mais próximas entre nós, eu ainda não sabia como é que a maioria das coisas funcionavam e quando a gente tentava, (falando baixo, quase sussurrando) , isto refere-se basicamente a relações sexuais, as primeiras vezes, houve todo esse estresse também, se reflete nas inseguranças de um adolescente que é o não conseguir, que algo está errado comigo, porque que isto acontece? Tudo isso tem haver com os nervos e o que aconteceu comigo é que nas primeiras vezes que a gente tentava dar assim um maior passo em frente eu ficava completamente terraço porque não sabia o que estava exatamente a pensar,</p>
	Julgamento/culpa	<p>Ro – O que eu fazia era tomar todas aquelas pequenas atitudes de a fazer achar que o lado errado</p>

		era ela, pela forma que eu tava a agir sem dizer – olha não gosto disto que tu estás a fazer, eu não levava a entender, levava o psicológico dela achar que ela tava a fazer alguma coisa errada.
	Controlo	Ro – Percebi que ao mínimo passo que a pessoa tenta controlar de mim, seja o que for, eu fico extremamente desconfortável, e então, pronto.
Resolução dos conflitos	Diálogo	Ma – Ele vinha falar comigo e tentava resolver, e desculpávamos um ao outro e resolvíamos, falávamos sobre a situação, sim, às vezes discutíamos muito, porque no início tínhamos opinião muito diferente. Depois, a medida que íamos conversando e a buscar opinião, - mas, porque fizeste isto mal, eu fiz isto mal, vamos tentar não fazer isto, isto e isto. Conversávamos, depois acabávamos nos entendendo, é a comunicação, a comunicação é fundamental. Re – Porque a partir daí (conflito sobre mudança de cidade), isso, pronto aprendi a mediar essa situação. (?) Re – Mas acho que foi uma situação que dependia mesmo de mim para mediar essa situação e de tentar explicar à outra pessoa... Edu – Era tentar comunicar mais quando percebemos que existia algum problema, era tentar resolver. Ro – Já houve vezes em que a gente apenas por conversar, ou ceder, o conflito resolvia-se e a gente não ter mais o que conversar, não tem muito o que fazer, depois a gente combina outra coisa.
	Distanciamento	Re – Algum tempo para que ambos possam perceber, onde é que se encaixam naquela situação e se é realmente isso que procuram.
	Divisão de contas	Edu – Normalmente seria cada um paga o seu, mas se por algum motivo um dos parceiros não conseguir fazer, não há qualquer problema um paga desta vez, depois retribui ou então fica só assim. Ro – Eu não vejo essa divisão e estereótipo de ser o homem a pagar como algo que realmente importante, isso assim, isso também tem a ver com o bem com um pequeno mimo que cada um quer dá para o outro.
	Passagem de tempo	Mc – Às vezes não era resolvido, simplesmente deixávamos o tempo passar, e que a situação acalmasse. Ro – Não quero desapontar, mas era muito daquela coisa de, tempo, arrependimento e pensamento momentâneo de ah, pois, estou errado e continuava, como era o caso, acontece e pronto, conversa, pedir desculpa e ah entendimento momentâneo infelizmente.

	Consenso	Ro – Houve outras situações que, pessoalmente era a que eu me sentia melhor é que ela dizia o que fazer e eu, porque não? Vamos.
	Perdão	Ro – E quando era causado a mim, era a mesma coisa, só que sou uma pessoa que perdoa muito mais facilmente, era resolvido também de uma forma muito paciente.

### Tema 5 – Violência no namoro

Ausência de situações de violência	Não vivenciou	Le – Não, nunca sofri. (...) Não, eu nunca cheguei a este ponto com ninguém.
Tipos de violência vivenciada	Violência psicológica	<p>Lr – Na minha primeira relação, não chegou à violência física, mas psicológica teve lá bastante presente e não é uma coisa que <i>teja</i> marcada hoje em dia, eu também reconheço era um bocado criança ahm, mas sim, nesse dia foi um cenário mau, foi mau, foi mau.</p> <p>Ma – Por exemplo, num grupo de amigos ... ahm... (silêncio)... o rapaz em causa criticava-me na frente das pessoas e isso é uma componente muito chata que é o componente social, verem que ele estava me coagindo na frente das pessoas e isso é mal, e aí foi quando o respeito estava a ser perdido e sim, foi isso.</p> <p>Ma – E daí a questão de ter me anulado, de ter me posto um bocadinho de parte nesta relação, e depois, quando acabou, eu descobri de fato o que estava a me acontecer, porque ele estava a me anular completamente e isso não é bom.</p> <p>Ma – Lá está, eu acho que a violência é um conceito que está pouco definido, não tá claro o que passa a ser violência e o que não é, até que ponto é ou não. Neste caso específico (uma relação específica), eu pergunto se não era porque, porque passava mesmo do limite, e lá está, se calhar um bocado no fundo podia não haver a violência física que se veria tanto, se calhar a psicológica e o sentir que tinha que fazer tudo o que ele queria e tinha que ser como ele queria, não podia... tinha que viver muito pra ele, em função dele e isso acabava por ser um bocado de violência psicológica, porque acabava que me diminuía. Pronto, e lá está, o quê que é e o que não é? Até podia ser aqui.</p> <p>Ma – Sim, sim, às vezes sim, mas eram extremos, porque às vezes podia me dar elogio: - tás tão gira; como em outras dizia: - não comas, vais ficar gorda, depois não quero que fiques gorda e não sei quê... era de extremos.</p>

		Re – Eu sinto que talvez, nessa ida para a universidade, eu talvez senti um pouco de violência psicológica, que o sinal, eu tava a sentir-me já, tão mal com tudo aquilo, de não poder corresponder as expectativas da outra pessoa, que a outra pessoa queria que eu fosse para o Porto e eu que acabo vindo para Lisboa e... ahm..., enfim, acho que comecei a sentir um pouco de violência, pronto, porque não tava a conseguir corresponder as expectativas que a outra pessoa tinha para mim, pronto, e foi isso.
	Agressão verbal	Lr – Foi, foi muitos berros, foi chegar ao ponto de ser chamada a polícia, mas... por isso é que eu tô a dizer, não sei como é que não chegou à violência física, mas felizmente não chegou.

Tema 7 – Estatutos e papéis na relação entre mulheres e homens

Categories /situação	Indicadores	Unidades de registo
Mulher “doméstica”	Ideia antiga	<p>Le – Acho que isso é uma ideia muito antiga.</p> <p>Le – [Figuras antigas] Sim, pelo menos é aquilo que eu defendo.</p> <p>Lr – Eu acabo por vivenciar um bocado disso porque, eu vivo com meu avô, então digamos que ele acaba por ser de uma geração mais antiga (...), como eu sou da geração mais recente também tenho que bater um bocadinho o pé para as coisas serem equilibradas (...), a ideia dele é que as meninas têm que fazer tudo.</p> <p>Ma – Lá está, acho que a mulher não se deve esquecer, pronto, de si, de viver e de ter as suas coisas e acaba por ter tempo para fazer isso, desde que tenha o resto, que esteja bem, que se sinta equilibrada, para mim é o ideal. Agora, se for só isto e a mulher estiver infeliz, não concordo, acho que a vida é muito mais interessante do que passar um dia em casa a fazer mil coisas e não sei quê, mas lá está, é essa a minha opinião, portanto. A minha mãe e a minha avó adoram passar tempo em casa e passar roupa, adoram, se calhar por que sempre viveram assim, não viveram de outra forma, se vivessem de outra forma e tivesse outra experiência se calhar também, mas pronto, acho que desta forma eu não iria viver.</p> <p>Ma – Não concordo. Acho que, que lá está, isto pode ser partilhado, porque quer um homem, quer uma mulher conseguem perfeitamente estender roupa, lavar o chão também, costura aí já é mais complicado, pronto porque os homens não tem a destreza fina e a habilidade para esses tipos de</p>

		<p>coisa, tal como a mulher não tem para mudar um pneu de carro, portanto acho que pode se adaptar muito aos gêneros também, portanto se calhar aqui, a mulher, a mãe pode fazer ou pedir a alguém para fazer, portanto há coisas que eu... podem ser de cada um e há coisas que podem ser partilhadas, há coisas que o homem tem efetivamente mais jeito e em princípio o que tem mais força, a mulher por exemplo maquilhagem, certas coisas mais de mulher porque tem mais jeito naturalmente e pode ficar para si, o que deve é ser dividido. Certas coisas acho que tem que ser negociado, tem que ser falado e tem que ser chegado a um consenso, ou então pode surgir naturalmente desde que façam sentido para ambos e que um não sinta que está a ter mais ou fazer menos do que o outro.</p> <p>Re – Ontem estive em casa de uma colega minha, que já fica na vila, já fica no meio da vila e é todo diferente aquilo que ali se visse, é interessante que a mãe praticamente mal sai de casa, ahm, está sempre a tratar da casa, essa minha colega tem muitas diferenças entre os tratamentos que os pais têm com ela e o irmão dela porque o irmão dela, pronto, é ligeiramente mais velho do que ela mas tem uma liberdade que não tem nada haver com a dela, ela muitas vezes diz que é a empregada da casa por estar a tratar mesmo da roupa do irmão e de limpar o quarto do irmão, eu as vezes penso, - como é que isso é normal, teu irmão tá no café com os amigos e tu estás aqui atarefada com coisas dele, é interessante porque eu sou mesmo, sou mais da cidade e tive uma coisa muito diferente daquilo que se vive na aldeia, assim realmente são pouco retrógrados.</p> <p>Mc – Ok, ahm, na primeira figura, a figura retrata o papel da nossa sociedade hoje em dia, e isto é algo que tem que mudar muito rapidamente porque, apesar de esse ser o papel da mulher em tempos antigos, que ela limpava a casa e arrumava isso tudo, isso tem que mudar muito rapidamente porque na medida que a mulher foi tendo a possibilidade de votar, tendo esses direitos todos o papel da mulher em si também tem que mudar rapidamente, existe muito este problema que é a mulher fica em casa a limpar e o homem trabalha e descansa, eu penso que se houvesse uma situação em que os papeis se invertessem, se calhar nós como homens percebíamos o quão difícil é estar a fazer isso todos os dias e é algo que tem que ser mudado, muito rapidamente.</p>
	Papéis pré-definidos	<p>Re – É interessante, isto aconteceu anteontem, ontem, já não me lembro, eu fui, e era uma coisa que eu já não entrava a alguns anos, era uma loja de brinquedos, eh, eu tenho uma prima, ela tem 7, 8 anos, e fui a uma loja de brinquedos que era um sítio onde eu não ia há alguns a, e então eu começo a ver, tudo que se passava ali, e fiquei impressionado, quando eles ainda são pequenos,</p>

		<p>como é que já lhes atribuem um determinado papel, é porque a minha prima queria logo comprar os bebés e mais a banheira para os nenucos e não sei quê, e foi super interessante, como é que os miúdos ainda pequenos, já lhes atribuem, já lhe são impostos esse papel, o papel da mulher da cuidadora da casa, dão-lhes até cozinha, os bebés para tomarem conta, como é que já é atribuído esse papel, o papel clássico da mulher que está em casa, ahm, e para os rapazes é logo, tem os legos, as engenharias, foi super interessante.</p> <p>Re – Foi superinteressante compreender isso, tinha sido uma coisa que nunca me tinha ocorrido e por acaso entrei numa loja de brinquedos e fiquei tão impressionado com aquilo e é exatamente isso que acontece um pouco na terceira banda, o rapaz estava a sentir esse peso, o peso que é dado a ser-se homem, ao ser-se rapaz e qual é o papel dele enquanto rapaz.</p> <p>Re – Pronto, há algum tempo estava numa formação e estavam a conversar comigo sobre estes papéis de género e ao mesmo tempo também perguntei também será que não é normal condicionado, quando os pais recebem uma radiografia e sabem que vão ter um rapaz ou vão ter uma rapariga e depois vão logo pintar o quarto seja de azul ou seja de cor de rosa então , será que estamos mal a fazer isso? Será que isso é uma coisa má? Que cor é que talvez devíamos pintar a parede?</p> <p>Edu – No caso dos meus pais, minha mãe sempre foi, não trabalhava ficava em casa, a tomar conta de nós enquanto o meu pai trabalhava, portanto sim, existia sim esta divisão.</p>
	Papel dos pais	<p>Re – É mal estarmos a pintar de azul porque vamos ter um rapaz ou de rosa porque vamos ter uma rapariga, e as vezes também me pergunto, talvez qual é que seria o meu papel enquanto pai, se realmente eu devia fazer isso, e pronto, acho que isso é uma questão muito, muito interessante, acho que isso é quase desconstruirmos, tentar desconstruir o indescritível, porque é preciso realmente ver se é correto, se não é, mas pronto, eu acho que a única coisa que nós podemos tentar compreender é que realmente estão definidos papéis de género logo a nascença e que esses papéis duram a nossa vida inteira, os comportamentos, as nossas roupas.</p>
	Liberdade de escolha	<p>Edu – A questão que coloca faz pensar que isso, a questão que coloca é que isso não é vida, é importante perguntar também o que é que ela faria se pudesse viver e fazer outras coisas. Sim a apresentar, a divisão dos géneros, os papéis fixos.</p> <p>Ro – A segunda tirinha chocou-me por causa da frase – o que a menina pergunta a mãe muito honestamente, e de certa forma, reflito sobre esta banda desenhada, porque, não desta forma, mas</p>

		de certeza que já dei esse mesmo diálogo a entender a minha mãe, certeza, eu lembro-me disso.
	Ausência de vida própria	Mc – Segunda figura é mais ou menos relacionada com a primeira porque a Mafalda pergunta a mãe o que ela gostaria de ser se ela vivesse e é basicamente isso, a mulher não está a viver, porque está sempre a fazer a mesma coisa, está sempre a cozer, está sempre a arrumar a casa, está sempre a estender a roupa.
Homem “doméstico”	Superação de preconceitos	<p>Le – E não é pelo homem trabalhar [em casa] que tem que ser mariquinhas</p> <p>Lr – Tenho meu padrinho que já é de uma geração mais recente, que está nos seus 40 anos, e ele ajuda a mulher e, se for preciso, faz muitas vezes ele as refeições. (...) mas, acho que nós já estamos numa geração que é diferente, porque eles já estão habituados desde pequenos que a mulher não é para tudo, que mulher tem uma vida também, tem seus direitos.</p> <p>Lr – Pois, eu acho que a ideia que se deve ter não por ajudarmos em casa que somos mariquinhas, eu acho que isso faz melhores homens na realidade.</p> <p>Ma – As pessoas têm tendência a ver extremos, a mulher é que deve fazer tudo em casa e o homem é que deve trabalhar fora e não sei quê. E eu acho que isto, é que o equilíbrio, o meio termo é mesmo ideal e isto é muito difícil de conseguir. (...) é importante desmistificar, porque há homens que têm esta ideia ainda, homens e mulheres mesmo, as mulheres também, está nas mulheres a ideia de que toda a vida a mulher é que tratava, então a mulher assumiu aquilo como seu, todas as mulheres viram aquilo como seu... ahm... como se fossem responsáveis por tudo na casa e que, se calhar, é mais difícil pedir colaboração do homem, porque ela própria pegou pra si esses trabalhos, isto é importante desmistificar em todas as pessoas que de facto ajudar não é ser menos que ninguém, ajudar é estar com aquela pessoa, é trabalhar em conjunto, em equipa. (...) ainda não há bem um equilíbrio, uma equidade, ainda não se conseguiu, mas eu espero e eu trabalho muito, agora tenho outra relação e trabalho muito isto em casal, que é fazermos em conjunto, ajudarmos, um dia um faz, outro dia faz o outro, - olha, eu vou arrumar a cama, podes me dar aqui uma ajudinha? Se formos os dois, é mais rápido.</p> <p>Ma – Sim (precisa ser desmistificado), claramente acho que lá está, tem que haver uma colaboração, acho que a mulher percebe mais claramente e há coisas que o homem percebe mais, é tentar arranjar um equilíbrio, há situações na vida em que um vai fazer mais que o outro.</p> <p>Edu – Sim, aqui está a retratar muito a imagem dos papéis de género, é muito o trabalho caseiro, muito o trabalho da cozinha, costura, e os rapazes não referem a qualquer tipo desse trabalho e,</p>

		<p>neste caso o rapaz é gozado por fazer este tipo de tarefas.</p> <p>Mc – Eu penso que se o rapaz quer ajudar a mãe, imaginemos que o rapaz é irmão da Mafalda, nestas duas figuras, o rapaz já está a mudar a sociedade aqui, já está a ajudar a mãe, já está a abrir mais a sociedade em termos de perspectiva, ele diz aqui que é chamado de mariquinha por ajudar a mãe, eu penso que o rapaz não devia pensar nisso porque, se ele está a ajudar a mãe é algo que ele devia ser encorajado a fazer e não reprimido, ou seja, ajudar a mãe, quando a mãe está sempre ocupada é de fato uma coisa boa porque, ela também está ocupada e precisa de ajuda, primeiro ela não tem que ter medo de pedir e segundo as pessoas não têm que ter medo de ajudar porque a opinião da sociedade tem muito impacto em nós hoje em dia e é um bocado por aí porque o que ele está a pensar de lhe chamarem de mariquinhas ou de ser o bonzinho é um rótulo que a sociedade impõe em nós e tem que ser destruído, todos os rótulos que a sociedade impõe hoje em dia, tem de ser completamente destruídos.</p>
Mudança de paradigmas	Respeito (diversidade de gênero)	<p>Ma – Acho que é um tema muito interessante e muito atual porque de facto estamos a viver aqui quase uma mudança de paradigma e a mulher, que era a mulher da casa agora já não é bem, portanto imagina, falta desconstruir muita coisa, é uma questão de géneros, e de homossexualidade, bissexualidade também, falta desconstruir muito, muito mesmo, portanto acho que é um tema interessante e que não era falado mas precisa de ser, não era falado mas precisa de ser.</p> <p>Le – Só para te dar um exemplo, lá em casa acontece ao contrário, meu pai em casa faz o almoço, faz o jantar e minha mãe é que vai para fora trabalhar. (...) Por isso a minha imagem não é muito essa.</p> <p>Le – Mesmo em casa, que além do meu pai estar em casa e cozinhar para nós, meu irmão tem treze anos e já contribui em casa, roupa na máquina, mete a mesa, faz salada, faz o lanche dele sozinho, não precisa de nós para nada para fazer esse tipo de coisa e tem treze anos e já está habituado já, e a minha mãe agora que ele está de férias. – Vou te dar tarefas do final de semana para fazer enquanto está em casa, e ele está sempre a jogar, - pronto tá bem, a tarefa dele noutro dia foi varrer a casa de banho e ele vai lá e faz.</p> <p>Le – Não, todos temos que contribuir um bocado e a parte do homem e da mulher, a mulher fica em casa... E não é pelo homem trabalhar que tem que ser mariquinhas.</p> <p>Re – Essa minha colega por acaso a mãe trabalha, a mãe é professora, o pai por acaso é engenheiro só que não está a trabalhar e acaba por ser o pai que consegue, pronto, por estar mais em casa,</p>

		<p>acaba por ser ele que dá mais apoio.</p> <p>Edu – É a imagem (silêncio) penso que hoje em dia, já não, é óbvio que ainda existem casos assim, que as pessoas podem ser gozadas por estar a fazer algo que seja digamos, mas característico de um género ou do outro, mas penso que está a desaparecer um bocado.</p>
	<p>Distribuição de tarefas</p>	<p>Re – Olha não [sobre não existir diferença em casa], por acaso não porque a nível de tarefas domésticas, ela, não mesmo porque os meus pais, pronto, são pessoas que sempre trabalharam fora, e que sempre viveram muito para o trabalho, ahm, e como tiveram vidas profissionais sempre tão preenchidas e tão ocupadas, as tarefas domésticas tinham mesmo que ser distribuídas por toda a gente e só por toda a gente é que suportaria o barco, se toda a gente ajudasse, por isso não, nunca existiu muito isso.</p> <p>Re – Acho que sim, acho que deve, acho que não vejo problema nisso, agora de possível, quando puderem todos contribuir da sua forma, acho que isso é mesmo o ideal, cada, pronto, cada um poder contribuir de alguma forma, como pode, não sei.</p> <p>Edu – Mais hoje em dia já não, pá eu moro só com a minha mãe e nós procuramos nos ajudar ao máximo.</p> <p>Mc – Não, na minha família nós temos perfeita noção do que isto é, e nós partilhamos as tarefas entre nós, por que este ambiente não está presente na minha família, de todo.</p> <p>Mc – E é algo que tem que ser invertidos os papeis porque a mulher não pode ser sempre a dona da casa porque, mulher é um ser humano também tem vida, também tem um trabalho, também tem coisas, também tem responsabilidades apesar dessa responsabilidade ser grande porque, uma casa não pode, não pode ser responsabilidade só da mulher, então tem que partilhar com ambas as partes se houverem mais, partilhar com todos.</p>
	<p>Seguindo modelos</p>	<p>Mc – Eu penso que se uma pessoa começar por fazer a diferença eventualmente todas as outras vão seguir. Eu posso até dar um exemplo prático disto, por exemplo o namorado da minha irmã trabalha no oceanário de Lisboa, e eles lá não têm sítio para por os carrinhos dos bebés, então, houve uma mulher que chegou e pôs o carrinho do lado entretanto chegou outra e pôs lá do lado, e depois chegou outra e pôs lá ao lado, ou seja sempre que há uma coisa que parece que seja pertinente se uma pessoa fizer, todas as outras vão seguir. Ao fim do dia já estavam lá 10 carrinhos de bebé, e eles não têm um sítio próprio para isso, então é um bocado por aí.</p> <p>Mc – Portanto, se uma pessoa fizer a mudança, depois outra faz e eventualmente toda a gente vai</p>

		começar a fazer.
	Colaboração	<p>Ro – Eu acho que é completamente errado um homem crescer com a ideia de que, ajudar a fazer, fazer pronto, ações básicas para o seu bem estar, e para o bem estar da pessoa que esteja ao lado, acho que uma pessoa crescer com o pensamento que isso é errado e que isso não é função minha, até porque não é uma função estereotipadamente vista como uma função masculina, por ela ser também uma atitude tomada por uma rapariga, ainda por cima quando oferece algum tipo de ajuda para mais pessoas, eu identifiquei-me, identifiquei-me imenso com esta situação.</p> <p>Ro – Eu vejo, via mais isso acontecer, mas então também fiz muito para que eu também fosse uma parte dessa ajuda e tomar a atitude aqui que o menininho toma.</p>

